

Sílvia Maria Guerra Anastácio e Célia Nunes Silva

As Narrativas e o Processo de Recriação do **SUJEITO**

A Semiótica das Metáforas

2ª Edição - Revisada



**As Narrativas
e o Processo
de Recriação do
SUJEITO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Naomar Monteiro de Almeida Filho

Vice-Reitor

Francisco José Gomes Mesquita



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Titulares

Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria do Carmo Soares Freitas

Suplentes

Alberto Brum Novaes

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas

Armindo Jorge de Carvalho Bião

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Cleise Furtado Mendes

Maria Vidal de Negreiros Camargo

SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO
CÉLIA NUNES SILVA

AS NARRATIVAS E O PROCESSO DE RECRIAÇÃO DO SUJEITO

A Semiótica das Metáforas

2ª Edição – Revisada

EDUFBA – 2008

©2008, by Autores
Direitos para esta edição cedidos à EDUFBA.
Feito o depósito legal.

Projeto gráfico, Editoração Eletrônica e Capa
Alana Gonçalves de Carvalho

Ilustração de Capa
Ernesto Diniz

Revisão
Regina Helena Araújo Soares

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

A534 Anastácio, Sílvia Maria Guerra.
As narrativas e o processo de recriação do sujeito : a semiótica das metáforas / Sílvia
Maria Guerra Anastácio, Célia Nunes Silva. 2. ed. rev. – Salvador : EDUFBA, 2008.
182 p. : il.

ISBN 978-85-232-0506-5

1. Psicoterapia. 2. Psicoterapia familiar - Estudo de casos. 3. Análise do discurso
narrativo. 4. Metáfora. 5. Semiótica. 6. Psicolinguística. I. Silva, Célia Nunes. II. Título.

CDU - 94(679)
CDD - 967.9

EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n
Campus de Ondina, Salvador-BA
40170-290
Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

Para

ANASTÁCIO
Patricia Fernando
Tatiana Marcelo

o pequeno-grande mundo das minhas histórias

Agradeço a

Meus pais, Walter de Aguiar Guerra e Marina Matteoni Guerra,
pelo dom da vida e carinho que sempre me dedicaram.

Minha tia Vilma Matteoni de Athayde, cúmplice de importantes momentos
da minha vida.

Célia Nunes Silva, grande amiga e parceira, que me fez conhecer a
Terapia de Família.

Maria Angélica Tosta da Hora, co-terapeuta no Cofam, com quem construí
histórias, jogos e certificados que constam deste livro.

Sílvia Maria

Para

Meus netos:
Alice, Rafael e Rodrigo.

Agradeço a

Meus pais, Fábio de Carvalho Nunes e Sônia de Aguiar Nunes,
pelo exemplo de trabalho e determinação.

Aos meus irmãos: Antonietta, Fabíola, Alberto e Fábio,
com quem aprendi a partilhar e a disputar.

José Américo, Zezo, Lu e Dani, minha família nuclear,
pelo carinho e companheirismo.

Sílvia Maria Guerra Anastácio, amiga-irmã, com quem tenho compartilhado
vários desafios da vida, inclusive o de escrever.

Célia

Agradecemos a

Deus por iluminar o nosso caminho.

Ernesto Diniz e Carol Custodio pela dedicação com que ajudaram a produzir as ilustrações do trabalho.

Regina Helena Araújo Soares pela revisão final do texto.

João Saturnino, que fez críticas construtivas ao trabalho.

Margarida Rêgo e Ângela Teixeira, amigas e terapeutas exemplares.

Todos que trabalham no Cofam e que compartilharam conosco momentos de reflexão durante o curso.

E na EDUFBA, a Alana Carvalho pelo projeto gráfico, a Flávia Garcia Rosa e Diana Tourinho pelo dom de desatar todos os nós burocráticos.

Sílvia e Célia

Uma homenagem especial

Desejamos destacar a figura do Professor Michael White (*in memoria*), um dos mais ilustres pilares da Terapia Narrativa e fonte inspiradora deste trabalho, que construiu, com suas metáforas, 'andaimes' flexíveis e eficientes para ressignificar tantas e tantas histórias.

Sílvia e Célia

PREFÁCIO

O livro *As Narrativas e o Processo de Recriação do Sujeito. A Semiótica das Metáforas* enriquece o saber terapêutico, não se limitando a uma síntese das principais teorias publicadas nessa área, mas acrescentando pesquisas e relatos inovadores sobre Michael White e David Epston. De pronto, resalto a importância desse livro para os estudiosos de terapias narrativas, uma vez que existe a necessidade de textos em português que facilitem a compreensão dos trabalhos criativos dos referidos autores cujas obras não são de fácil apreensão.

Esperamos encontrar neste livro, a partir do título, contribuições sobre os processos terapêuticos baseados em terapias narrativas, mas somos surpreendidos agradavelmente, com muito mais. As autoras oferecem aos leitores uma preciosa compilação do pensamento de terapeutas que «vêm o real como algo que deve ser construído e não descoberto, (...) privilegiando a atitude humilde do não saber e (...) a exploração dos auto-relatos em psicoterapia, abandonando a objetividade, (...) sem deixar de contextualizar as narrativas em um fluxo temporal e significativo, possível de contínuas ressignificações».

Somos agraciados ainda com uma resenha sobre Semiótica e Metáfora, além de explicações esclarecedoras de como Michael White e David Epston empregam uma figura de linguagem tão criativa como um recurso eficiente no processo terapêutico. Ao falar sobre o assunto, as autoras não só o fazem com muita precisão e clareza, mas também fornecem as fontes em que emergem os conceitos basilares da pesquisa, o que muito enriquece esse recontar. Para ilustrar tal recurso, observem-se as explicações dadas sobre resiliência e as implicações das contribuições feministas para as narrativas terapêuticas.

Ressaltamos também o modo como, neste livro, se enfatiza a posição de Michael White ao reconhecer como «as idéias feministas ajudaram a dar forma ao desenvolvimento da terapia narrativa», principalmente através da reedição de histórias de vida, que resgatam a auto-imagem das mulheres, seus valores e compromisso com os filhos. Destaca-se ainda a relevância que Michael White empresta à tradição das mulheres contarem suas vidas perante testemunhas no *setting* terapêutico, o que facilita a detecção de «acontecimentos extraordinários». Sem dúvida, as autoras fazem colocações, interpretações inusitadas e propõem abordagens novas, mesmo para quem

já leu e estudou os textos dos terapeutas mencionados, traduzindo assim um esforço grande para trazer conceitos densos com novas conotações de forma a torná-los mais compreensíveis. Por fim, esses conceitos são discutidos e enriquecidos com exemplos de «conversas de reassociação», que ajudam a recuperar a auto-estima do cliente. Encerram finalmente o texto com a mesma pergunta que o iniciaram, aludindo à perspectiva de circularidade das terapias narrativas.

Através da apresentação de um estudo de caso trabalhado sob o prisma da terapia narrativa, tal abordagem é exemplificada e concretizada. A utilização de metáforas, histórias e jogos que aparecem inter-relacionados de forma criativa e apropriada demonstram como as técnicas da terapia narrativa são capazes de auxiliar a compreensão de como o problema pode atingir cada membro da família e, por sua vez, como cada integrante do sistema interfere na evolução do problema.

Finalmente, desejo esclarecer que quando me dispus a escrever este prefácio, procurei evitar qualquer influência do meu conhecimento e da minha amizade pelas autoras. Abri as portas da alma para o novo, deixando entrar esse novo ar que as alegrias e as benesses de um compartilhar de conhecimentos poderiam proporcionar. A leitura deste livro foi, portanto, significativa para mim e acredito que também será para as pessoas que se deixarem penetrar pelo seu conteúdo enriquecedor.

Profa. Dra. Maria Rita Seixas

Profa. do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina

APRESENTAÇÃO

Articular diferentes campos do saber é um desafio da contemporaneidade em que a ótica interdisciplinar parece ser a tônica vigente. Trata-se de uma maneira instigante de aproximar campos distintos que, até então, pareciam nada ou pouco ter a ver um com o outro. Esta é, aliás, a lógica da construção das metáforas, tropo que funcionou como âncora do presente trabalho e que consegue sintetizar em um terceiro elemento, dois outros que pareciam, à primeira vista, estar muito distantes um do outro. A metáfora, utilizada no escopo da terapia narrativa, tem a grande vantagem de possibilitar que assuntos constrangedores sejam tratados de forma indireta e sutil, que mais sugere do que explicita. Permite-se, então, que uma série de temas ou tabus que, certamente, não viriam à tona, possa ser discutida sem muitos melindres.

Ao buscar uma interseção entre os estudos da percepção propostos pela semiótica e as terapias narrativas, este ensaio valorizou, sobremaneira, os processos de criação da identidade do sujeito em sua rede social ou a gênese de reautorias que fugisse de cristalizações e rótulos que tanto dificultam o desempenho do sujeito. O engessamento de perspectivas, rechaçado por este trabalho, é uma forma limitante e redutora que só traz sofrimento e nada ajuda na reconstrução de histórias familiares mais esperançosas.

Portanto, esta análise, que se apóia em uma trajetória teórica consistente, buscou inovar ao incorporar componentes de outras áreas do conhecimento, em geral, não utilizadas nos estudos de terapia familiar. A partir dessa articulação de saberes, iniciou-se uma discussão clara das narrativas que permitiu uma identificação e análise dos conteúdos que iam aflorando na interlocução com a família trabalhada. Nesse percurso, a gramática e a sintaxe sugeridas por White e Epston foram de grande utilidade nos mapeamentos discursivos realizados.

Acredita-se que a apresentação deste estudo de caso em um formato descritivo e analítico logrou êxito pelo esforço teórico e metodológico empreendido. Teve o mérito de fazer uma ampla síntese que integrou a base teórica sugerida e seus contrapontos empíricos, confirmando a força da fenomenologia dos estudos semióticos para explicar a base empírica do trabalho, ou melhor, os dados colhidos na interlocução entre terapeuta e família.

Além disso, os filósofos contemporâneos, trazidos à baila no bojo do trabalho, com suas múltiplas perspectivas e ênfase em possíveis releituras, abrem caminho à interseção de áreas de conhecimento diversas, sugerindo que nenhuma história é acabada. Que a vida é um eterno devir. Uma vez que nada é permanente e não pode ser tomado como uma verdade absoluta, irrefutável. Tudo é momentâneo, às vezes, até descartável. Por isso, não cabe condenar o sujeito à marginalidade devido a rótulos que lhe sejam imputados e que parecem impregnar o indivíduo, já que qualquer descrição é apenas uma entre tantas outras possíveis. É sempre um recorte, um signo que compõe uma semiose que nunca se completa por inteiro.

Sendo assim, é injusta qualquer discriminação, considerando que essa visão de um multiverso abre a perspectiva da esperança, especialmente porque instaura um novo olhar que pode até excluir ou dissolver o sintoma. Dá-se, então, um novo significado para eventos que antes eram tidos como negativos, mas agora, numa outra redefinição, podem ser considerados positivos e mesmo desejáveis.

Sumário

23 INTRODUÇÃO

Parte I

29 UM ENFOQUE TEÓRICO

29 AS NARRATIVAS TERAPÊUTICAS E SUAS FIGURAS REPRESENTATIVAS

34 TERAPIA NARRATIVA: ANTECEDENTES FILOSÓFICOS E CIENTÍFICOS

43 OS PRINCIPAIS CONCEITOS DA SEMIÓTICA DE PEIRCE

47 A MAGIA DAS METÁFORAS

54 A Externalização do Problema e o Recurso das Metáforas

59 *As Metáforas e os Acontecimentos Extraordinários*

74 O PAPEL DA RESILIÊNCIA NAS HISTÓRIAS ALTERNATIVAS

77 O SELF E AS CONTRIBUIÇÕES FEMINISTAS PARA A NARRATIVA TERAPÊUTICA

81 O DILEMA DA CONSTRUÇÃO DE NOVAS HISTÓRIAS E AS CONVERSAS DE REASSOCIAÇÃO

Parte II

89 UM ESTUDO DE CASO

89 A APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA

89 OS EFEITOS DO PROBLEMA NA VIDA DA FAMÍLIA E DA FAMÍLIA NA VIDA DO PROBLEMA

91 OS PADRÕES RELACIONAIS E A HISTÓRIA DO PICA-PAU

94 OS RETRATOS DA FAMÍLIA

106 A DESCONSTRUÇÃO E A REEDIÇÃO DE NOVAS HISTÓRIAS

106 A CAIXA DE PANDORA, O DESENHO QUE CHORA E O BAZAR DOS SONHOS

127 O ENCONTRO DA CUMEEIRA COM O PICA-PAU E A BATALHA DA VIDA

145 REFLEXÕES FINAIS

149 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

159 ANEXOS

A pessoa não é o problema. O problema é o problema
Michael White

Inumeráveis são as narrativas do mundo
Roland Barthes

A Linguagem não é inocente
Tom Andersen

O meu mundo é o mundo da minha linguagem
Wittgenstein

O Universo não é uma idéia minha,
a minha idéia do Universo é que é uma idéia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos,
a minha idéia da noite é que anoitece por meus olhos.
Fernando Pessoa

Conversa de Zebra

Resolvi perguntar a dona Zebra:

Você é preta de listras brancas?

Ou é branca de listras pretas?

E a zebra me perguntou também:

Você é bom, mas tem maus modos?

Ou você é mau, mas tem bons modos?

Você é barulhento, mas tem horas que fica quieto?

Ou você é quieto, mas tem horas que fica barulhento?

Você é feliz e, às vezes, fica triste?

Ou você é triste e, às vezes, fica feliz?

Você é arrumadinho, mas tem um jeito meio bagunçado?

Ou você é meio bagunçado, mas um jeito arrumadinho?

E a história continuou, e foi, e foi, e foi...

E foi e foi...

Bem, resolvi que nunca mais vou perguntar nada a dona Zebra

Sobre as suas listras

Novamente.



(Shel Silverstein)



INTRODUÇÃO

A história da zebra refere-se não apenas a possibilidades várias de se descrever um mesmo animal, mas também a situações da vida que podem ser filtradas através de lentes diferentes, por pessoas diferentes ou, até, pela mesma pessoa, em momentos diversos. Ora, em primeira instância, nos deparamos com uma zebra branca de listras pretas. Mas uma história alternativa vai falar também de um animal de cor preta com listras brancas. O que constatamos, na verdade, é que essa ambigüidade ou fluidez perceptiva e, conseqüentemente, discursiva, ocorre porque a nossa imaginação é capaz de transformar as imagens do mundo, os seus conflitos, as suas emoções e cores de acordo com a sensibilidade de cada um, de modo que as histórias podem sempre ser reescritas de formas diferentes ou re-significadas. A verdade não se encontra, exclusivamente, nem na primeira assertiva nem na segunda mas, ao mesmo tempo, em ambas.

O enfoque terapêutico tradicional propunha levar o paciente à mudança, visando interferir positivamente no seu crescimento e ajudá-lo a descobrir a verdade que estaria no mundo externo, independente do observador. Era um conselheiro o grande especialista, sempre pronto para emprestar o seu saber ao cliente de modo a fazê-lo enxergar a verdade dos fatos.

Mas, na visão contemporânea, questiona-se onde estaria a verdade, já que ela depende do olhar do observador, que varia de pessoa para pessoa? A narrativa terapêutica contemporânea reconhece que o cliente tem muito a contribuir na terapia, devendo ser motivado a, continuamente, construir, reconstruir, contar e recontar as suas histórias de vida. Nesse processo de re-autoria, em que o cliente aparece como o grande especialista, ele e o terapeuta trabalham juntos na reedição de novas histórias de vida, em que muitas possíveis verdades são aceitas, buscando-se excluir ou minimizar o sintoma. Desse modo, passando a considerar experiências alternativas em sua vida, freqüentemente negligenciadas, estas começam a ser vistas como libertadoras e o cliente vai incorporando outros ingredientes fundamentais para reescrever seus auto-relatos.

Um fato a registrar é que as pessoas continuamente organizam suas histórias, ratificando sempre o mesmo significado a elas emprestado em algum momento de sua história. Ao fazê-lo, percebem que muitos papéis desempenhados em suas vidas estão bloqueados por memórias e percepções



contaminadas por crenças limitantes, as quais lhes restringem a ação. E, como as pessoas significativas da vida de cada um, muitas vezes, validaram ou validam essas histórias dominantes, tendem a deixar de lado outras experiências que não combinam com as referidas crenças. Nesse momento, o indivíduo também descarta ou desconsidera, com frequência, os seus pontos fortes, as suas habilidades, a sua auto-estima ou a sua esperança de um futuro em que possa reeditar histórias alternativas mais positivas.

Tais histórias alternativas oferecem ao sujeito um novo *input*, uma ressignificação, expandindo o repertório de papéis que cada um desempenha na vida. E, do mesmo modo que a história da zebra sugere uma circularidade de pensamento com mais de uma possibilidade, também o sujeito que reedita as suas histórias pode eleger várias outras possíveis leituras, em que a instabilidade, a complexidade e a imprevisibilidade passam a ser a tônica dessa trama.

A terapia narrativa busca quebrar a rigidez da abordagem tradicional, que tendia a fixar e atribuir às pessoas rótulos e molduras bastante previsíveis, caracterizadas por descrições patológicas saturadas de problemas. Por outro lado, a terapia narrativa pós-moderna, cuja estrutura se assemelha àquela dos atores desempenhando os seus inúmeros papéis no palco, motiva o sujeito a usar a imaginação e a criatividade, tornando-o um autor ou construtor, juntamente com o terapeuta, de outras histórias. Essa abordagem terapêutica fundamenta-se em uma epistemologia pós-moderna, que coloca em xeque as crenças e verdades universalmente reconhecidas de forma objetiva; no seu lugar, temos um mundo em constante mudança, em que as pessoas estão sempre refazendo suas próprias identidades, um mundo em que a multiplicidade e a complexidades são negociadas continuamente, dentro de um processo de mudanças. E, segundo Gregory Bateson, qualquer mudança, por menor que seja, é capaz de gerar inúmeras possibilidades alternativas e, ainda segundo ele, “a diferença que acontece, ao longo do tempo, é que chamamos de mudança” (Bateson, 1972: 399).

Ao nos depararmos com toda essa trama de histórias pessoais, marcadas por necessidade de mudança de várias ordens, surgem, ao longo do percurso, situações tabu, difíceis de serem verbalizadas, ou questões delicadas, penosas de se enfrentar. O fato é que a nossa auto-censura busca muitas vezes escamotear o sentido ou o conteúdo manifesto do discurso e, para escapar da censura, fala-se de forma enigmática, tramam-se ardis, dissimulações, tabus. Em contrapartida, para lidar com descrições patológicas, saturadas de problemas das mais diversas ordens, a psicoterapia narrativa fundamenta-



se na força dramática, nas artes de uma maneira geral, em que os tropos ocupam um lugar de destaque. Dentre esses tropos ou figuras de linguagem recorrentes, é a metáfora a que mais aparece nas narrativas terapêuticas.

É fato que, muitas vezes, o ser humano expressa os seus temores, desejos mais íntimos, conflitos ou tabus com certo constrangimento e, até mesmo, algum bloqueio. As metáforas desempenham, então, um papel ímpar no lidar com situações dolorosas e difíceis de serem verbalizadas, permitindo que se possa falar sutilmente sobre conflitos de um modo indireto e evitando certos melindres, na medida em que o sujeito expõe suas feridas, mas, agora, de forma menos vulnerável. Por isso, o objeto deste ensaio em Terapia de Família é estudar como as metáforas podem ter um papel revelador dentro da teia de histórias que emerge ao longo de um processo terapêutico, considerando que, dentro da perspectiva pós-moderna, as verdades não mais assumem um caráter dogmático, uma vez que os significados das histórias das famílias estão sempre se reorganizando.

Este trabalho se propõe a lidar com as histórias das famílias de um modo comprometido com o seu sofrimento, mas, ao mesmo tempo, utilizando uma abordagem lúdica e fazendo uma interseção com a Semiótica, ou a ciência dos signos, preocupada em desvendar os sinais emitidos por todos os sistemas de linguagens. Busca-se compreender o processo de (re) criação das narrativas terapêuticas, elegendo assim, uma visão transdisciplinar. Logo, unindo forças com outras áreas do conhecimento, parte-se do pressuposto de que as ciências que trabalham com as linguagens muito contribuem nas re-significações terapêuticas.

Pretendemos, então, usar as metáforas nessa ressignificação terapêutica, visando: estudar possíveis releituras terapêuticas, nas quais são implementadas histórias alternativas para dissolver o sintoma apresentado; detectar padrões discursivos gerados na interação terapêutica; analisar esses padrões discursivos, com vistas a ressaltar as metáforas utilizadas e a função que exercem na co-construção terapêutica; e perceber até que ponto tal interação pode refletir práticas de autores de terapia de família, que trabalham com narrativas.

Utilizou-se a discussão de um estudo de caso a partir de encontros com uma família cadastrada no Cofam (Centro de Orientação Familiar), propondo-se: a utilização da coleta de dados gravados em fitas de vídeo e transcritas; a observação dos textos que surgiram dessas interações terapêuticas; uma análise do discurso verbal e não-verbal de tais narrativas para destacar padrões recorrentes; a verificação de como as histórias saturadas



das famílias podem ser reescritas com o auxílio das metáforas e trazendo à tona pontos fortes dos participantes, que, muitas vezes, desconsideram o próprio potencial, em meio a tantos conflitos provocados pela história oficial familiar; o rastreamento, nos dossiês das famílias, dos *acontecimentos extraordinários*, que possam servir de ponto de partida para que histórias alternativas sejam reeditadas; e finalmente, a prática da externalização do problema para enfraquecê-lo e, assim, ressaltar a força da família.



Parte I



UM ENFOQUE TEÓRICO

Este trabalho pretende priorizar a contribuição dos terapeutas White & Epston para os estudos das narrativas de família, tangenciando também outros autores preocupados com a construção dialógica e com a questão das narrativas, como Marilene Grandesso, Omer, Tom Andersen, dentre outros, que estimulam a ressignificação das linguagens. Além disso, deseja-se aplicar princípios semióticos da Fenomenologia Peirceana, que serão úteis na interpretação do discurso das histórias analisadas. Logo, faz parte do escopo deste ensaio traçar um breve percurso dos estudos terapêuticos voltados para as narrativas, além de evidenciar como a interação terapeuta-família desenvolve relatos alternativos. Acredita-se que, ao implementarem o uso das metáforas na ressignificação dessas histórias, as famílias, cada vez mais, se tornarão agentes transformadores da própria vida.

AS NARRATIVAS TERAPÊUTICAS E SUAS FIGURAS REPRESENTATIVAS

É importante contextualizar a história das narrativas nas últimas décadas. Por que esse estudo da terapia narrativa é crucial dentro da psicoterapia? Segundo Omer & Alon:

Os clientes chegam até nós, trazendo auto-relatos muito poderosos, mas cheios de auto-retratos embaçados, enredos inexoráveis, temáticas reducionistas e significados que geralmente os desmoralizam. Como podemos competir com essas histórias que não só têm sido bem



ensaiadas, ao longo da vida, mas também se fundamentam em uma evidência seletiva tendenciosa, enfatizando especialmente os seus aspectos negativos? Seriam essas histórias tão persuasivas que o cliente não mais consegue vê-las como simples histórias, mas como partes da própria vida? Por isso precisamos construir, juntamente com o cliente, histórias que sejam menos injustas. Precisamos de um novo auto-retrato no lugar do antigo retrato, um novo enredo no lugar do velho enredo, um novo tema no lugar do velho tema, um novo sentido no lugar do antigo sentido, mas não basta simplesmente escrever uma nova história para substituir a antiga. Para ter sucesso, a nova história deve situar-se o mais perto possível da experiência do cliente para que ele possa se ver nessa nova história; por outro lado, deve ser suficientemente diferente da antiga história para fazer emergir novos significados e novas opções (OMER & ALON, 1997: s.p.).

Um dos primeiros marcos da perspectiva narrativa aplicada à psicoterapia foi o livro *Narrative Truth and Historical Truth/ A Verdade Narrativa e a Verdade Histórica*, de Spence, 1982 (*apud* OMER & ALON 1997). Esse autor refutou a crença freudiana de uma verdade psicanalítica fundamentada em dados neutros e objetivos, em favor das verdades narrativas. Segundo ele, o máximo que se pode desejar é um relato coerente da vida do cliente (OMER & ALON 1997) para substituir o antigo enredo em que ele se auto-destruía.

A idéia dessa verdade narrativa espalhou-se pelas escolas de psicoterapia e o livro de Spence acabou atraindo seguidores. Dentre eles, Schafer que, em *The Analytic Attitude/ A Atitude Analítica*, 1983 (*apud* OMER & ALON 1997) foi ainda mais longe, ao acreditar que não seria nem mesmo possível obter-se uma narrativa coerente. Para ele, tudo o que se pode conseguir são relatos interligados, em constante mudança, que refletem o momento e a relação terapêutica.

Também dentro da tradição psicanalítica, Strupp & Binder (STRUPP & BINDER 1984 *apud* OMER & ALON 1997) propuseram uma terapia breve, baseada na estrutura narrativa dos relatos de seus clientes. Segundo eles, os pacientes perdiam o controle das próprias vidas porque seus auto-relatos eram cheios de lacunas. A terapia deveria ajudá-los a aprimorar essa habilidade de contar os auto-relatos, levando as pessoas a perceberem quais os elos da estrutura narrativa estariam faltando em suas histórias. Assim, a terapia passaria a ser “um curso de gramática de como fazer histórias” (*story grammar*) (Idem).



Fora do âmbito da Psicanálise, foi a vez da Terapia de Família também abraçar as narrativas. O livro de Watzlawick, *The Invented Reality/ A Realidade Inventada* (1984) é uma compilação de artigos escritos por autores que viam o real como algo que deve ser construído e não descoberto. Essa nova abordagem, conhecida como ‘Construtivismo’, teve uma influência decisiva sobre o estudo das narrativas, sendo que o construtivismo psicoterapêutico tem se ramificado de várias formas, fundamentando-se nos seguintes pressupostos:

- a) O conceito de verdade como relativo, múltiplo, histórico e contextual;
- b) A atividade mental humana como uma atividade basicamente pró-ativa [ou seja, capaz de ver além das construções limitadas, fixas, procurando voltar-se para a ação];
- c) A atividade humana como uma atividade hermenêutica [ou seja, que sempre quer interpretar e dar um sentido aos relatos];
- d) A natureza do conhecimento, como fruto da experiência e da ação do indivíduo sobre o mundo e sobre si mesmo;
- e) O papel da linguagem, como construtora da realidade social e como parte integrante dos sistemas vivos (GRAZIANO & APPOLINÁRIO, 1998:241).

Um dos desdobramentos prático das abordagens narrativas tem sido a exploração dos auto-relatos em psicoterapia, desbancando a objetividade da verdade histórica e privilegiando a atitude humilde *do não saber*, assumida pelo terapeuta (ANDERSON & GOOLISHIAN, 1988; HOFFMAN 1985, 1988, 1992 *apud* OMER & ALON1997). Na verdade, o ‘não saber’ significa que o terapeuta, ao atender o cliente, não deve deixar-se levar por uma atitude preconcebida ou preconceituosa, chegando a rotular tal cliente desta ou daquela patologia, ao invés de buscar ajudá-lo; ao contrário, é importante permitir que o relato trazido pelo sujeito seja ouvido e redimensionado através de um processo de co-construção. Juntamente com o terapeuta, o cliente reconstruirá novas histórias mais otimistas e cheias de esperança.

Privilegiando a atitude do “não saber”, o norueguês Tom Andersen se propôs a trabalhar com uma equipe reflexiva (*reflexive team*), estabelecendo um diálogo aberto em que terapeutas e clientes participam de uma conversa ampla sobre o processo, chegando até mesmo a trocarem de lugar. Dentro



dessa linha do “não saber”, percebe-se que, juntos, clientes e terapeutas exploram a ressignificação dos relatos pessoais e

se engajam numa conversa que se torna uma busca pelo ainda-não-visto, pelo ainda-não-pensado, e por compreensões alternativas do que seja visto como problemático. Na medida em que clientes e terapeutas trocam de lugares (...), ampliam-se as possibilidades de mudança [e também de pontos de vista de uma mesma situação] (ANDERSEN 1991, s.p.).

Um tipo de terapia breve, que também lida com narrativas, é a abordagem de De Shazer, O’Hanlon & Weiner-Davis. Privilegiando um processo orientado para a solução, esses autores ajudam os clientes a reconstruir os relatos de suas vidas, sem o problema. Esse modo de trabalhar levaria o sujeito a desistir das narrativas saturadas, na medida em que privilegia caminhos alternativos sem incluir o problema (SCHAZER, 1985, O’HANLON & WEINER-DAVIS 1989 *apud* OMER & ALON, 1997).

O enfoque narrativo chegou a chamar a atenção também dos psicoterapeutas cognitivistas, como Russell (RUSSELL 1991; RUSSELL & VAN DEN BROEK 1992 *apud* OMER, & ALON 1997), que compararam a superação das antigas narrativas pelas novas com o que costuma ocorrer quando uma teoria científica é suplantada por outra. A nova teoria não apenas deve superar a primeira, mas reconhecer e ressaltar a importância da anterior, rendendo-lhe homenagens pelos serviços prestados até então. Os cognitivistas encaram a linguagem como um fenômeno psicológico central dentro do processo de significação e se detêm em analisar o modo como as palavras vão se relacionando entre si para estabelecer uma matriz narrativa. Assim, a narrativa

constitui a matriz fundamental da construção do conhecimento ao impor significação à (...) experiência diária. É a narrativa que nos liga de um modo interpretativo (...) à existência. No fundo, pensamos da mesma forma como existimos, através das narrativas (...). Neste sentido, a narrativa não é algo que escolhemos fazer, mas algo que somos, e, como o ser não é dissociável do conhecer, a narrativa é também aquilo que conhecemos (GONÇALVES 1998, p.21).

Contudo, os relatos não devem permanecer centralizados apenas no indivíduo e, considerando a natureza dialógica do conhecimento, o professor de ciências sociais Shotter defende que devem ser vistos como uma produção



discursiva. Assim, eles são indissociáveis do seu contexto cultural, estando o tempo e o espaço em que as experiências interpessoais acontecem inseridos em uma determinada situação que não pode ser desconsiderada (SHOTTER, 1995).

Uma autora que também lida com as narrativas contextualizadas no âmbito social é Marilene Grandesso. Em seu livro *Sobre a reconstrução do significado*, ela trabalha com a questão dos auto-relatos na pós-modernidade e afirma que as “narrativas que construímos permitem tornar a vida possível”, dando sentido à nossa existência (GRANDESSO 2000, p.9). Essa autora entende por “narrativa a organização por meio do discurso, de termos, símbolos ou metáforas, de um fluxo de experiência vivida, em uma seqüência temporal e significativa” (GRANDESSO 2000, p.199). Segundo ela, as narrativas não são estáticas, mas, ao contrário, estão sempre abertas a re-significações e releituras transformadoras. Contextualizadas no seu âmbito social, Grandesso pontua que elas têm uma dimensão histórica e, por isso precisam ser “negociadas” dentro das comunidades em que circulam (*Ibidem*, 2000).

Marilene Grandesso defende uma abordagem pós-moderna que questiona a visão tradicional de um *self* estável e único; ao contrário, ela o compreende como um processo aberto, construído dentro dos espaços relacionais. Esse *self* identificado como narrador faz parte do processo humano de produção de sentidos através da ação e da linguagem, dentro de um contexto cultural. A autora repensa a terapia como prática de conversação dialógica, acreditando que o terapeuta deve ter uma atitude desconstrutivista, que favoreça a abertura e a edição de novas narrativas.

Um outro pesquisador que vive no Brasil e se tem dedicado ao estudo das narrativas terapêuticas é Jorge Molina Loza. Voltado para as ciências antropológicas e sociais tem com o público-alvo de seus livros pessoas que gostam de refletir sobre suas vidas e a própria existência humana. “Ele nos apresenta um homem histórico para o qual o passado que vive no presente, através de inúmeras manifestações, pode servir de ponto de partida para a construção de um futuro diferente” (Molina 2000, p. XVII). Esse autor transita pelos campos do saber social, da literatura e da psicologia, utilizando a narrativa como um instrumento terapêutico fundamental.

Para Molina, as narrativas constituem um processo inerente ao sujeito, devendo ser contextualizadas no âmbito social e no individual. Mas o que importa, para ele, é o homem histórico, cujo passado, que vive no presente, pode servir de ponto de partida para a construção de um futuro diferente, mais otimista. O autor insere essa perspectiva temporal dentro de uma



dimensão ontológica e acredita que as narrativas constituem o sujeito, mas não o reduzem, pois elas estão fundamentadas em complexos processos de subjetivação. Trata-se de uma poderosa ferramenta terapêutica para a construção do indivíduo, quando acionada “dentro de um campo de comunicação que tem um sentido para ele” (Molina 2000, XVIII).

Além disso, fazemos menção a um trabalho que tem sido considerado sobremaneira influente na contemporaneidade, realizado por White & Epston. Ambos têm desenvolvido uma ampla literatura sobre narrativas, sendo que David Epston vive em Auckland, Nova Zelândia, enquanto Michael White mora em Adelaide, Austrália do Sul.

Coube ao antropólogo Epston utilizar cartas enviadas aos clientes para implementar suas histórias alternativas que iam sendo co-construídas com as famílias trabalhadas. Quanto a Michael White, ele tem se preocupado sobremaneira em propor a externalização do problema como um meio de ajudar as famílias a se afastarem das “descrições saturadas do problema de suas vidas e relações” (White & Epston 1993, p. 21), além de enfatizarem o uso das metáforas nessas externalizações.

No livro *Narrative means to therapeutic ends/Meios narrativos para fins terapêuticos* (1990), os autores explicam em que consiste o enfoque privilegiado em sua prática terapêutica, acreditando que o problema do cliente deve ser externalizado e encarado como uma força que o está subjugando. O cliente deve ser sempre encorajado a se ver ou imaginar como ficará caso consiga ver-se livre do problema. Essa terapia se concentra na busca de *acontecimentos extraordinários* identificados a partir da externalização do problema e que servirão de base para a reedição de novas história que libertam o cliente da dominação do problema. Após esse breve histórico das narrativas e, uma vez definida a psicoterapia como uma área do conhecimento que lida, predominantemente com auto-relatos, convém questionar como as correntes filosóficas que trabalham com as linguagens têm contribuído para a construção das narrativas terapêuticas.

TERAPIA NARRATIVA: ANTECEDENTES FILOSÓFICOS E CIENTÍFICOS

As abordagens terapêuticas, nas últimas décadas, têm sido influenciadas por idéias diametralmente contrárias àquelas defendidas pelos estruturalistas. O estruturalismo é uma corrente filosófica que acredita que tudo poderia



ser compreendido pelo sujeito, bastando que para isso ele entenda as leis ou as estruturas que regem os fenômenos físicos. A idéia básica do estruturalismo, portanto, seria de que existem estruturas fixas que governam tudo, cabendo aos métodos científicos de investigação apreender essas estruturas. Os estruturalistas acreditavam, ainda, que as investigações científicas eram objetivas, confiáveis e aplicáveis a todos os fenômenos, tendo essa abordagem investigativa e exploratória estimulado um grande desenvolvimento das ciências físicas e tecnológicas.

Essas idéias estruturalistas acabaram influenciando também as ciências sociais, atingindo várias áreas do saber, como a antropologia, a sociologia, a psicologia e, naturalmente, a terapia de família. Em todas essas disciplinas, buscava-se apreender as estruturas internas das pessoas, das famílias, das sociedades, da cultura e da língua. Uma das crenças básicas dessa corrente era acreditar que o sujeito podia ser estudado da mesma maneira que os objetos, o que implicava em se observar cada um separadamente, ou seja, sem considerar a sua relação com o outro, além de se pensar que essa observação acontecia de forma neutra, objetiva e imparcial.

No mundo terapêutico, na área da psicologia, acreditava-se que se poderia descobrir a verdade que existe no mundo exterior e dentro de cada sujeito, bastando para isso ‘descascar’ as camadas do *self*, como se fosse possível fazê-lo. Isso porque o estruturalismo acreditava que bem lá no fundo, em algum lugar, se poderia encontrar o âmago do *self* e, portanto, a verdadeira identidade de cada um. Tais idéias levaram os terapeutas a acreditar que o comportamento das pessoas era condicionado por estruturas fundamentais, sendo esses profissionais encorajados a buscar as verdades emocionais e psicológicas do sujeito para, então, poder interpretá-las e diagnosticar o que havia de errado com o comportamento do cliente.

A corrente estruturalista comungava com o pensamento moderno de que havia uma verdade dentro do universo de cada indivíduo a ser descoberta. O paradigma tradicional moderno era pontuado pela simplicidade, que se pautava na busca de relações causais lineares, acreditando-se que era possível isolar o mundo complexo em partes para daí entender cada uma separadamente. Buscava-se encontrar parâmetros de análise que defendiam os critérios de estabilidade, previsibilidade e objetividade, repousando na falácia de que era possível conhecer o mundo e os fenômenos objetivamente (Esteves 2002).

Na mesma linha de pensamento, estava situada a cibernética de primeira ordem. Do grego *kybernetiké, téchne kybernetiké*, significa “a arte do piloto” (Esteves 2002, p.214). É a ciência que estuda as comunicações e o sistema



de controle não só dos organismos vivos, mas também das máquinas. Essa cibernética postulava a “circularidade ou recursividade, como o mecanismo causal necessário para garantir a estabilidade do sistema” (Grandesso 2000, p.124). Buscava reverter qualquer tendência à desordem e ao desvio ou, mesmo, ao caos, para garantir a estabilidade do sistema. O observador mantinha-se separado do sistema observado, esforçando-se para conhecê-lo e operá-lo através de estratégias usadas para corrigir os desvios. O terapeuta de família, influenciado por esse momento cibernético, tinha como prática intervir sobre o sistema para modificá-lo em uma direção previamente definida e que fosse considerada a mais funcional possível para aquele sistema. A cibernética de primeira ordem teve um segundo momento quando se enfatizou não mais a retroalimentação negativa, visando corrigir o desvio, e sim a retroalimentação positiva, que ampliava o desvio. Esse segundo momento, denominado por Maruyama (1968) de segunda cibernética da Cibernética de primeira ordem sugeria, entre outras intervenções, a prescrição do próprio sintoma, esperando com isso, que o sistema se modificasse e se adaptasse ao contexto.

Já a segunda cibernética foi influenciada pelos estudos do físico Prigogine, que acreditava na possibilidade de sistemas que existiam afastados do equilíbrio, dentro de uma ordem por flutuação. Prigogine se refere às perturbações que desviam o sistema do seu equilíbrio como ampliações de flutuações próprias do sistema (...), mas mantendo uma coerência interna com ele (Prigogine & Stengers 1984). Portanto, nessa fase, há uma maior tolerância ao caos e à desordem, apostando-se em critérios como instabilidade, imprevisibilidade e complexidade. Também na linha da física quântica, Heisenberg influencia a cibernética de segunda ordem, postulando o princípio da incerteza e duvidando da possibilidade de uma observação objetiva do fenômeno, numa posição em que o observador esteja independente do observado. O lugar do observador também muda, pois ele será visto como parte integrante do sistema com o qual vai inter-atuar (Grandesso 2000, p. 128-129).

O terapeuta não é mais um observador externo, agora é parte do sistema. Ele não intervém, mas ao invés disso, co-participa do sistema, sendo capaz de co-construir mudanças.

Trata-se de uma terapia chamada de sistêmico-cibernética, que reúne as linhas de pensamento mais relevantes no campo da psicoterapia do século XX, ao aproximar a teoria sistêmica da teoria cibernética de segunda ordem ou construtivista. O paradigma construtivista ou narrativo teria influenciado sobremaneira a exploração dos auto-relatos em psicoterapia. A grande



diferença da cibernética de segunda ordem em relação à cibernética de primeira ordem diz respeito à questão da auto-referência, implicando necessariamente na impossibilidade de separação entre o observador e o sistema observado. Aí entram as afirmações de von Foerster (1960) e Maturana (1997) sobre tudo o que é dito é dito por um observador; os sistemas humanos passam a ser considerados sistemas lingüísticos e se ingressa no campo do significado na construção do conhecimento. Enquanto na cibernética da primeira ordem os sistemas são considerados como podendo ser operados de fora, na cibernética de segunda ordem, os sistemas são considerados autopoieticos, portanto, produzindo sua própria mudança, que decorre de dentro da organização sistêmica. Daí Maturana afirmar que não existe a interação instrutiva. Na cibernética de segunda ordem, não se opera mais com os conceitos de *feedback*, uma vez que se lida com a imprevisibilidade, a incerteza, a complexidade e o acaso. Portanto, não se pode prever ou determinar a natureza da mudança.

No que se refere ao pensamento sistêmico, buscou-se tirar o foco do indivíduo para enfatizar os sistemas em que este se encontra. A visão sistêmica parte do pressuposto de que existe uma relação ou interdependência entre todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos sociais e culturais –, e que as propriedades essenciais de um organismo ou sistema vivo são propriedades do todo. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema se fragmenta em elementos isolados (Capra 1999, p.40).

A abordagem sistêmica enfatiza princípios básicos de organização, vê o mundo como uma teia complexa de relações constituindo totalidades integradas, cujas estruturas resultam das interações e da interdependência de suas partes. A ciência sistêmica, portanto, mostra que os sistemas vivos não podem ser compreendidos por meio da análise de suas partes isoladamente, já que suas propriedades não lhes são intrínsecas, mas estas só podem ser entendidas dentro do seu contexto. Uma característica dos sistemas é ter uma natureza dinâmica, já que as suas formas não são estruturas rígidas, mas manifestações flexíveis. Enfatiza-se o processo, não as entidades isoladas.

Von Bertalanffy (1968, p.33) afirmava que os sistemas são “complexos de elementos colocados em interação”, pressupondo-se que o conceito de sistema perpassava por diversos campos do conhecimento interligados. Assim, se os elementos fossem seres humanos, o que importava era considerar os seus comportamentos comunicativos as suas relações. Os elementos desses sistemas interacionais tinham de ser, então, descritos não como indivíduos,



mas como pessoas-comunicando-com-outras-pessoas. Nesse caso, o importante não era o conteúdo da comunicação *per se*, mas, o aspecto relacional da comunicação (Watzlawick *et al.* 1967, p.110).

Essa abordagem sistêmico-cibernética, que comunga com as idéias do pós-estruturalismo, bem como as da cibernética de segunda ordem, harmoniza-se com os estudos de filósofos contemporâneos, como Derrida e Michel Foucault. Esses filósofos contradizem o estruturalismo, instaurando um olhar mais plural, mais aberto e menos rígido em relação aos fenômenos observados. Portanto, se alinha com o pensamento sistêmico-cibernético voltado para o aspecto relacional da comunicação, e entendendo que todas as expressões da vida são unidades de significado e de experiência. Logo, são essas expressões que dão sentido às nossas próprias histórias, ao grande texto da nossa própria vida (White 2004).

Derrida influenciou White & Epston com a sua visão desconstrutivista do texto. O filósofo desenvolveu um método de leitura em que exercita uma prática fundamentada na teoria da desconstrução. Segundo ele, cada termo dentro de uma descrição contém o próprio signo ali apresentado e um outro signo que a ele se opõe, o seu outro. Este outro é um signo ausente que pode ser lido nas entrelinhas, sugerindo o que está implícito no enunciado (Derrida 1978).

Partindo da idéia de Derrida, White tece considerações sobre o desconstrutivismo, que, aplicados à prática terapêutica, sugere escutarmos atentamente as pessoas, para identificar, nas suas expressões, o que está implícito ou mesmo as descrições ausentes desses relatos. O fato é que muitas das considerações que o indivíduo faz sobre a própria vida e compartilha com o terapeuta implicam no que não está dito, no que está ausente, e o terapeuta, através de perguntas, deve rastrear exatamente o que está ausente, o que falta, para obter descrições mais ricas e minuciosas do problema. O que está implícito pode incluir não só os medos de cada um, como também as esperanças, os sonhos, os desejos, as promessas, as expectativas de vida que, se descritos com riqueza de detalhes, levarão provavelmente as pessoas a identificarem a sua força interior; as suas habilidades, qualidades, metas, ou seus conhecimentos, seus pontos fortes, e assim, terão um registro mais claro, mais nítido da própria identidade (White 2000, p.37-38).

A terapia narrativa foi também influenciada pelas idéias de Foucault (1979), historiador francês que se dedicou a estudar os sistemas de poder, dentre outros temas, tendo explorado essa questão na prática terapêutica. Enquanto o poder tradicional era visível, imposto e exercido de cima para baixo, possuindo as figuras centrais do rei e da rainha o monopólio de



tudo, o poder moderno atua subliminarmente. Ele requer a participação ativa das pessoas, que agem como seus instrumentos. Além disso, dá forma às suas vidas, às suas relações, às suas identidades, já que os indivíduos dominados sempre agem de acordo com as normas culturais que lhes são impostas. O homem contemporâneo é uma consequência desse poder invasivo, mas também um veículo desse poder que toma conta de todas as áreas da vida, que está em toda parte para ser percebido, até nas relações mais íntimas (White 2004).

Mas Foucault reconhece que nem todo poder é ruim e que cabe a cada um saber gerenciá-lo com práticas e estratégias eficientes. Defende a seguinte idéia:

Uma forma de (...) comunicação em que os jogos da verdade pudessem circular livremente, sem quaisquer obstáculos, constrangimentos ou efeitos coercivos parece uma Utopia. Temos que admitir que as relações de poder não são intrinsecamente ruins, mas o que temos de fazer é libertar nosso *self*. Não acredito que exista uma sociedade em que não haja relações de poder (...); o problema é não tentar dissolvê-lo na utopia de uma comunicação perfeitamente transparente, mas sim, cada um estabelecer suas próprias leis, ou suas técnicas de gerenciamento, e de ética (...) para que esses jogos de poder atuem dentro de um espaço com o mínimo de dominação possível (Foucault 1988, p.18).
(...)

Para Foucault, os objetos do mundo social que nos são familiares, quer se trate de doença, morte, loucura, sexualidade, etc..., não são 'coisas' dissociadas e independentes do discurso. Só acontecem no discurso e através de práticas discursivas que envolvem os objetos em questão (...). O discurso não é um conjunto limitado de práticas linguísticas mas se compõe de todo um conjunto de atividades, acontecimentos, objetos, ambientes (...). O discurso e a prática andam lado a lado (Foucault 1973, p. 17).
(...)

Afinal, transformar a vida das pessoas em um texto escrito não é mais um procedimento que tenha de registrar apenas fatos heróicos. Costumava funcionar [r, no passado,] como uma estratégia de objetivação e domínio, para controlar a vida cuidadosamente registrada dos pacientes de saúde mental ou dos delinqüentes. Esse procedimento pertence a uma política fundamentada na importância do texto escrito. (Foucault 1979, p. 192).



Logo, Foucault defende a importância da disputa de poder que ocorre em toda e qualquer relação humana, dentro da complexa rede social em que se vive, cabendo ao indivíduo posicionar-se frente a esse poder. Um dos recursos de que se dispõe para reduzir essa dominação é a força do próprio discurso, dos auto-relatos, das narrativas.

Foucault denuncia que os primeiros registros ou relatos da vida dos delinqüentes ou dos pacientes de saúde mental tinham o intuito de transformar a vida das pessoas em um texto escrito, controlando todos os seus passos e, assim, ver o indivíduo, não como sujeito de suas ações, mas como mero objeto cujo comportamento tinha de ser dissecado e analisado (Foucault 1979). Tal era o costume das prisões e instituições nos séculos XVIII e XIX, no ocidente. Naquele contexto, o indivíduo não tinha como lutar contra o poder que o oprimia porque os seus relatos, o seu discurso, tudo era usado contra ele, já que não tinha voz própria.

Também, reconhecendo hoje a força do discurso na vida do indivíduo, M. White desenvolve um tipo de “terapia de mérito literário” (White & Epston 1993, p. 33). Nos registros escritos evidenciados na terapia narrativa por eles defendida, é o próprio cliente que constrói a sua história, em co-autoria com o terapeuta ou até com a ajuda de testemunhas externas que sejam, por ventura, convidado a participar da sessão.

As perguntas de externalização do problema constituem sua marca registrada, pois White acredita que, quando as pessoas estão empenhadas em descrever os seus problemas através de um discurso externalizador, voltam a ser os protagonistas de suas próprias histórias. Ao falarem sobre os efeitos desses problemas em sua vida ou do modo como elas próprias influenciam a vida dos problemas, podem tornar-se sujeitos do discurso, na medida em que conseguem ter um distanciamento das questões que as afligem. Portanto, não mais são vistas como objeto, como no caso do domínio opressor denunciado por Foucault, mas como sujeito dos seus relatos.

Por outro lado, quando os indivíduos se enxergam apenas dentro de uma história saturada ou de descrições problemáticas da própria vida, eles não se libertam de suas narrativas negativas, mas têm de buscar uma autoridade investida de poder disciplinar ou de conhecimento para intervir sobre esses relatos de identidade. Logo, ao invés de ficarem libertas, cada vez mais se sentem dominadas por alguém que, investido de um saber, estará ali para diagnosticar ou rotular o problema do outro.

Como reação a essa atitude dominadora, surgiu a terapia narrativa, na Europa, na década de 1960, de natureza pós-estruturalista e pós-moderna, influenciada por áreas como a filosofia crítica, a antropologia



cultural, a linguística, a teoria literária e a sociologia, bem como a arte, a educação, a arquitetura, a matemática e a física. O pós-estruturalismo teria desafiado as formas dominantes de poder e as relações de gênero, colocando em xeque os efeitos do patriarcado sobre a sociedade e defendendo não um *self* feminino e um *self* masculino, mas propondo, em seu lugar, uma multiplicidade de femininos e masculinos (Russell & Carey 2004).

O estruturalismo pensa que:

- O objetivo da pesquisa é buscar as “estruturas profundas” ou as “verdades essenciais” das pessoas;
- A busca das “estruturas profundas” ou das “verdades essenciais” pode ser objetiva;
- A “estrutura profunda” (ou o âmago do *self/inner self*) dá forma à vida;
- As idéias, os problemas e as qualidades de cada um estão ligadas a algum *self* interno;
- As identidades são fixas e essenciais, podendo ser encontradas no âmago de nossos *selves* (*inner-selves*);
- As identidades são sempre consistentes.

O pós-estruturalismo pensa que:

- O importante é investir nossa atenção nos efeitos reais (...) de uma pluralidade (...) de verdades essenciais;
- O que buscamos, acreditamos e o contexto de onde viemos são responsáveis pelo nosso jeito de ser e pelo que iremos encontrar;
- A linguagem e o uso da linguagem desempenham um papel essencial na vida de cada um;
- O que as pessoas dizem, fazem e como elas se relacionam umas com as outras dão forma à sua vida;
- Os significados que atribuímos aos acontecimentos de nossa vida e como os organizamos em histórias sobre nós mesmos e os outros é que dão forma à vida;
- As nossas idéias, os nossos problemas e as nossas qualidades são frutos da cultura e da história. Foram surgindo ao longo do tempo e em determinados contextos;



- As nossas identidades são constantemente criadas em relação aos outros, às instituições e às relações mais amplas de poder;
- As nossas identidades são fabricadas e continuamente refabricadas a partir de muitas histórias (algumas vezes, contraditórias).

O pensamento pós-estruturalista nos convida como terapeutas a:

- Ajudar as pessoas (quando for relevante) a deixar de regular suas vidas [predominantemente] pelo modo como certas normas sociais dizem que *deveriam agir*;
- Questionar a “objetividade” terapêutica, a sua “expertise” ou o seu saber (...);
- Questionar as idéias preconcebidas e as hipóteses sustentadas pela linguagem terapêutica;
- Considerar o modo como às histórias, os rituais e outros aspectos performáticos são relevantes para se compreender o processo terapêutico;
- Externalizar idéias, problemas e qualidades nas conversas terapêuticas;
- Levantar em conta o modo como cada conversa terapêutica dá forma à identidade (até certo ponto) não só da pessoa que procura a consulta terapêutica, como também do terapeuta;
- Pensar como podemos envolver testemunhas para apreciar o trabalho que está acontecendo na sala de terapia;
- Desenvolver práticas para registrar os efeitos da conversa terapêutica sobre aqueles que vêm para a consulta;
- Considerar como as histórias de vida dão forma à vida de cada um e como a terapia pode ajudar o cliente a construir descrições mais ricas de suas histórias alternativas de identidade (Russell & Carey 2004, p.96-97).

Em suma, as idéias pós-estruturalistas têm ajudado as práticas terapêuticas a entender que: a) a visão do terapeuta não pode ser neutra, objetiva, ou isenta de partidarismo, pois, se por um lado, a terapia afeta o cliente, também a sensibilidade do terapeuta é afetada pelas histórias que ouve; b) os estudos



de caso devem ser considerados dentro do seu tempo, contextualizado no local em que estão inseridos e com relação a outros acontecimentos, tendo-se o cuidado de não diagnosticar, rotular os comportamentos como normal ou anormal, acatando certas normas preconceituosas da sociedade; c) as identidades não são fixas e acontecem dentro de uma rede de relações com o outro, sendo socialmente construídas, e sofrendo, portanto, influência da história, da cultura, do gênero, da sexualidade, da classe e de outras relações de poder mais amplas.

Portanto, a ciência saiu da época da modernidade, em que se buscava descobrir ou desvelar a verdade absoluta e em que se pretendia que as identidades tinham de ser mais estáveis para um momento em que o saber é visto como complexo e a verdade passa a ser um consenso momentâneo dos especialistas. O fato é que o conhecimento está sempre em construção e aberto para ser, em qualquer momento, questionado e reconstruído, tal como um caleidoscópio que é constantemente refeito.

A Semiótica Peirceana, cujo principal mentor foi Charles Sanders Peirce (1839-1914), se debruça sobre a estética do inacabado e servirá de eixo teórico para este ensaio. A sua fenomenologia da percepção, sempre atual e amplamente utilizada no estudo das linguagens verbais e não verbais, será aqui aplicada ao estudo das narrativas terapêuticas.

OS PRINCIPAIS CONCEITOS DA SEMIÓTICA DE PEIRCE

A palavra 'Semiótica' vem do grego *semeion*, que quer dizer signo, e *sêma*, que significa também signo ou ainda, um sinal ou algo que está no lugar do objeto ausente e por ele representado. É a ciência que estuda a *semiose* ou a ação do signo (Santaella 1994, p. 7). Dentro da Semiótica peirceana, falamos de *semiose* ou *processo auto-gerativo de signos*, que corresponde ao crescimento de idéias ou construção de sentido em uma determinada direção. O processo de criação é um processo auto-gerativo de signos, um sistema orgânico em movimento, em constante evolução e que persegue uma meta (Santaella 1994, 2, p. 157).

A palavra percepção, uma das preocupações basilares da Semiótica de Peirce, origina-se de *percipio*, que, por sua vez vem de *capio*, que quer dizer agarrar, prender, tomar com ou as mãos (...). Portanto, a percepção parece estar ligada ao sentido do tato, o qual possivelmente conduz a visão, pois, como afirma o filósofo Merleau-Ponty, ver é ter à distância. O olhar parece querer apalpar as coisas a fim de desvendá-las. Através do olhar, pode-se



chegar ao conhecimento, ao intelecto, aos olhos do espírito e, desse modo, atingir certo saber sobre os fenômenos do mundo (*apud* Chaui 1993, p. 40)

Um conceito fundamental dentro dos estudos fenomenológicos da Semiótica peirceana é o do signo. Reconhece-se este como um sinal que se coloca no lugar de algo, que se tenciona representar. A partir da relação de representação que o signo mantém com o objeto representado ou referente, produz-se, na mente interpretadora, um outro signo, que traduz o significado do primeiro. Este é sempre um outro signo, dentro do processo infinito da *semiose* ou ação *sígnica*, quer se trate de uma imagem mental, ou uma imagem palpável, uma ação ou mera reação gestual, uma palavra ou mesmo um sentimento. Entendemos, portanto, que receber e passar uma informação faz parte de um processo de *semiose*. E, como esse processo interpretativo de ressignificação é aberto ao infinito, a característica essencial do signo reside na sua incompletude.

Peirce se refere aos *efeitos ou interpretantes* que o signo produz sobre o indivíduo que é alvo de uma determinada percepção. É preciso lembrar que interpretante não significa intérprete; é um processo relacional que se cria na mente do intérprete. A partir da relação de apresentação que o signo mantém com seu objeto, produz-se na mente interpretadora um outro signo que traduz o significado do objeto. Portanto, o interpretante será sempre um outro signo, e nesse processo, embora o intérprete faça parte do processo cognitivo, o signo em si carrega um potencial interpretativo antes mesmo de encontrar um intérprete qualquer.

De acordo com esse teórico, o signo tem *três interpretantes* ou produz três tipos de efeito sobre o intérprete: o *interpretante dinâmico*, o *imediate* e o *final*. O *interpretante dinâmico* é o “efeito que o signo efetivamente produz no intérprete” (Santaella 1992, p. 196). O segundo, o *interpretante imediato*, “é o potencial que ainda não veio à existência” ou “é uma possibilidade de significação inscrita no signo” (Santaella 2002, p. 167-8); logo, são os efeitos que qualquer signo pode causar na mente do intérprete. E o *interpretante final* é “uma regra ou padrão para o entendimento do signo” (Santaella 2002, p. 167); esse padrão poderia ser visto, então, como uma síntese lógica, racional, que rege o processo de decodificação *sígnica* que estiver sendo observado. Para Santaella:

se fosse possível atualizar todos os interpretantes de um signo, chegaríamos à sua verdade ou ao interpretante final. No entanto, estamos sempre a meio caminho (...). Nenhum signo tem o seu fim predeterminado. A *semiose* é um processo aberto (...). (1992:197).



Um outro conjunto de conceitos da semiótica peirceana aplicável a este trabalho se refere ao modo como o objeto pode ser apresentado: como *objeto imediato* e como *objeto dinâmico*. O *imediato* é a forma como o signo traduz esse objeto, ou seja, o recorte que se elege para apresentá-lo ou traduzi-lo. É o que se encontra dentro do signo quando ele está sendo apresentado: “é o objeto sob uma descrição específica” (Savan 1981, p. 323). Logo, essa apresentação relativa de um objeto, Peirce denomina de *objeto imediato* do signo.

Quanto ao *objeto dinâmico*, este é um tipo de referência que não cabe dentro de nenhum signo específico, pois está fora e além de qualquer signo específico apresentado. Trata-se daquilo que deu oportunidade ao surgimento de um determinado signo e ao qual nunca se tem acesso direto na sua totalidade, mas apenas a simples recortes de algum ou alguns dos seus aspectos.

Pelo fato do homem constituir-se em um projeto em construção, os recortes do signo são parciais, sempre recorrigidos. Esse recorrigir-se ou reajustar-se constitui um axioma básico da doutrina de Peirce, relacionado a uma lei da mente, o *falibilismo*. Segundo essa lei, Peirce admite que o conhecimento humano é falível, premissa que exclui qualquer possibilidade de se chegar a uma certeza absoluta sobre qualquer fato. O conhecimento lida com probabilidades, ficando, assim, afastada a utopia do conhecimento absoluto (Peirce 1955).

Essa construção, sempre inacabada e falível, leva o sujeito a utilizar algumas ferramentas que o ajudem a alcançar as metas a que se propõe. Peirce chama a esses recursos utilizados pelo sujeito para captar o objeto de sua percepção de *causação eficiente*. E, nessa caminhada, o indivíduo é estimulado por um prazer e um amor que o impulsiona para adiante, na busca de atingir uma perfeição e cumprir sua meta. Esse élan vital, que energiza a sua busca, Peirce denomina de amor criativo ou *agapismo*, que o sustenta rumo ao processo de *causação final*, que é, para Peirce, a própria meta ou o propósito que se deseja alcançar. Trata-se de uma atração, de um fascínio por uma idéia que se resolve abraçar, sendo a mente seduzida por essa idéia, e o agapismo lhe dá forças para suplantar todos os possíveis obstáculos que se interponham no caminho entre ele e seu objetivo percebido.

A percepção, segundo Peirce, pode funcionar como um arcabouço teórico competente para que se possa compreender melhor o universo. A proposta de Peirce é se debruçar sobre o fenômeno da percepção que, para ele, ocorre em três níveis, que denomina de *ícone*, *índice* e *símbolo*. O *nível simbólico* é o mais abrangente e nele estão inclusos os padrões, as leis, as



regras, as convenções culturais, as idéias mais gerais sobre o que é percebido, enfim, as sínteses que o indivíduo constrói sobre o fenômeno. Um outro nível da percepção é o *indicial*, que sugere o embate entre o sujeito e o objeto percebido, correspondendo ao objeto, gerando no indivíduo uma reação que, por sua vez, estimula o intérprete a continuar agindo sobre o objeto; novamente, este poderá ser tocado pelo objeto modificado, o que gera uma nova reação no sujeito, criando um ciclo ininterrupto de ação e reação. É o que ocorre no dia-a-dia de nossas vidas, em que o embate pela sobrevivência acontece; logo, as ações cotidianas estariam no segundo nível de percepção. Esse nível indicial sempre aponta para uma situação singular, para um estudo de caso, e não para casos ou circunstâncias gerais, ou tipos, como ocorre nos símbolos. Então, uma seta, um dedo apontador, uma flecha, ou pegadas na areia são vestígios, rastros, indícios que denotam uma relação entre um sujeito e uma determinada circunstância, ou seja, cada um desses sinais aponta para objetos ausentes aos quais o sinal ou signo remete. Finalmente, o nível mais simples da percepção é o *icônico*, que se refere às primeiras impressões que o objeto desperta no indivíduo, quer pela sua forma, cor, aroma, tato, gosto. Tem a ver, predominantemente, com as sensações de prazer e desprazer, com as emoções, com os sentimentos. É pontual e puro sentir. O signo icônico atua também por semelhança, levando o intérprete a fazer analogias entre elementos aparentemente díspares, como é o caso da metáfora, que se aloja neste primeiro nível de percepção, o icônico. Esta percepção primeira é tão instantânea que se o sujeito quiser interpretar essas sensações, não mais estará no nível icônico, mas sim, no nível indicial; ou seja, aquele da ação e reação; ou se, ainda adiante, fizer uma síntese interpretativa e elaborar uma regra a partir daquela sensação inicial, estará transitando no nível simbólico. Ou seja, esses três níveis caminham de um sub-conjunto menor para um maior, sendo o sub-conjunto menor o icônico; o intermediário seria o indicial; e o conjunto maior constituiria o simbólico. Pode-se fazer, então, uma analogia entre o esquema de entendimento desses conceitos e as bonecas russas que se encaixam uma dentro da outra. Portanto, o único conceito que não permite subdivisões seria o ícone.

Assim, esse campo de investigação perceptiva é vasto e ambicioso, já que a percepção acontece nestes três níveis: o icônico, o indicial e/ou simbólico. Assim, Peirce procura dar subsídios para a compreensão de qualquer fenômeno, inclusive o da linguagem, propondo-se a desvendar os segredos do universo, ao classificar e descrever os mais variados fenômenos.



A MAGIA DAS METÁFORAS

A metáfora é uma imagem discursiva e usar as palavras metaforicamente significa empregá-las no seu sentido figurado ou icônico, pois sugere uma analogia ou semelhança entre dois elementos distintos. Logo, expressar-se de forma figurada ou através de metáforas é pintar com as palavras, é utilizá-las no seu sentido conotativo, secundário, associando a essas palavras um valor emocional, e não enfatizando o seu nível denotativo, ou literal.

A primeira análise da metáfora, feita por Aristóteles, alude ao que chamamos de função semântica da imaginação e, por consequência, do sentimento que se expressa através do uso figurado da linguagem. Na verdade, imaginação e sentimento sempre estiveram intimamente ligados nas teorias clássicas da metáfora, e não podemos esquecer que a retórica se define como a estratégia do discurso que visa persuadir ou agradar. Portanto, uma teoria da metáfora que não privilegiasse o sentimento no processo metafórico soaria, no mínimo, como falsa ou incompleta (Ricoeur, 1992).

Segundo Aristóteles:

O dom de elaborar metáforas depende da capacidade de ponderar sobre semelhanças. A clareza de boas metáforas resulta de sua capacidade de “colocar frente aos olhos” o sentido por elas exposto (...), a sua função pictórica. A própria expressão ‘figura de linguagem’ implica em que na metáfora, como em outros tropos ou recursos de expressão, o discurso toma o formato de um corpo, assumindo formas que geralmente caracterizam a face humana, a figura do homem; como (...) se o discurso assumisse uma exteriorização *quasi corporea*. Ao dar à mensagem a capacidade de atuar como um retrato, os tropos fazem com que surja o discurso (*apud* Ricoeur 1992, p. 146).

A teoria aristotélica da metáfora, vista como figura de retórica e com a única função de ornamentar, vigorou durante muito tempo e, por isso, é ela que a maioria das pessoas ainda tem em mente quando se fala desse tropo. Mas desafiando tal tradição, especialmente a partir de 1970, tem-se questionado o dogma retórico da metáfora (Zanotto 1998). Para Lakoff & Johnson (1980), a visão de que a metáfora só servia para ornamentar, sem função informativa, opõe-se ao do mito do pragmatismo e do objetivismo, próprio da filosofia ocidental.

Com a mudança paradigmática que vem ocorrendo nos últimos vinte e cinco anos, a metáfora está sendo reconhecida como um importante instrumento nos processos perceptuais e cognitivos. A grande contribuição



de Reddy (1979), bem como a de Lakoff & Johnson (1980) foi enfatizar o caráter cognitivo metafórico que permeia a linguagem do nosso dia-a-dia (Zanotto 1998).

Lakoff & Johnson demonstram, no livro *The metaphors we live by*, 1980, que os processos do pensamento humano são amplamente metafóricos. Não mais considerada uma simples figura de linguagem, com o único objetivo de ornamentar, é hoje um fenômeno discursivo de valor cognitivo, orientador de nosso pensamento e de nossas ações. A sua construção pressupõe um grau avançado de percepção e de abstração, uma vez que a metáfora advém de uma comparação entre coisas que poderiam soar como diferentes, mas aquele que a cria percebe não só as diferenças quanto as semelhanças entre os elementos aludidos (Dell’Isola 1998).

Quanto ao conceito de metáfora proposto por Lakoff & Johnson (1980), este revela que o nosso sistema conceitual busca recursos metafóricos para expressar uma infinidade de conceitos. Para tais autores, o indivíduo usa esses recursos no seu dia-a-dia, sem mesmo dar-se conta deles, pois os processos do raciocínio humano são em grande parte metafóricos e todo o sistema conceitual humano é assim definido ou estruturado (Dalacorte 1998).

Um apreciador das metáforas precisa estar atento, primeiro, para perceber que a expressão usada é uma figura de linguagem; segundo, ele deve imaginar qual o objetivo do seu uso. Uma vez que percebe que alguém está falando de forma figurada, ambígua, o interlocutor instintivamente analisa o tropo para entender porque o outro teria usado aquela imagem, naquele determinado momento. Ao fazer isso, levanta uma série de suposições, hipóteses e inferências, que podem escamotear o sentido literal da expressão.

O fato é que as metáforas têm mais fácil acesso ou receptividade no mundo do que as verdades áridas. E isso ocorre porque elas engendram o sonho e a fantasia. As falas figuradas ou alusões são úteis para traduzir conceitos, ampliar significados e comunicar sutilmente sentimentos, paixões, constrangimentos e críticas. Logo, não é por acaso que a palavra “traduzir” em alemão *übersetzen*, é a tradução do grego *meta phoren*, ou metáfora” (Man 1992, p. 23).

Segundo Donald Davidson:

a metáfora é o trabalho de sonho da linguagem e, como todo trabalho de sonho, sua interpretação recai tanto sobre o intérprete como sobre seu criador. A interpretação dos sonhos requer colaboração entre o sonhador e o homem desperto, mesmo que sejam a mesma pessoa; e o próprio ato da interpretação é um trabalho da imaginação. Assim



sendo, (...) compreender uma metáfora é um esforço criativo. (...) Toda comunicação através da palavra supõe a interação da construção inventiva e da interpretação inventiva (DAVIDSON 1992, p. 35).

Para essa interação dialógica acontecer, o interlocutor precisa dar-se conta de que, em um único contexto, uma mesma palavra carrega mais de um sentido, havendo uma semelhança de significado entre a imagem e o seu referente. Portanto, a metáfora, um fenômeno cognitivo e social, é tecida pelo artesão verbal que estabelece uma analogia discursiva capaz de levar a *insights* criativos através do recurso da alusão, do poder revelador da imagem. Há sempre uma segunda intenção oculta na aproximação de dois elementos que, aparentemente, podem nem ter nada a ver um com o outro, mas, ao se perceber essa semelhança que o momento pictórico ou icônico sugere, é que o *insight* acontece. Citando alguns pensadores:

Aristóteles diz que a metáfora leva a uma percepção de semelhanças. Black (...) afirma que a metáfora evoca uma certa resposta; um ouvinte adequado será levado por uma metáfora a construir um sistema. Essa concepção é (...) resumida pelo que Heráclito disse a respeito do oráculo de Delfos: “Ele não diz e ele não oculta, ele insinua” (*apud* Davidson 1992, p.49).

O fato é que a analogia da metáfora amplia o olhar, havendo uma relação entre signo icônico e objeto representado, ao se considerar que a metáfora enfatiza a semelhança entre tal objeto e o sinal que o representa. As sínteses por associação formam jogos combinatórios que compõem o imaginário de cada indivíduo, sendo essas associações reguladas pelo sentido de coerência de cada um, capaz de gerar um mundo experimental, um pensar e agir por hipóteses.

As inferências e os argumentos, por sua vez, constituem uma classe de signos que pode gerar hipóteses e levar à abdução. O que Peirce chama de *abdução* parece ter a sua origem em Aristóteles, remontando ao termo aristotélico “apagoge”, que foi mal traduzido por abdução (Peirce *apud* Sebeok 1990, p. 1). Trata-se de um método usado para fazer previsões, para interpretar dados por meio de suposições. Ao invés de lidar com certezas, são sugeridas possibilidades.

O contexto gerado por uma abdução é um mundo em que as coisas podem ser. A *abdução* gera quase sempre uma situação que proporciona ao sujeito inferir ou extrair uma determinada informação pelas próprias evidências trazidas por tal informação. Desse modo, pode ter a ver com um



momento de *insight* de uma idéia inusitada. Nesse sentido, é mais regido pelo instinto ou pelo *feeling* do sujeito do que pela lógica. Esse conhecimento por inferência rege as associações por analogia e leva o sujeito a refletir sobre novos pontos de vista, imaginar perspectivas originais de uma questão, instigando o homem a sonhar.

A abdução vive seu momento especial durante um processo de criação. A textura da criação é justamente a idéia nova, a descoberta (Salles 1990, p. 98). Dentro desse leque de possibilidades, que levarão o sujeito a descobertas através de analogias singulares, Peirce destaca o papel do *ícone*. A partir de um campo de possibilidades instaurado pela contemplação do ícone, ativa-se toda uma lógica *abductiva*. Por isso, sob o ponto de vista de Salles, *abdução* e criatividade andam lado a lado. É essa ousadia de levantar hipóteses a partir de um momento de observação que propicia condições favoráveis para o sujeito criar. Criatividade é, pois, um processo que resulta em um produto novo, aceito como útil e/ou satisfatório por um número significativo de pessoas em algum ponto no tempo.

O que podemos perceber é que se constrói uma cumplicidade entre o emissor e o destinatário da mensagem, já que se trata de um conteúdo transmitido de forma codificada. Para Booth (1992), compreender uma metáfora é decidir se concordamos ou não com ela; é decidir acomodar-se à metáfora ou resistir a ela.

A fim de entendermos um pouco mais a respeito da natureza da metáfora e do seu critério de efetividade, convém listar as características que lhe são inerentes, pois esse tropo:

- faz parte de um ato de comunicação proposital, logo, o seu uso não é aleatório;
- comunica algo cujo sentido depende do contexto e é determinado pelo próprio contexto retórico;
- implica em um propósito persuasivo claro, quer ganhar uma causa ou convencer alguém sobre algo que está sendo dito;
- pode ser parafraseada para que o seu sentido oculto venha a emergir de forma mais clara;
- consiste na comparação de duas coisas aparentemente diferentes e não de duas palavras, logo, o que se tem são situações comparadas através de uma analogia elaborada;



- é estável, apesar de sua complexidade, pois o seu sentido, uma vez reconhecido, não necessita de qualquer outro ato interpretativo para ser assimilado;
- comunica muito mais do que diz literalmente, já que a condição metafórica nos convida a ir além da imagem e, por isso, nos leva ao *insight* (Booth 1992, p. 57-59).

Considerando o critério de eficiência das metáforas, reconhece-se que elas devem ser:

- ativas, ou seja, têm de emprestar energia a coisas inanimadas ou abstratas, de modo que impliquem em uma ausência mas instaurem a presença do objeto ausente;
- concisas para que essa condensação tenha um efeito no receptor;
- apropriadas para o fim a que se destinam e para a audiência desejada;
- voltadas para a construção de um *ethos* adequado ao falante, ou seja, configurando o seu perfil como alguém em quem se pode confiar, de modo a promover a personalidade do falante (Booth 1992, p.60-64).

Para Levinson (1983), as metáforas estão intimamente ligadas às fábulas, às parábolas e aos provérbios, pois podem ser entendidas, tanto no sentido literal, como no sentido figurado. Quanto à fábula, ela é uma história de ficção ou uma narração breve destinada a ilustrar um conceito e, em muitas delas, os animais falam. Já a parábola é um gênero literário que busca articular as metáforas de modo eficiente, podendo ser descrita como “a conjugação de uma forma narrativa com um processo metafórico” (Tracy 1992, p. 102). Na parábola, que é uma narração alegórica ou uma exposição de forma figurada (como nas narrativas bíblicas em que Jesus falava por parábolas para ensinar aos discípulos através de histórias que ilustrassem idéias ou conceitos abstratos que ele queria passar), evoca uma comparação com um outro nível de realidade. O que ocorre é que as tensões internas aparecem como em um jogo semântico de linguagem, em que o significado da história é transferido para a realidade representada.

Logo, essas histórias funcionam como modelos ou como mediações da condição humana, já que, na linguagem aristotélica, a parábola é “um *mythos* que tem a força mimética de redescrever a existência humana” (Tracy



1992, p. 103). O uso das parábolas sugere uma intensificação de certos traços do objeto aludido e os indicadores mais relevantes dessa quase caricatura encontram-se no choque entre a extravagância do desfecho da história ficcional e a sua contrapartida no nível factual. Segundo Gasset, “ao enfatizar e chamar a nossa atenção para certas características do objeto, esse fato permite ver algo essencial” (*apud* HARRIES 1992, p. 85). É, nessa busca de um *insight*, de uma revelação, que transcende a própria imagem, que as metáforas são amplamente usadas.

Tal elemento, que surge da ampliação dos sentidos textuais, lhes incute um cunho novo de ressignificação, convidando o elemento ‘surpresa’ a comparecer a esse processo mediador. É esse elemento surpresa responsável pelo *insight* que ocorre na mente de quem consegue perceber o jogo semântico instaurado pela ambigüidade da metáfora, a qual torna o texto mais visual, mais plástico, mais elástico e, conseqüentemente, menos rígido. E ao emprestar um traço de visualidade ao discurso faz com que o intérprete consiga perceber ou visualizar, por meio de uma transmissão ao mesmo tempo meio velada de sentidos, algo que antes não conseguira captar.

A metáfora espera, pois, a concorrência de uma mente interpretadora que seja capaz de fazê-la significar e essa ação interpretadora é salientada por Peirce como o efeito que tal processo relacional cria na mente do intérprete. Peirce chama esse impacto sobre a mente receptora de interpretante ou efeito causado na mente pelo signo percebido. Logo, há um sentido literal, um metafórico e um terceiro que procura relacionar os dois primeiros com todas as implicações que o intérprete da mensagem for capaz de perceber, ao ativar a própria bagagem de mundo, seu *background knowledge*.

No livro *Poesia e Pintura*, Valdevino Soares de Oliveira (1999) faz um estudo minucioso das metáforas sob a perspectiva da semiótica peirceana. Oliveira chama atenção para o fato de que, dentro da Semiótica, a metáfora também se reveste de um caráter simbólico ou convencional no momento em que atua como força representativa no sistema verbal e imagético de uma cultura, pois cada cultura tem o seu reservatório de metáforas. O suporte de que se vale a metáfora verbal, a palavra, está inserido no universo da lógica, patamar perceptivo em que, nos estudos fenomenológicos da semiótica peirceana, ocorre a cognição e a síntese. A ação interpretadora, regulada, até certo ponto, pela lógica, instaura uma síntese perceptiva, gerando a cognição (Santaella 1987). Mas “a força transgressora da metáfora, de natureza verbo-simbólica, ocorre quando uma sintaxe analógica é superposta a uma sintaxe lógica” (Pignatari 1987, p. 114).



Dentro de um sistema comunicativo de signos, a metáfora aparece como fruto de um desvio, de uma substituição e, por isso, comparece não para representar o que se espera dela, nomeando o mundo, mas se articula de tal modo no discurso, que insinua tantos outros sentidos. Propõe, então, um jogo semântico no momento em que, ao atravessar o tecido verbal, se instala no espaço da analogia, ao confrontar elementos aparentemente díspares. Transgressora da representação comum, a metáfora tangencia a esfera da imagem, do signo icônico.

Ora, o traço metafórico empresta à primeira representação uma segunda e amplia o sentido original ou primeiro através de um paralelismo ou de uma analogia. Ao estabelecer essa analogia, é capaz de gerar uma síntese que advém dessa comparação e, assim, trazer para o palco perceptivo um terceiro elemento, que sintetiza os dois primeiros.

A metáfora é capaz de representar apenas um aspecto de qualquer processo de criação, mas tal processo não pode ser capturado em todos os seus aspectos, na sua inteireza, por um tropo apenas. Cada imagem, cada tropo é capaz de mostrar um aspecto ou alguns aspectos do referente, o objeto dinâmico, mas nenhuma imagem, nenhuma representação consegue reunir tudo, resgatar todos os aspectos implicados. Ou seja, o objeto dinâmico, que no caso é o processo de criação, está sempre aberto para ser representado de outras maneiras. O sujeito sendo falível ou passivo de erro, está sempre condenado a continuar revendo os seus textos, as suas obras, na tentativa de corrigir, refazer os próprios atos, buscando re-significá-los.

No processo de recepção e interpretação da metáfora, o sentido literal é posto em segundo plano, enquanto o figurado passa a ocupar o primeiro plano na percepção. O que ocorre é que, devido ao caráter transgressor da metáfora, essa figura de linguagem descarta a palavra em seu sentido comum ou denotativo e privilegia um segundo, o conotativo. Quando o sentido figurado domina, o signo atua predominantemente no nível conotativo ou *icônico*.

Finalmente, as reflexões aqui propostas em torno das metáforas e da semiótica, não podem deixar de considerar que a metáfora não é apenas um tropo eficiente dentro da linguagem verbal, mas também está presente e é veiculada pelas outras linguagens, como a gestual, a pictórica, entre outras. Enfim, sempre que houver um esgarçamento de sentido em que dois elementos sejam convocados por comparação ou contraste para acabar gerando um terceiro, como já foi explicado anteriormente, a metáfora se instaura.



A Externalização do Problema e o Recurso das Metáforas

Como as metáforas e demais aportes teóricos peirceanos poderão ser aplicados ao estudo das terapias narrativas? Como os interpretantes propostos por Peirce irão se encontrar com os efeitos do problema na vida do sujeito e vice-versa, discutidos por White & Epston? De que maneira ícones, índices e símbolos serão traduzidos para o processo de (re) construção das identidades nas narrativas terapêuticas? Afinal, como resgatar o processo de (re) criação da teia de relações familiares, que poderia ser tomada como um objeto dinâmico, nunca captado por inteiro por nenhum terapeuta, que só distingue recortes parciais ou objetos dinâmicos que lhe são apresentados sob as mais diversas formas? Como escolher ou fazer emergir novos signos dessa teia de histórias das famílias que possam dar ao intérprete mais esperança e resgatar as suas identidades, a sua auto-estima, enfim, um desenho mais saudável da família com que se está interagindo no processo terapêutico?

Partindo dos trabalhos de White & Epston (1990, 1993, 1997), que se encontram alinhados com o pensamento pós-estruturalista e que são tomados como ponto de referência desta pesquisa, deseja-se refletir sobre o modo como uma figura de linguagem tão usual como a metáfora se destaca na abordagem quase literária desses autores. De que modo é a metáfora privilegiada nesse enfoque terapêutico?

As metáforas tomadas como um recurso na terapia narrativa são amplamente utilizadas por White & Epston, que sugerem vários tipos diferentes para lidar com o processo de (re) construção do sujeito. Os problemas externalizados durante a sessão servirão de elementos para a co-construção de metáforas que, articuladas, poderão dar subsídios para tecer narrativas mais saudáveis. Normalmente, quem enfrenta uma dificuldade emocional cai na armadilha da própria linguagem, que não é inocente e sempre compromete o sujeito. O fato é que a maneira de descrever um problema, muitas vezes, estimula a identificação da pessoa com seu rótulo, como se tal rótulo fosse permanente e inerente a tal pessoa. Mas White & Epston, ao externalizarem a dificuldade trazida pelo cliente, pretendem separar o sujeito do problema em si, e antropomorfizando a dificuldade, esses terapeutas possibilitam ao indivíduo reconhecer que ele e o problema são duas entidades distintas. Assim, a partir da externalização, terapeuta e cliente identificam momentos em que o cliente não esteve dominado pelo problema. Esses *acontecimentos extraordinários* passam, então, a gerar uma nova narrativa e o cliente é estimulado a não repetir sua *história saturada*.



Adota, nesse momento, uma outra versão da sua história que, até ali, era desconsiderada ou marginalizada. Logo, alternativas ou possibilidades ainda não ativadas são aventadas e, com este recurso, possibilita-se ao sujeito sair do impasse em que se encontra. Nessa nova narrativa da situação, White & Epston buscam dissolver o problema, botando o foco em alternativas que descreva a situação sem incluir certos rótulos determinados social e culturalmente que venham denegri-lo, ou seja, que fujam das narrativas limitantes.

Partindo do pressuposto de que o sujeito vive imerso em uma rede de significados que dá coerência à vida de cada um, o contexto terapêutico de White & Epston investe no conceito de ressignificação. Isto quer dizer que há uma constante busca de novos significados das histórias narradas no *setting* terapêutico, sendo o cliente encorajado a buscar novas narrativas.

Originalmente, o termo ‘externalização’ foi introduzido no campo da terapia de família, no início da década de 80, pelo próprio White, para lidar com crianças através de brincadeiras e dramatizações. As práticas externalizadoras localizam os problemas fora do indivíduo e não dentro dele, encarando essas dificuldades como produtos da história e da cultura. O objetivo das práticas externalizadoras é fazer com que as pessoas descrevam seu problema de modo que ela e o referido problema sejam visto como separados e independentes um do outro. (Russell & Carey 2004)

Para externalizar o problema, White sugere que se investiguem os efeitos do problema sobre vários domínios da vida do sujeito e se explicita como a pessoa interfere na vida do problema, ou seja, como o alimenta. Nessa abordagem, o problema passa a fazer parte de uma *storyline*, que evidencia que o problema não é algo intrínseco à pessoa, não está dentro dela, mas foi dominando-a, ao longo do tempo, influenciado por fatores externos. Na construção do discurso externalizador, percebem-se traços recorrentes no modo como se utiliza a linguagem.

Russell & Carey (2004) propõem algumas estratégias a serem utilizadas para efetuar a externalização do problema, sugerindo que:

- Nas perguntas externalizadoras, o terapeuta troque alguns adjetivos que o cliente utilizou na descrição da sua história saturada por substantivos correspondentes. Por exemplo, quando o paciente referir-se a si próprio como: “Eu sou uma pessoa medrosa”, o terapeuta irá puxar ou exorcizar o medo de dentro da pessoa, com perguntas do tipo: “Há quanto tempo esse medo tem influenciado você?”; ou: “O que o medo lhe diz a



respeito de você mesmo?” É importante, então, que se observe o efeito desse questionamento, pois, ao se criar um distanciamento entre o medo e o sujeito, o indivíduo consegue enxergar melhor o seu problema.

- As pessoas personifiquem esses problemas, antropomorfizando-os. A título de ilustração, ao conversar com uma criança peralta, que está sempre se metendo em confusão, uma pergunta externalizadora poderia ser “Como é que o Sr Encrenca consegue enganar você?” ou “Quando o Sr. Encrenca costuma vir a sua casa para tomar conta de você?” É relevante observar qual o efeito dessa pergunta. Ao criar um espaço entre a pessoa e o problema, através da personificação, o cliente pode revisar a sua relação com o problema.
- As qualidades pessoais também sejam externalizadas; assim, as qualidades que normalmente são internalizadas ou vistas como inerentes ou internas aos indivíduos podem ser externalizadas no discurso das narrativas terapêuticas. Ao conversar com o cliente, poder-se-ia externalizar qualidades, tais como autoconfiança, fortaleza e auto-estima. Quando essas qualidades não são enfatizadas durante uma conversa, cabe ao terapeuta maximizá-las ou qualquer conquista do cliente, pedindo-lhe que repita, enfaticamente, o que acabou de dizer, em alto e em bom tom, agora do modo mais pausado e mais veemente, para que todos que estiverem ali possam ouvir e o próprio cliente se dê conta do que está dizendo. Além disso, o terapeuta destaca tal conquista com a ajuda de perguntas do tipo: “Como foi que você conseguiu tal façanha?”; “Quem mais presenciou você fazer isso?”; “O que sua mãe, o seu pai, seu amigo ou qualquer pessoa significativa para você diria se ouvisse isso ou se soubesse que você fez tal conquista?”; “Quem mais se alegraria com essa sua façanha?”; “O que é que tal conquista diz sobre você mesmo?”; “O que as pessoas pensariam sobre você quando soubesse disso?”. É necessário observar o efeito dessas perguntas no cliente, pois tais estratégias contribuem para fazer com que o indivíduo não incorpore o problema, mas compreenda que está apenas momentaneamente dominado por ele. Tudo isso leva, conseqüentemente, a uma melhora da auto-estima do cliente, uma vez que ele deixa de ser o problema. Além do que, ao separar o sujeito do problema, estimula-se a boa vontade dos demais para detectar outras estratégias que levem o indivíduo a dominar o problema;



- Os efeitos do problema na vida do sujeito sejam detalhados ao máximo. Para tal, podem-se utilizar perguntas como: “Há quanto tempo o problema tem influenciado a sua vida?”; “Quando esses efeitos aparecem mais evidentes no seu dia-a-dia?”; “O que faz com que o problema continue existindo?”; “O que pode ser usado como um antídoto contra ele?” Tais perguntas levam o terapeuta a discernir como o problema limita a vida do cliente;
- O modo como o cliente interfere na vida do problema deve ser explorado através de perguntas como: “Teve algum momento em que você poderia ter sido dominado pelo problema, mas você resistiu e acabou não se deixando levar por ele?”; “Como você conseguiu isso?”; “Alguém presenciou você conseguir tal façanha?”; “O que acha que essa pessoa teria pensado sobre você ao vê-lo(a) resistir à força do problema?”; “O que teria contribuído para você conseguir tal intento?”; “Que outros passos você poderia dar para demonstrar que não vai ceder ao problema?”; “Teriam esses fatos o efeito de minar o problema?”; “Que qualidades você tem e que antes de resistir ao problema não sabia?”. É inusitado para o cliente e para as demais pessoas que assistem a luta deste com o problema, descobrir que ele alimenta o problema e que, portanto, tem poder sobre tal problema, influenciando positivamente o desenrolar desta ou daquela história. É exatamente isto que dá subsídios para a re-escritura das suas narrativas de vida, evitando e excluindo mesmo a *história saturada*. É ainda possível perceber, com mais clareza, que munido dessas informações valiosas, o cliente tem mais chance de resgatar a sua vida das garras do problema.

E como saber o que e quando se deve externalizar na terapia? Quando alguém se identifica por demais com o problema de forma a se envolver com ele, acaba se confundindo também com a própria dificuldade. Isso pode ocorrer tanto em situações de baixa auto-estima como em circunstâncias em que o cliente só é capaz de ver aspectos da sua personalidade que se relacionem com a dificuldade a ponto de se sentir culpado por ter tal problema. Mas é importante que a dificuldade externalizada seja expressa na voz do próprio cliente, que poderá substantivá-la como culpa, remorso ou medo que o domina. Na externalização do problema, o terapeuta deve usar a linguagem do cliente, o que faz com que ele aceite e absorva mais facilmente a mensagem terapêutica porque identifica nela as suas próprias palavras. Estas espelham a



experiência do cliente e a maneira como ele vivencia o seu problema. Não há dúvida de que visualizar, por exemplo, ‘um medo que vem-se aproximando de mim, bem devagarzinho’ ou ‘um Sr. Pançudo que não me deixa parar de comer’ é muito mais eficaz ou envolvente do que pensar simplesmente em ‘medo’ ou em ‘compulsão alimentar’. Contudo, essas metáforas que surgem das conversas de externalização do problema devem ser flexíveis e criativas, podendo mudar, ao longo do tempo, à medida que a percepção do cliente também venha a mudar.

A vantagem das conversas de externalização é que elas descentralizam o problema na vida das pessoas, o que lhes dá uma sensação de alívio, permitindo-lhes visualizar mais claramente que tipo de práticas e situações ajudam-nas a fortalecer ou não o problema. Além disso, quando fica claro que o problema e a pessoa são duas coisas diferentes, é mais fácil para a família, para os amigos se unirem para montar uma rede de apoio contra esse problema e a favor do cliente, reduzindo a influência dessa dificuldade em sua vida.

Há toda uma filosofia por trás desse trabalho, que aposta na importância do sujeito não se sentir engessado em estruturas fixas, estigmatizado ou rotulado por ter este ou aquele problema, podendo chegar a ser confundido com a dificuldade. O importante é que através das conversas externalizadoras, as pessoas podem enfraquecer os efeitos do problema sobre as suas vidas. ‘Externalizar’ não significa isentar a pessoa de assumir plena responsabilidade sobre as suas ações, nem desvincular o sujeito das suas atitudes. O ponto básico da externalização é fazer uma exploração minuciosa dos efeitos do problema através de um detalhamento desses efeitos que leve o cliente a uma mudança de atitude. Sintetizando, pode-se afirmar que externalizar o problema:

- não é fazer um diagnóstico médico, logo, não existe nenhuma forma de externalização considerada correta, mas ela deve se adaptar à experiência de cada cliente e ir mudando de perspectiva, com o passar do tempo;
- não significa liberar o paciente de sua dificuldade, mas o fato de se conseguir uma descrição detalhada da história alternativa pode ajudar o cliente a lidar com a sua dificuldade;
- não pressupõe um *self* uno, que precise ser integrado, mas a terapia narrativa crê em identidades construídas com a ajuda de muitas histórias;



- não é a única opção mas também se pode externalizar as qualidades do cliente e, assim, desenvolver ricas histórias alternativas sobre os seus pontos fortes;
- não é dividir com o cliente apenas uma maneira dele se relacionar com o problema, mas explorar outras alternativas;
- não é adotar uma posição de especialista com relação ao problema;
- não é censurar ou culpar o cliente ao deparar-se com o problema externalizado;
- não é ignorar que os problemas são influenciados por relações de poder mais amplas, estando inseridos em uma determinada cultura e um momento histórico;
- não deixa de reconhecer que essas conversas permitem ao terapeuta assumir posições diferentes, ora questionando, investigando, trabalhando com histórias (Russell & Carey 2004, p.13-16).

Certamente que as conversas externalizadoras constituem o primeiro passo do processo que possibilita a separação do problema da identidade da pessoa. Essas conversas levam o sujeito a nomear o problema e mapear os seus efeitos em vários domínios da sua vida, quando tal dificuldade passa a fazer parte de uma nova narrativa. Além disso, ao considerar que o problema é, em grande parte, influenciado pelo contexto histórico, pela cultura, pelas questões de gênero, pela raça, sexualidade, classe e por tantos outros fatores, o indivíduo deixa de sentir-se culpado por ter tais dificuldades. Ao redimensionar suas dificuldades e atitudes, liberta-se da opressão do problema, uma vez que há tantos outros fatores externos que interferem e colorem as histórias pessoais de cada um (Russell & Carey 2004).

As Metáforas e os Acontecimentos Extraordinários

O próximo passo, após a externalização do problema, é rastrear os *acontecimentos extraordinários*, ou seja, aqueles momentos em que o sujeito poderia ter sido dominado pela dificuldade, mas que, resistindo bravamente, não se submeteu. Como esses acontecimentos destoam da história dominante, o indivíduo normalmente exclui esse fato do seu relato como se ele não houvesse ocorrido e não tivesse valor algum. É hora, então, de explorar, destacar e



maximizar esses momentos especiais e únicos, que poderão constituir parte das histórias alternativas, tendo como consequência a construção de uma nova identidade que exclua ou que não enfatize a limitação causada pelo problema. Essas histórias alternativas devem incluir acontecimentos seqüenciados dentro de um espaço de tempo e se organizam em um enredo ou uma temática. É importante que esses relatos alternativos, usados para melhorar a auto-estima do sujeito, sejam construídos porque sem eles o cliente ficaria vulnerável aos pensamentos negativos que tem sobre si mesmo. Um indivíduo, por exemplo, decidiu intitular a história alternativa de sua vida de 'A Competência'. Então, cliente e terapeuta passaram a explorar, de várias maneiras, o que significava ter uma determinada competência (Russell & Carey 2004, p.9).

Sempre que se detectar um *acontecimento extraordinário*, este poderá tornar-se um elemento catalisador para a co-criação de uma história alternativa. O relato negativo é, então, reeditado a partir do *acontecimento extraordinário* – que é um fato que contradiz a história saturada – e passa então a marginalizar ou a não dar a devida importância à situação que incluía um determinado comportamento rotulado como negativo. Buscase, então, atribuir-lhe um significado especial e explorar se esse acontecimento estaria ligado a outros fatos e outros temas. A prática de re-autoria baseia-se na idéia de que nenhuma história pode conter a totalidade da experiência da vida de alguém, havendo sempre inconsistências e contradições nesses enredos. Haverá sempre outras perspectivas que podem ser criadas a partir de outros eventos que cada um geralmente omite por contrariarem a história oficial adotada. Assim, a vida de cada indivíduo não é composta por uma única história, já que nenhuma delas pode dar conta de todos os eventos ocorridos em uma existência. Cada um é maior do que sua própria história oficial, já que o sujeito é sempre constituído por múltiplas histórias. As conversas de re-autoria envolvem uma co-autoria de novos enredos, em que, são reescritas as narrativas limitantes da vida dos clientes, dando-se, uma outra versão, na qual se estimule a recriação de novas identidades. Essas histórias alternativas não são “simplesmente uma mera maquiagem que surge do nada. Não são inventadas. Assim como a história dominante, a história alternativa é constituída de eventos passados ligados a um tema, sendo agora interpretado de uma outra maneira” (Russell & Carey 2004, p. 21).

Para facilitar o trabalho terapêutico, a fim de que essas conversas possam ser reeditadas, White traçou um *mapa de perguntas*, que dividiu em duas categorias: as perguntas do *território da ação* e do *território da identidade* (Russell & Carey 2004, p. 25).



As primeiras (as *perguntas de cenário de ação*) investigam sobre acontecimentos, sobre ações na vida de alguém. Uma vez identificado um *acontecimento extraordinário*, o terapeuta busca detalhar o máximo possível tal acontecimento, evidenciando as qualidades do cliente embutidas nessa ação que, até então, não tinha visibilidade. Perguntas como as seguintes podem ser elucidativas nesse momento:

- Você pode me dizer o que aconteceu lá?
- Onde você estava naquele momento?
- Quais foram os passos que teve que dar para se preparar para fazer o que fez?
- Segundo a sua opinião, qual foi o ponto decisivo que fez com que você fosse capaz de assumir aquela atitude?
- O que aconteceu com você foi fora do comum ou você já tinha feito esse tipo de coisa antes?
- Houve outras ocasiões em que você já tinha conseguido fazer isso?
- Como foi capaz de fazer isso então? (Russell & Carey 2004, p. 26).

Já o território das *perguntas de identidade* encoraja as pessoas a explorarem novas facetas da sua personalidade ou de um outro significativo. Dizem respeito às implicações que essa história alternativa tem sobre o modo como o indivíduo vê a própria identidade. Logo, essas perguntas levam-no a refletir sobre a sua identidade e a identidade dos outros, de forma diferente de até então, quando apenas se enfatizava a história saturada do problema. As perguntas de *território de identidade* contribuem para consolidar uma nova identidade, e questões sobre território de identidade como as seguintes, podem ser ilustrativas:

- Quando você descreve os momentos em que foi capaz de evitar a influência do problema ou como conseguiu vencê-lo, de que forma acha que tudo isso diz sobre você como pessoa?
- Quando você se manteve firme ao tomar determinada atitude, o que esperava conseguir?



- O que essa atitude revela sobre as esperanças que tem na vida? (Russell & Carey 2004, p. 26).

Portanto, essa nova identidade recém-construída está imbuída da esperança de um futuro mais promissor e, por sua vez, tal esperança traz alegria ao cliente ao libertá-lo do impasse, do beco sem saída em que se encontrava. Assim, utilizando perguntas de identidade e de ação, o terapeuta cria a oportunidade do cliente pensar sobre certos acontecimentos, sobre os próprios recursos e sobre as habilidades de que dispõe para vencer o problema. Esse momento pode ser decisivo para o cliente, pois toma consciência de certas facetas de sua personalidade que, até então, não eram consideradas, o que, possivelmente, o levará a se ver de modo diferente.

Segundo White, as práticas narrativas buscam valorizar os “estados intencionais de identidade”, que contrastam com os “estados internos de identidade” (Russell & Carey 2004 p.30). Ou seja, o terapeuta que lida com narrativas está interessado em explorar as intenções, os valores, as esperanças e os engajamentos de cada pessoa, em que se fundamentam as suas ações. O importante é não focalizar nem enfatizar as deficiências internas do indivíduo, mas valorizar os seus recursos, as suas qualidades e os pontos fortes do paciente.

Os clientes são sempre encorajados a falar de suas identidades como *estados intencionais* capazes de gerar histórias alternativas fundamentadas em *momentos extraordinários* buscados nos auto-relatos de cada um (Russell & Carey 2004, p.30). De acordo com White & Epston, os *estados intencionais de identidade* incluem certos tópicos que devem ser explorados dentro de uma determinada “hierarquia” ou seqüência, através de perguntas que enfatizam intenções e objetivos; valores e crenças; esperanças e sonhos; princípios que norteiam os engajamentos e a vida de cada um. Poder-se-ia, então, questionar:

- Que intenções ou objetivos estão por trás dessa sua atitude?
- Que valores e crenças são responsáveis por essas intenções?
- Que esperanças e sonhos estão associados a esses valores?
- Que princípios norteadores de sua vida estão representados nessas esperanças, nesses sonhos?
- Quais os seus engajamentos ou o que é mesmo que você defende como valores em sua vida? (Russell & Carey 2004, p. 31).



Perguntas desse tipo tornam os relatos mais ricos e detalhados porque incluem aspectos que até então estavam marginalizados. Ao reeditar, por exemplo, uma história a respeito de alguém que sofre de falta de confiança a ênfase recairá sobre as qualidades do sujeito, sem qualquer conotação negativa, e buscando sempre trazer uma semente de esperança para o cliente. Esta atitude poderá, então, ajudá-lo a desenvolver uma imagem mais positiva de si mesmo (Russell & Carey 2004, p.34).

Portanto, percebe-se como a reedição ou re-autoria das histórias que delineiam uma nova identidade do sujeito está ligada a várias práticas narrativas, como as conversas de externalização (White & Epston 1990; Carey & Russell 2002), as conversas de reassociação (no sentido de voltar a fazer parte do grupo) (White 1997; Russell & Carey 2002) e práticas envolvendo testemunhas externas, bem como cerimônias de definição (White 1995 a. b.; 1999), além do uso de cartas e documentos úteis nas sessões terapêuticas. Enfatizam-se sempre vários tipos de metáforas que possam ajudar o cliente a visualizar melhor a situação do impasse descrito, na medida em que esse tropo permite incluir aspectos de sua personalidade que sequer eram conhecidos pelo próprio sujeito:

Dentre essas metáforas, enfatiza-se

- Metáfora do ‘clube da vida’
- Metáfora arquitetônica
- Metáfora de viagens
- Metáfora do ‘jogo comunicativo’
- Metáfora da ‘cerimônia de definição’
- Metáfora da ‘catarse’
- Metáfora do ‘rito de passagem’ (Myerhoff 1986; White & Epston 1990; Epston 1994; Wigley 1996; Cecchin 1996; White *apud* Russell 2004; White 2004; White, notas de conferência SSA, 2006).

White (1997) introduziu o termo ‘reassociação’ na terapia narrativa para expressar a idéia de que a identidade de cada um é delineada e construída através de experiências relevantes que ele metaforizou em torno do que chamou de *clube da vida*. Essa *metáfora* introduz a idéia de que todos participam de um clube e em que nele cada um desempenha papéis



importantes. Dentro desse clube, dá-se mais atenção ou credibilidade a umas pessoas do que a outras, valorizando-se aquelas mais significativas, cujas opiniões são mais consideradas e que influenciam a identidade dos demais, por isso merecendo mais apreço e respeito. Através desse clube, as pessoas que participaram dele ajudam o sujeito a elaborar e dar um significado às suas experiências de vida.

A metáfora da vida como um clube cria, então, novas possibilidades para conversas terapêuticas, considerando que as *práticas de reassociação* permitem às pessoas pensarem em quem fez parte da sua própria vida, oferecendo-lhes um contexto oportuno para revisitarem esse clube. Assim, se a vida for compreendida desse modo, às vezes, é preciso renegociar, reduzir ou até revogar a posição de um membro no clube. Isso porque se pode condicionar certas normas ao contrato assumido para as pessoas se filiarem a tal clube, tais como: ter mais respeito pelo outro, espírito de solidariedade, de união e outros valores similares. Caso contrário, seria preferível buscar suspender o acesso ou a importância de certos sócios ao seu clube. Todos esses são arranjos em torno da metáfora *clube da vida*, que podem ser temas relevantes nas narrativas terapêuticas (Russell 2004, p. 47).

Esse tipo de metáfora permite que as histórias alternativas sejam enriquecidas, considerando-se as identidades como sendo compostas por ‘muitas vozes’, aliás, uma idéia que está em uníssono com a perspectiva pós-estruturalista que não acredita em um único *self* mas em uma rede de relações interligadas (Russell & Carey 2004, p.47). O fato é que hoje não mais se fala apenas em ‘ser’ mas em ‘inter-ser’. Até o famoso texto de Shakespeare, *Hamlet*, na versão cinematográfica moderna de Ethan Hawk, o protagonista, ao invés de declamar o solilóquio “ser ou não ser”/ *to be or not to be*, ele se refere ao “inter-ser”/ *inter-to be*.

A metáfora do ‘clube da vida’, de White, em que as pessoas ‘inter-são’, faz lembrar, também, um texto sobre ‘inter-ser’, que mostra como tudo no universo é sistêmico e se encontra interligado, nada existindo sozinho e em um contexto isolado. Segue o texto, abaixo:

INTERSER

Se você for um poeta, verá claramente que existe uma nuvem flutuando, nesta folha de papel. Sem a nuvem, não haverá chuva, sem chuva as árvores não poderiam crescer e sem árvores não poderíamos fazer o papel. A nuvem é essencial para o papel existir. Se a nuvem não estivesse aqui, a folha de papel também não poderia estar.



Assim, poderíamos dizer que a nuvem e o papel inter-são. “Interser” é uma palavra que ainda não está no dicionário, mas quando combinamos o prefixo *inter* com o verbo *ser* temos um novo verbo: *interser*. Sem a nuvem, não poderíamos ter papel e, assim, podemos dizer que a nuvem e a folha de papel *intersão*.

Se olharmos mais profundamente para esta folha de papel, poderemos ver a luz do sol nela. Se o sol não estivesse presente, a floresta não poderia crescer. Na realidade, nada poderia crescer. Até mesmo nós não poderíamos crescer sem a luz do sol. E, desse modo, nós sabemos que a luz do sol também está presente nesta folha de papel. O papel e a luz do sol *intersão*.

E se continuarmos a olhar, poderemos ver o lenhador que cortou a árvore e a trouxe à fábrica para ser transformada em papel. Poderemos ver, também, o trigo. Sabemos que o lenhador não poderia existir sem o pão diário, pois o trigo que se transformou em pão também está na folha de papel. E o pai e a mãe do lenhador também estão aqui. Quando olhamos dessa forma, podemos ver que sem todas essas coisas, esta folha de papel não poderia existir.

Olhando ainda mais profundamente, poderemos perceber que estamos nela, também. Isso não é difícil de se perceber porque quando nós olhamos para uma folha de papel, a folha de papel é parte de nossa percepção. Sua mente está presente nela e a minha, também. Portanto, podemos dizer que tudo está aqui nesta folha de papel.

Não podemos apontar uma única coisa que não esteja aqui: o tempo, o espaço, a terra, a chuva, os minerais do solo, a luz do sol, a nuvem, o rio, o calor. Tudo co-existe com esta folha de papel. E é por isso que eu penso que a palavra *interser* deveria estar no dicionário. Ser e *interser*. Você não pode ser sozinho. Você tem de *interser* com absolutamente cada coisa. Esta folha de papel existe porque tudo mais existe.

E se retornássemos esses elementos não-papel para suas fontes, não seria possível papel algum. Sem elementos não-papel como mente, lenhador, luz do sol e tudo mais, não haveria papel. Mesmo sendo tão fina, esta folha de papel contém em si todo o universo.

Thich Nhat Hanh – poeta e jardineiro vietnamita.
‘Interser’. In: *Fascículos de Educação Ambiental*. Ano V,
n.1, jun/2005 p.2 http://www.ufmt.br/gpea/fasciculos/fasc01_GPEA.pdf.



Segundo a ótica sistêmica, as pessoas inter-são, e no espaço terapêutico, o modo como se relacionam é mais importante para ser observado do que o conteúdo da sessão. Aliás, o espaço é base para uma outra metáfora, a *arquitetônica*, relevante na terapia de White, visto que a *idéia de construção e desconstrução* faz parte de muitas histórias contadas e recontadas (Notas de Conferência, 2006). O movimento de desconstrução sugere a necessidade de se estar sempre repensando e refazendo o cotidiano, o que acaba levando à descoberta de qualidades essenciais inesperadas em todo o sistema familiar (Wigley 1996). Desconstruir é desmontar um sistema para entender as engrenagens de suas edificações em um determinado contexto. Embora possa soar como um termo pejorativo, já que se inicia com o prefixo ‘des’, que significa negação, o próprio filósofo Derrida, que muito refletiu sobre esse conceito, nos diz em seu artigo “Carta ao amigo japonês” que só desmontando as peças de um sistema é que se pode entender como funciona para reconstruí-lo de maneira eficiente (Derrida 1998, p. 21):

Desfazer, decompor as estruturas (...) não era uma operação negativa. Mais que destruir, era preciso também compreender como um ‘conjunto’ tinha de ser desconstruído para que se soubesse como reconstruí-lo, posteriormente. Desconstruir é mais que uma demolição. É por isso que essa palavra, pelo menos, por si só, nunca me pareceu satisfatória (mas qual palavra é?) e deve ser sempre circunscrita por um discurso (Derrida 1998 p.20).

Também M.White (1991) apresenta um conceito de desconstrução, para se referir a procedimentos que subvertem as realidades e práticas dadas como certas. Ou seja, aquelas ‘verdades’ consideradas independentes das condições e dos contextos de sua produção e que corresponderiam à visão da cibernética de primeira ordem, em que o mundo objetivo independe do observador.

Logo, esse desmonte das narrativas do cliente é positivo para se entender as ‘engrenagens’ das histórias familiares trazidas ao *setting* terapêutico. Nesse encaixe de novos enredos, o que ocorre é um movimento lúdico, em que se busca descobrir os jogos que existem em cada sistema. Assim, a *metáfora do jogo comunicativo* em que a terapia e a vida surgem como uma (re)construção narrativa emerge dessas manobras, que encorajam a edificação de histórias, as quais, por sua vez, levam a outras histórias sem fim, em uma semiose infinita (Cecchin 1996).

Falando ainda de espaço, White desenvolve a *metáfora das viagens* ou dos deslocamentos. No seu livro *Narrative practice and exotic lives: resurrecting*



diversity in every day life (2004), ele dedica todo um artigo para falar das metáforas relacionadas a viagens, mais especificamente, a *viagens terapêuticas / therapeutic journeys*. White considera a terapia como uma grande viagem e, antes de se encontrar pela primeira vez com o cliente, costuma experimentar uma sensação de expectativa e apreensão. Trata-se da expectativa de novas viagens a destinos que não poderia nunca prever onde iriam dar, passando por vias que sequer seria capaz de mapear previamente. Essa metáfora sinaliza, portanto, movimento, mudança, oportunidade de alguém ser transportado para outros lugares que, de alguma maneira, vão marcar o modo do sujeito ver o mundo (White 2004, p.45).

Dentre as práticas narrativas, um outro recurso utilizado e que tem a ver, de certo modo com viagens, é o da testemunha externa, vinculado à *metáfora da cerimônia de definição*. A testemunha externa aparece quando uma audiência é convidada a participar da conversa terapêutica. No caso de haver mais de uma testemunha, especialmente quando um grupo estiver trabalhando em conjunto, então esses membros ajudar-se-ão uns aos outros a fazer reflexões. Esse tipo de audiência pode ser relevante para o processo terapêutico, pois, ao convidar amigos ou membros da família para participar de uma sessão, o cliente terá mais chance de transpor para o seu cotidiano os ganhos ali alcançados. Em realidade, o observador externo é um elo entre o que acontece no *setting* terapêutico e os outros segmentos da vida do cliente. O observador externo relembra ao indivíduo que a nova história co-construída sobre ele mesmo poderá repercutir sobre o desempenho dos diversos papéis que ele assume na sociedade.

Na verdade, a idéia de envolver outras pessoas nas sessões para ouvirem as conversas terapêuticas não é nova. Dentro da tradição da terapia de família, grupos de profissionais costumavam ouvir as famílias atendidas por um terapeuta e, ocasionalmente, fazendo intervenções. É o caso do trabalho de Tom Andersen (1987), que explorou amplamente a estratégia da equipe reflexiva. Essa equipe reflexiva se compõe de um grupo de terapeutas que presencia as sessões em silêncio e, em seguida, tal sessão é interrompida para os familiares ouvirem o que a equipe tem a dizer sobre os problemas aventados. Previamente, é dada uma consigna a essa equipe terapêutica para que ouça atentamente os relatos e destaque os aspectos positivos ou os recursos ainda inexplorados das famílias; esses recursos poderão servir para a co-construção de soluções para os impasses enfrentados.

Originalmente, esse tipo de estratégia foi introduzido por Barbara Myerhoff (1986), uma antropóloga que cunhou o termo *cerimônia de definição* para descrever um processo por meio do qual as pessoas constróem



ativamente as suas identidades. No seu trabalho como antropóloga, em que atuava com idosos de uma comunidade judaica (Myerhoff 1982), percebeu que esses imigrantes não tinham ninguém que pudesse testemunhar o seu passado e a sua cultura, pois viviam rodeados de estrangeiros. Então, começou a observar algumas práticas e certos processos que essas pessoas utilizavam para construir as suas identidades e os seus *selves*. Como suas culturas se encontravam fragmentadas, era necessário inventar ou forjar uma audiência que testemunhasse a favor desses relatos, o que acontecia através de *performances* ou dramatizações denominadas de *cerimônias de definição* (Myerhoff 1982, p. 105).

O fato é que não se pode negar a importância dessas conversas para a criação das identidades, pois como Grandesso afirma:

As conversações em família inventam a vida privada, garantem a transmissão de tradições, valores, experiências acumuladas, padrões, mitos e rituais próprios da cultura familiar, criando uma identidade em movimento constante, conforme se mantêm ou mudam as narrativas organizadoras da experiência de vida em família, com seus arranjos e papéis (Grandesso 2006, p. 16).

White (1995) resolveu trazer essas idéias para o escopo da sua terapia, mais uma vez ativando o recurso das metáforas. Valeu-se do trabalho de Meyerhoff para incorporar o conceito de *cerimônia de definição* às suas práticas narrativas e assim ‘embarcou’ em uma viagem a outras culturas, a outras experiências étnicas, a outros locais que nunca havia imaginado. Assimilando as observações de Meyerhoff, White também passou a forjar, através de rituais, uma audiência de observadores externos para autenticar as histórias alternativas dos seus clientes. Nessas cerimônias, os clientes contavam e recontavam os relatos alternativos de suas vidas, perante a audiência ali presente. Era uma oportunidade para aqueles imigrantes emergirem com as suas histórias, com a sua cultura, com o seu folclore que, em meio às conversas terapêuticas, passariam a ser ressignificadas, em um outro espaço, em um outro tempo. Assim, o papel dessa audiência era agir como testemunhas externas que deviam reconhecer as histórias preferidas dos clientes, validando tais histórias de modo particular (Russell & Carey 2004).

Observou-se, nas décadas de sessenta e setenta, a emergência da psicologia popular folclórica que, influenciada pela antropologia cultural, focaliza a construção social e estuda a identidade como um fenômeno fragmentado, disperso, cujos vestígios podem ser encontrados em qualquer parte, incluindo:



- Os auto-relatos socialmente negociados;
- As impressões e a imaginações de quem é visto como ‘o outro’ [na nova cultura];
- A *performance* nas dramatizações;
- A dança, o jogo, a música e a poesia;
- Os rituais, as cerimônias e os símbolos;
- O vestuário e os hábitos de vida;
- Os registros pessoais e públicos, que contam histórias da comunidade, através de diários, cartões, cartas, arquivos públicos, relatórios, autobiografias... (White 2004, p. 73-75).

Portanto, esses imigrantes dão sentido ao próprio mundo, colocando suas experiências de vida em molduras narrativas que lhes são familiares, comprovando que as narrativas contadas representam um valioso veículo cultural, inserido nas conversas terapêuticas. Nas *cerimônias de definição*, destacam-se as seguintes etapas:

Parte 1 - o terapeuta entrevista o cliente, enquanto as testemunhas externas escutam. Geralmente, elas sentam-se atrás de uma tela ou um espelho unidirecional (...);

Parte 2 - as testemunhas vêm para a sala em que se encontram o terapeuta e a família. As testemunhas falam umas com as outras sobre o que significou para elas escutarem a conversa da família;

Parte 3 - as testemunhas se retiram e o terapeuta pergunta ao cliente sobre o que sentiu ao ouvir as testemunhas externas;

Parte 4 - todos se reúnem, mais uma vez, para falar sobre a experiência vivenciada ali naquela sessão e aproveitam para indagar ao terapeuta a razão de algumas perguntas que foram feitas durante a sessão (Russell & Carey 2004, p.70).

Ao considerar as respostas dadas pelas testemunhas externas, pode-se identificar, no trabalho de White, práticas envolvendo elementos como curiosidade e mistério, bem como reconhecimento, ressonância e transporte. Relacionadas à vida do cliente (White 1995), costumam gerar, nas testemunhas, grande curiosidade, pois elas desejam saber como surgiram as



histórias alternativas daqueles imigrantes. Ao perguntarem o que esses relatos significam para a identidade do cliente, tais perguntas acabam contribuindo para uma descrição mais rica das novas histórias. Quanto ao reconhecimento, a ressonância e o transporte das testemunhas externas para as paisagens alternativas do cliente, essas viagens no imaginário do outro atuam como um elo que une a vida dos clientes e a da audiência em torno de certos temas e valores compartilhados, significativos para ambas as partes.

White (2002) traçou um mapa para ajudar o terapeuta a lidar com as respostas das testemunhas externas:

1. Identificando expressões:

- Quando você escuta as histórias de vidas das pessoas que são o alvo da cerimônia de definição, que expressões mais chamaram a sua atenção ou falaram à sua imaginação?
- Qual foi a que mais lhe tocou?

2. Descrevendo imagens:

- Que imagens lhe evocaram as histórias de vida dessas pessoas, de suas identidades e do mundo em geral?
- O que tais imagens lhe sugeriram sobre os objetivos da vida dessas pessoas, seus valores, suas crenças, suas esperanças, seus sonhos e compromissos?

3. Incorporando respostas:

- Como é que em sua vida ou em seu trabalho repercutem essas expressões e por que chamaram a sua atenção ou lhe tocaram tão profundamente?
- Você tem idéia de quais os aspectos de sua experiência de vida encontraram uma ressonância nessas expressões e nas imagens evocadas por essas expressões?

4. Transportando-se para o lugar do outro:

- Como foi para você presenciar e testemunhar esses relatos de vida? Que emoções despertou em você?
- Para onde essa experiência lhe remeteu, fazendo você pensar em alguma coisa da qual não se teria se dado conta, se não tivesse presenciado a conversa terapêutica?



- Em que você se modificou ao testemunhar essas confissões? (Russell & Carey 2004, p.73).

Em realidade, quando uma testemunha responde essas perguntas e reflete sobre o que ouve, tudo o que disser deve ser em benefício do cliente. Mas, ao dar as suas respostas, as testemunhas estarão associando a vida do cliente à própria vida. Engajadas em uma prática em que, provavelmente, se sentem à vontade para discutir relações de poder da cultura local sobre as quais, muitas vezes, não são questionadas, os que se envolvem com esse processo terapêutico desconstróem suas crenças e introduzem, no seu dia-a-dia, novas perspectivas da própria cultura. Isto, de fato, só vem a enriquecer a experiência pessoal de todos os que têm a oportunidade de participar das sessões. Ao final do encontro, cliente e testemunhas respondem às seguintes perguntas, para fazerem uma avaliação das experiências que tiveram ao participar da sessão:

- O que mais me tocou ou me emocionou?
- O que, na minha vida ou na minha experiência, contribuiu para que eu me sentisse tão abalada ao escutar esse relato?
- Como tudo isso repercutiu nos meus pensamentos e na minha experiência de vida?
- Como a minha vida ficou diferente quando eu me transporte para a paisagem do imaginário desenhada por essa pessoa? (Russell & Carey 2004, p. 76).

Ao fazer esse balanço, o terapeuta observa que a experiência foi enriquecedora para ambas as partes porque as conexões tecidas em torno de valores compartilhados são significativas não só para as testemunhas, para o cliente e também para o terapeuta. A ressonância que essas testemunhas experimentaram ao ouvir os relatos narrados durante a sessão contribuiu para que o cliente construa seus relatos alternativos. Por outro lado, a emoção que todos sentiram inevitavelmente aproxima pessoas cujas histórias se entrelaçam e se espelham em outras tantas histórias similares. No momento em que as narrativas terapêuticas desafiam os relatos fixos, prontos, engessados das forças dominantes de uma sociedade que lhes impõe normas, por vezes, injustas, e alimentadas por preconceitos de raça, de gênero, dentre outros, permite-se que a rigidez desses preconceitos seja revista. Portanto, todos os presentes saem enriquecidos e com novos enfoques para contruírem suas próprias histórias alternativas mais flexíveis e saudáveis.



Finalmente, para falar de ressonância, dessa resposta emocional vivenciada no *setting* terapêutico, seria oportuno adicionar mais uma idéia proposta por White, a catarse. Esta remete a *performance* da tragédia grega clássica, em que a audiência tinha uma resposta emocional forte ao testemunhar os dramas da vida levados ao palco. Lá são os dramas gregos, aqui são os dramas cotidianos da vida testemunhados nas conversas terapêuticas, aos quais são atribuídos determinados significados. Uma experiência catártica, portanto, é capaz de comover a platéia tão profundamente que ela se sente transportada para um outro lugar, uma outra época, e essa experiência, segundo White, faz com que:

- tenhamos uma nova perspectiva da vida, da história e da própria identidade;
- passemos a ter contato com aspectos negligenciados ou esquecidos da nossa própria história;
- consigamos atribuir novos significados a experiências que anteriormente não havíamos compreendido;
- possamos dar passos na nossa vida que nunca havíamos considerado antes;
- possamos enxergar muito além da rotina do nosso dia-a-dia (White 2004, p.50).

Todos esses ganhos foram obtidos através da terapia narrativa de White, que sugere estratégias para lutar contra o problema que aflige o cliente. Terapeuta e cliente entram juntos nessa luta, buscando ressignificar velhas histórias saturadas. Ao externalizar o problema, o cliente (re) constrói novas narrativas, antropomorfizando os sintomas. Distanciando-se, então, do inimigo, o que soa como uma metáfora por vezes utilizada por White para se referir à guerra contra o problema, o cliente sente-se mais preparado para resistir às exigências e intromissões desse desafio em sua vida, assim ativando uma história alternativa com maior senso de participação e responsabilidade (Neimeyer 1997).

É comum que as famílias, ao externalizarem o problema, usem metáforas de combate para se referir à luta que desejam travar a fim de se libertar de seus entraves. Afirmam que gostariam de bater no problema, abrir guerra contra ele, lutar, enfim, vencê-lo. Embora essas metáforas de combate e competitividade sejam muito comuns, White pensa que, como terapeutas, não se deve encorajar tais metáforas bélicas porque elas podem aumentar o estresse e a tensão na família, além de espelhar situações de agressividade do mundo, o que não seria desejável.



Finalmente, quando o cliente vai-se tornando mais participativo e agente da própria vida, aproxima-se o momento da alta terapêutica. Então, para valorizar a capacidade do cliente de conseguir se libertar de uma identidade contaminada pela história saturada do problema (...), o estágio final da terapia funciona como um rito de passagem para uma identidade mais saudável. Essa metáfora do rito de passagem aponta para uma terapia de inclusão, que valoriza o encontro do sujeito com o outro. Encoraja-se o engajamento da rede de apoio na celebração e no reconhecimento do *status* dessa nova pessoa reintegrada à vida. O ritual de passagem inclui: celebrações, prêmios e recompensas com a presença de pessoas significativas que não puderam comparecer à terapia; boletins informativos divulgados para pessoas significativas, contendo informações sobre o novo *status* do cliente; declarações pessoais e cartas de referência; consultas com os clientes, em que terão a oportunidade de divulgar os conhecimentos adquiridos e que os capacitaram a se libertar dos problemas limitantes de suas vidas.

Portanto, há todo um protocolo para documentar os conhecimentos alternativos adquiridos e conclui-se a terapia, convidando o cliente a comparecer a um outro encontro, para que esses conhecimentos sejam documentados. Recomenda-se que os clientes se expressem através de vídeos, fitas de áudio, anotações autobiográficas, diários, entrevistas escritas e outras. Eles explicam, então, como conseguiram passar de um *status* problemático para um outro de resolução, pontuando os eventos significativos ou momentos extraordinários e as etapas que foram vencidas ao longo do processo.

Enfim, trata-se de montar uma verdadeira “gramática de ação”, em que o cliente tem a voz ativa, tornando-se um futuro consultor, convidado a dar o seu testemunho para ajudar outros que estejam fazendo terapia e passando por problemas semelhantes. Em contrapartida, também o terapeuta deve dar as suas impressões a respeito da transição sancionada por esse rito de passagem para que o cliente tenha um *feedback* do processo (White & Epston 1997, p.281). Não há dúvida de que as metáforas

ajudam a resgatar a vida das pessoas das garras ou do domínio do problema; a escapar dos efeitos do problema; a revisar a relação das pessoas com o problema; a fazer uma trégua com o problema, a educá-lo, a negociar com ele, a domá-lo, a enfraquecê-lo. (Russell & Carey 2004, p. 11).

De fato, são recursos eficientes para auxiliar a dissolver o problema, transmutando-o para outras roupagens que levantem a auto-estima, a auto-confiança e a auto-imagem do cliente; ou emprestando-lhe novas estratégias



para lidar com o problema que tanto o atormenta. Com essa releitura, o cliente deverá sair dali mais fortalecido embora sem assumir uma atitude rígida, engessada, dentro da moldura de uma narrativa saturada do problema. Mas sim, vendo as histórias de vida como um caleidoscópio de metáforas, que cada um é capaz de mexer para lá e para cá, forjando sempre novas molduras para encaixá-las, instaurando novas configurações e ressignificações. Assim, ao fazer isso, o sujeito se sente profundamente aliviado, mais auto-confiante e resiliente.

O PAPEL DA RESILIÊNCIA NAS HISTÓRIAS ALTERNATIVAS

Dentre essas qualidades que White ressalta e procura desenvolver no sujeito, destaca-se a *resiliência*, atributo tão relevante para o *self*, que lhe dedicou um ensaio, onde questiona a prática terapêutica. O termo *resiliência*, “teve origem na Física, para destacar a qualidade de um material capaz de sofrer uma deformação máxima sem quaisquer danos permanentes” (Yunes 2001, p. 15). Diferentes materiais apresentam diversos modos de *resiliência*. E coube ao cientista inglês, Thomas Young, em 1807, estudar a tensão e compressão de barras metálicas, introduzindo, pela primeira vez, a noção de elasticidade relacionada à *resiliência*. Logo, flexibilidade e *resiliência* andam juntas (*Ibidem*).

Aplicando esse termo às ciências sociais, Grotberg, (1996) o definiu como a capacidade que as pessoas, a comunidade e os grupos têm de minimizar ou superar os efeitos nocivos das situações adversas. Posteriormente, pesquisas realizadas com um grupo de indivíduos, na década de oitenta, mostraram que aqueles (cerca de um terço da população estudada) que enfrentavam situações de conflito conseguiam sobreviver e até se saíam melhor do que a média obtida por outros submetidos ao mesmo tipo de situação conflituosa. Esses resultados despertaram a curiosidade dos pesquisadores, que se indagaram:

Que ensinamentos tirar dessas pessoas resilientes para prevenir e intervir junto a outros menos afortunados? É possível estimular potenciais de resistência que possam revitalizar essas pessoas? (Vanistendael 1999, p. 7).

Tais perguntas modificaram a perspectiva dos estudos sobre o tema, pois a ênfase deixou de ser nos pontos débeis e deficientes do ser humano para se centrar nas qualidades de cada indivíduo e como melhor aproveitá-



las. Logo, *resiliente* é mais que sobrevivente, é aquele que sai fortalecido de uma situação adversa; e sai da situação, ainda melhor que antes. A *resiliência* é, na verdade, moldada na adversidade e, não, apesar dela; pode ser fortalecida pelo sistema de crenças de cada um, de modo que, em meio a fatores negativos, tal qualidade desencadeia experiências com resultados positivos. E é o *coping* que permite ao ser humano lidar positivamente com as adversidades.

Lazarus & Folkman (1984, p. 141) “associam a palavra *coping* a estratégias, habilidades ou recursos de enfrentamento de problemas”. Fala-se de ‘competência,’ quando o indivíduo consegue lidar com estratégias de *coping* eficientes para reduzir os fatores adversos e obter uma melhor adaptação ao ambiente. Masten & Coatsworth acham que ter competência é ser bem sucedido “no desempenho de tarefas, dentro de um determinado contexto cultural, de uma sociedade e de uma época” (1998: 206).

O fator essencial para que haja *resiliência* é que o indivíduo seja capaz de encontrar um significado e um objetivo para a sua vida, para as suas crenças pessoais. Identificar um sentido é reconhecer que há algo positivo na vida, independente das condições adversas em que se encontra o sujeito, e este sentido traz coerência e orientação à existência, movendo o sujeito para frente.

A *resiliência* é, pois, uma experiência natural de tenacidade da existência, quando tudo mais parece estar perdido. Este enfoque traz uma esperança realista porque, sem negar os problemas do cotidiano, chama atenção para as forças positivas que se encontram escondidas sob um potencial a ser desenvolvido. Mas se sabe que, com habilidade e perseverança, este potencial pode ser o explicitado e transformado em qualidades que passem a fazer parte do dia-a-dia do sujeito. Conseqüentemente, tal abordagem considera a vida como um processo em que intervêm múltiplas variáveis, negando-se uma visão determinista da vida. Além do que, a *resiliência* mostra a importância de valores como paciência, empatia, capacidade de conviver com as diferenças, de ouvir, enfatizando-se que não se deve reduzir o sujeito ao seu problema, pois esta leitura não privilegia a solução, mas sim, provoca a perpetuação de um estigma, de um rótulo. Nessa ótica, privilegiam-se as forças e qualidades, não os defeitos e as limitações. Para lidar com a questão da *resiliência* na terapia narrativa e com o intuito de encorajar o cliente a desenvolver e enriquecer histórias alternativas a partir desse tema, White (2004) elabora quatro grupos de perguntas:

O primeiro grupo encoraja a pessoa a descrever a maneira de ser e de pensar de quem tem a vida fortalecida pela *resiliência*:



- Quando a *resiliência* está mais presente em sua vida, como é que isso lhe afeta?
- Como é que a *resiliência* dá forma a sua vida?
- Em que lhe ajuda na sua relação com o Outro?
- Como é que isso ajuda a ‘tocar’ a sua vida?
- Como é que atua na sua maneira de pensar nesses momentos?

O segundo grupo de perguntas instiga a pessoa a descrever minuciosamente a sua relação com a qualidade *resiliência*:

- Você sabe como tem conseguido manter essa conexão com a *resiliência*?
- Houve momentos em sua vida em que você poderia ter perdido a conexão mas conseguiu mantê-la?
- Que passos você deu para manter essa conexão?

O terceiro grupo de perguntas dá oportunidade à pessoa para descrever o que fez a fim de conseguir manter a *resiliência* viva em sua vida:

- Você tem idéia do que significou, em sua vida, manter a *resiliência* durante todos esses anos?
- Como você procurou alimentar essa sua *resiliência*?
- Você poderia dizer alguma coisa sobre como o fato de ter esperança conseguiu sustentar a *resiliência* em sua vida?
- Como foi que você não desistiu do que desejava conseguir na vida e se manteve firme?
- Como foi para você a idéia de que a vida poderia ser diferente?

O quarto grupo leva a pessoa a descrever o seu entendimento a respeito do problema:

- Quando foi que você tomou consciência de que o que estava acontecendo com você não era uma coisa boa?



- Como foi que você tomou consciência de que essa situação era um problema?
- O que essa tomada de consciência do problema lhe diz?
- Como apareceu na sua história essa sua relação com o problema? (White 2004, p. 139-140).

Para responder a todas essas perguntas, é evidente que o cliente teve de fazer uma descrição minuciosa das suas habilidades sociais, dos seus conhecimentos e das estratégias que utilizou para manter viva a *resiliência*. Ou então, como foi que começou a ter algum tipo de esperança; e, finalmente, a nova consciência que teve do problema, bem como os meios e as histórias alternativas para enfrentá-lo, sempre com a ajuda da *resiliência*. Com a ajuda dessa força que sustenta o *self* a construir suas novas histórias.

O SELF E AS CONTRIBUIÇÕES FEMINISTAS PARA A NARRATIVA TERAPÊUTICA

Experiências comoventes no que concerne à *resiliência*, em meio a tantas histórias ouvidas na teia dos relatos terapêuticos, destacou-se aquelas que falam de gênero. O árduo percurso das lutas feministas tem enfrentado revezes, mas, felizmente, os ganhos também são incomensuráveis. O feminismo, que representa uma luta histórica contra os efeitos das questões de gênero na família, no trabalho, na escola, enfim, em todas as esferas da sociedade, mudou a vida das mulheres e, conseqüentemente, das famílias, nas últimas décadas. Mas não apenas o feminismo tem provocado transformações na vida das mulheres e das famílias, como também passou a influenciar o trabalho terapêutico. O fato é que hoje essa temática parece relevante, exercendo o terapeuta um papel longe de ser neutro, inclusive no que diz respeito às questões de gênero. Logo, as relações de gênero dão forma às experiências individuais e familiares, também influenciando as conversas terapêuticas (Hare-Mustin 1978).

Na década de 70, as terapeutas feministas de família trouxeram questões de gênero para o *setting* terapêutico. A idéia de que tudo o que é pessoal também seria político representa uma das contribuições feministas mais importantes para a terapia, nessa época. Tal afirmação significa que as experiências pessoais são influenciadas por relações maiores de poder, o



que quer dizer que tais experiências se inserem em uma moldura política mais ampla (Russell & Carey 2004, p.110). É relevante mencionar que a terapia narrativa se desenvolveu na época em que justamente o feminismo começou a influenciar o trabalho terapêutico. A estrutura tradicional das famílias, predominantemente patriarcal, foi questionada, indagando-se que efeitos as estruturas sociais rígidas teriam sobre a vida das mulheres e das crianças. Os terapeutas de família, interessados nas questões feministas, clamavam que, se fosse ignorada a desigualdade de poder dentro do sistema familiar, estariam sendo cúmplices na manutenção desse *status quo* injusto (Walters *et al*, 1988).

Foi nesse contexto histórico que a terapia narrativa floresceu. Segundo White, foi uma época de muito interesse pela experiência feminina dentro do *setting* terapêutico, reconhecendo que as idéias feministas ajudaram a dar forma ao desenvolvimento da terapia narrativa (White 2001). Refletindo sobre o modo como algumas estratégias da prática das narrativas terapêuticas poderiam se aplicar aos princípios feministas, seria oportuno listar algumas dessas práticas:

1. Externalizar o problema

Questiona-se, então, como a experiência das mulheres se relaciona com um contexto maior de abuso de poder e injustiça; ou que tipo de rótulos elas carregam para denegrir a sua auto-imagem, como, por exemplo, o rótulo de depressiva, de neurótica, de histérica. Por isso, as suas histórias alternativas terão de ser contadas e revistas dentro dessas relações de poder que ocorrem em um determinado contexto histórico e em uma determinada cultura. Ao invés de procurar a solução do problema apenas na psique feminina, ou tentar resolver o dilema simplesmente com medicação, a idéia é partir para a ação, através da reedição de histórias de vida que resgate a auto-imagem das mulheres, falando de seus valores, de seus compromissos para com os seus filhos (Carey & Russell 2002; Epston & White 1990).

2. Construir histórias alternativas

White (2001) reflete sobre a tradição feminista de encorajar as mulheres a contar as histórias de suas vidas e as suas experiências perante testemunhas externas, presentes no *setting* terapêutico, para ajudar as clientes a darem um novo sentido à sua vida. O terapeuta ouve sobre as relações significativas da vida daquela mulher para averiguar como essas relações influenciam ou são influenciadas pelo problema.



O movimento de liberação das mulheres passou a reunir, nas décadas de 60 e 70, grupos de adeptos. Era importante para elas se reunirem, compartilharem e analisarem as histórias de suas vidas, ou se conectarem com a experiência de outras mulheres. A iniciativa feminista de criar um espaço para esses relatos marginais de mulheres adequava-se às práticas da narrativa terapêutica, que sempre procuraram encorajar relatos de vida e histórias alternativas de identidade. Através das perguntas que o terapeuta formulava, as histórias alternativas eram enriquecidas a partir dos *acontecimentos extraordinários*.

3. Desconstruir os discursos dominantes

Ao indagar sobre relações de poder mais amplas, os discursos dominantes de gênero e outras relações de poder são desconstruídas. Através das perguntas terapêuticas, das práticas e das estratégias que tornam mais visíveis os discursos de dominação, as histórias alternativas podem ajudar as mulheres a internalizar significados e crenças de gênero, contextualizados dentro de discursos patriarcais mais amplos. Essa prática narrativa para desconstruir a influência dos discursos de poder na vida das pessoas tem sido utilizada como forma das mulheres construírem novos relatos alternativos (Freer 1997).

4. Criar oportunidade para os valores das mulheres serem discutidos

Uma estratégia importante na prática narrativa consiste em fazer perguntas para extrair valores e crenças que norteiam a vida das pessoas envolvidas. Esse processo tem como objetivo gerar descrições mais ricas das *storylines* que estão sendo construídas, desafiando assim, as circunstâncias que limitam as oportunidades das mulheres (Russell & Carey 2004, p. 122).

5. Incentivar práticas comunitárias para as mulheres

Como as terapeutas feministas valorizam as narrativas de mulheres, elas estão interessadas em estimular a discussão de temas, histórias e valores comuns entre elas. Essas práticas comunitárias podem incluir grupos de testemunhas externas em que as mulheres sejam testemunhas de vida, umas das outras (Carey & Russell 2003; White 2000); ou práticas de reassociação (Russell 2002; White 1997). Tal reunião de mulheres lhes dá um senso de pertencimento para enfrentarem problemas sérios, como terem sido vítimas de abuso sexual na infância (Mann & Russell, 2002).



6. Reconhecer identidades compostas por múltiplas histórias

A teoria narrativa está fundamentada na crença pós-estruturalista de que nossas identidades são formadas por múltiplas histórias (Thomas 2002). Desafiando as idéias estruturalistas de que as estruturas internas ou os estados internos determinam a ação e o comportamento do indivíduo, o pós-estruturalismo rejeita essa visão encapsulada do *self* e propõe outra, em que a identidade é contextualizada e relacional; logo, não é fixa e o comportamento não se encontra apenas determinado por estados internos. Ora, esse modo de pensar autoritário, opressor, do patriarcado tem ditado as normas e os valores que modelam a masculinidade dos jovens, e uma prova disso é o fato das mulheres serem vistas, freqüentemente, como um objeto sexual, o que é fruto de uma visão machista. Contudo se a identidade não é fixa, mas construída, o terapeuta pode fazer, através de suas perguntas, com que os jovens comecem a rever a sua relação com as questões de gênero. Ao longo da conversa terapêutica, inevitavelmente, descobre-se que devem ter havido momentos em que esses jovens agiram de uma forma que contrariava crenças negativas e pessimistas, ou estereótipos; trata-se dos momentos especiais, capazes de abrir possibilidades para que novas histórias alternativas sejam geradas, propondo outras visões de masculinidades. Pode-se, então, explorar as esperanças e os sonhos associados a essas posturas alternativas de gênero e, assim, estimular os jovens a mudar as suas atitudes machistas.

7. Identificar a natureza política do trabalho terapêutico e o poder do terapeuta

O terapeuta narrativo não pode perder de vista a natureza política do trabalho que realiza. Assim sendo, os terapeutas devem ter consciência das relações de gênero e considerar que essas experiências não podem deixar de influenciar a prática terapêutica (White 1995c, 1997). Finalmente, sugerem-se algumas perguntas que o terapeuta feminista pode fazer a si próprio para visualizar o seu posicionamento frente à questão de gênero:

- Que diferença faz o gênero no meu trabalho?
- Como é que essas experiências de mulheres mudam a minha compreensão das famílias e de suas relações?
- Como as mulheres diferem umas das outras?
- Por que o desafio feminista na terapia emergiu historicamente?



- Como esses desafios têm mudado ao longo do tempo e de cada lugar?
- Como é que as interpretações feministas da desigualdade nas famílias e nas relações levam a novas formas de pensar, de exercer terapia e fazer um trabalho comunitário?
- Para onde vai essa terapia feminista e com que estratégias é utilizada com os indivíduos, as famílias, os grupos e as comunidades? (Russell & Carey 2004, p.140).

É importante observar, portanto, como, ao longo do processo terapêutico, o profissional precisa considerar as questões de gênero. Se ele se isenta de fazê-lo, essa pretensa neutralidade estará marcando ponto contra as mulheres, pois elas, pelo próprio contexto cultural, já são bastante discriminadas. Isso ocorre não apenas no trabalho, como dentro do espaço doméstico, onde a submissão ao poder dominante, o patriarcado, é uma realidade que não pode ser desconsiderada.

O DILEMA DA CONSTRUÇÃO DE NOVAS HISTÓRIAS E AS CONVERSAS DE REASSOCIAÇÃO

White destaca alguns tópicos relevantes na co-construção de novas narrativas e conversas de re-lembranças, tais como:

- A co-autoria – um dos maiores dilemas para o terapeuta é não impor as suas idéias na construção da história alternativa, embora deva envolver-se no processo, fazendo perguntas ao cliente para estimular a reinterpretção de suas experiências de vida, mas sem incluir o sintoma;
- A evolução do caso prevendo recaídas – a reedição das histórias não é linear, por isso, eventualmente, a evolução do caso pode sofrer algum retrocesso e, mesmo quando o cliente já estiver construindo uma história alternativa, pode ocorrer um retrocesso e o seu problema voltar a ser narrado segundo a ótica da história saturada;
- O entusiasmo do terapeuta não deve ser expresso – o terapeuta fascina-se pelos progressos de seu cliente, mas expressar esse entusiasmo pode ser perigoso; pois



qualquer expressão desse tipo faz com que a experiência e a perspectiva do terapeuta passem a constituir o foco da conversa, quando o importante é a elaboração de perguntas que explorem se o que ocorreu parece significativo para a pessoa envolvida e por quê;

- O destaque do *acontecimento extraordinário* – White acredita que é importante resgatar os *acontecimentos extraordinários* que, com frequência, o cliente descreve sem lhe dar muita ênfase, pelo fato desse evento contradizer a história saturada. Por isso, não lhe dá a devida relevância. Cabe ao terapeuta identificar essas situações e lhes dar uma importância especial exatamente porque esses acontecimentos darão subsídios na construção das histórias alternativas. Se o terapeuta não tiver a devida habilidade, um acontecimento que poderia ser significativo passa despercebido. Para destacar a relevância desse acontecimento, White sugere que se pergunte ao cliente o que ele pensaria se visse uma outra pessoa agindo daquela maneira, obrigando-o a ter uma nova perspectiva da situação;
- o terapeuta fora da posição central – o profissional pode correr o risco de, ao invés de promover conversas que levem à reedição de novas histórias, limitar-se apenas a registrar os pontos positivos de uma determinada questão. Ao contrário, precisa concentrar-se nos efeitos do problema na vida do cliente e vice-versa, além de envolver outras pessoas como testemunhas na elaboração das novas narrativas. Geralmente, convida um amigo ou um membro da família para as sessões, perguntando-lhe como vê os progressos do cliente e o que acha significativo na situação. Tal estratégia permite ao terapeuta sair da posição central de promotor das novas histórias, o que pode ocorrer quando ele se atém apenas ao papel de um simples indagador;
- A adesão de outras pessoas como testemunhas – o processo do cliente reeditar as suas histórias de identidade pode ser enriquecido com a adesão de outras pessoas relevantes em sua vida para celebrar as vitórias conquistadas. São promovidas, então, celebrações, rituais e festas, que enfatizam as releituras que marginalizam os sintomas;
- Os registros das conquistas realizadas – o esquecimento pode ser um problema na terapia, pois ocorre, muitas vezes, que, na sessão seguinte, o cliente não se lembra das coisas importantes que aconteceram no encontro anterior, principalmente detalhes que contradigam a



história saturada. Para resgatar isso, o terapeuta pode escrever uma carta, resumindo o que foi discutido na sessão anterior, abordando especialmente os pontos cruciais da história alternativa, ou ainda criando algum tipo de documento para a pessoa levar para casa, ler, rereer, de modo que possa servir-lhe de lembrete ao longo da semana (Russell & Carey 2004, p. 37-42).

Uma forma especial de ativar a memória do cliente e que merece um destaque em White é o uso das conversas de reassociação. Para isso, busca-se resgatar elementos que possam contribuir para a reedição de uma história alternativa, o que ocorre quando o cliente fala de uma forma casual, sobre uma habilidade ou um conhecimento que possui e que não utiliza para enfrentar uma situação problemática. Às vezes, mesmo que este saiba que possui tal habilidade ou conhecimento, costuma descrever esse seu trunfo de modo superficial e talvez nem esteja muito confiante da destreza que possui. É o momento de dizer como desenvolveu essa habilidade, quem foi testemunha de tal conquista ou ficaria alegre ao saber que ele tem essa habilidade. Talvez fosse produtivo resgatar reassociação de fatos significativos em sua vida, podendo relacioná-los a pessoas significativas que compartilhem dos mesmos valores, compromissos, da mesma habilidade ou de uma maneira semelhante de encarar a vida. Para pesquisar sobre essas capacidades, poder-se-ia perguntar: “Como e quando você começou a pensar ou a agir assim?”; ou: “quem lhe ensinou esse seu jeito de ser/ de pensar/ de agir?”.

O resgate da auto-estima pode ocorrer quando o cliente, expressando uma imagem negativa de si mesmo, chamando-se, por exemplo, de ‘idiota’, ‘desprezível’ ou ‘trapalhão’, use as conversas de reassociação como um antídoto para essa auto-imagem negativa. Esse é o momento para se formular perguntas que mostrem ao cliente que, apesar de se descrever negativamente, houve pessoas, na sua história, que o valorizaram, apoiando-o e considerando-o (Russell & Carey 2004, p. 49-50). As conversas de lembrança poderiam ser do tipo:

- Como é que fulano contribuiu para a sua vida?
- O que é que ele fez para ser tão considerado?
- Como as atitudes dessa pessoa influenciaram e influenciam o modo como você se vê e compreende a vida?
- Como essas pessoas contribuíram para modificar o seu jeito de sentir ou pensar sobre si mesmo?



- Por que acha que essa pessoa se interessou por você?
- O que foi que você fez que contribuiu para a vida dela?
- O que acha que significa para ela manter essa relação com você?
- Como você acha que influenciou o modo como esta pessoa se vê ou o que ela pensa sobre a própria vida? (Russell & Carey 2004, p. 51).

As perguntas de reassociação, geralmente, são capazes de gerar histórias alternativas. Quando o sujeito começa a perceber essa forma marginal de se ver no mundo, alguns traços da nova identidade acabam entrando na sua história de vida. Considerando que deve ter havido pessoas que tenham contribuído para a formação de uma outra imagem mais otimista do cliente, pode-se, então, formular perguntas como:

- Quem, no passado, ficaria menos surpreso ao ouvir você falar dessas qualidades positivas que você tem?
- O que essas pessoas sabem sobre você ou que comportamento seu elas teriam presenciado para achar que você tem esse valor ou essa crença?
- Teria sido importante para elas perceberem como você pode se ver hoje de forma mais positiva?
- Como acha que você pode ter contribuído para a vida delas? (Russell & Carey 2004, p. 51)

Convém mencionar que, nessas conversas de reassociação, o cliente também pode se identificar com pessoas com quem não tenha nenhuma relação direta, como, por exemplo, o autor de um livro que esteja lendo, um artista de cinema, um ator de novela que, por algum motivo, pense que poderia compreendê-lo ou apreciá-lo melhor. Ou pode ser também, uma personagem imaginária ou ficcional. Ou uma figura mítica, uma personagem da história, um animal ou mesmo um brinquedo da infância, e o terapeuta poderia questionar: “o que o seu amigo imaginário, o seu ursinho de pelúcia diria sobre isso?”. Enfim, as habilidades, os engajamentos, os valores, as crenças e os objetivos do sujeito não aparecem em um *vacuum*, mas são fruto da história pessoal de cada um, da sua relação com o outro, e o importante é encontrar meios para fazer emergir essas conexões.



Por outro lado, o que acontece, nas conversas de reassociação, quando aparecem figuras que tiveram uma influência negativa sobre a vida do paciente? Nesse caso, é importante reduzir ou minimizar a influência dessas pessoas sobre a identidade do cliente e, assim, e a conversa de reassociação lhe dá a oportunidade de redimensionar experiências; caso fossem positivas, teriam de ser maximizadas ou, se fossem negativas, deveriam ser minimizadas. Resumindo, o foco da conversa de reassociação, na reedição de novas histórias, é determinado pela experiência particular de cada um, por seus valores e pela forma como as pessoas significativas tenham contribuído para delinear a identidade do cliente.

White & Epston resumem que a terapia narrativa:

1. Encara a vivência pessoal do sujeito como muito relevante;
2. Favorece a percepção de um mundo mutante e coloca as experiências vividas dentro da dimensão temporal;
3. Invoca o modo subjuntivo ao levantar suposições, além de trabalhar com significados implícitos e gerar perspectivas múltiplas;
4. Estimula a polissemia e o uso da linguagem coloquial, poética e pitoresca, na descrição das vivências e na tentativa de construir novos relatos;
5. Convida o indivíduo a adotar uma postura reflexiva e apreciar a participação de cada um nas interpretações dos relatos;
6. Estimula o sentido de autoria e re-autoria da própria vida, bem como das relações de cada pessoa ao contar e recontar a própria história;
7. Reconhece que as histórias devem ser constantemente co-construídas (...);
8. Introduce insistentemente os pronomes 'eu' e 'tu' na descrição dos eventos.

(White & Epston 1993, p. 94-95).

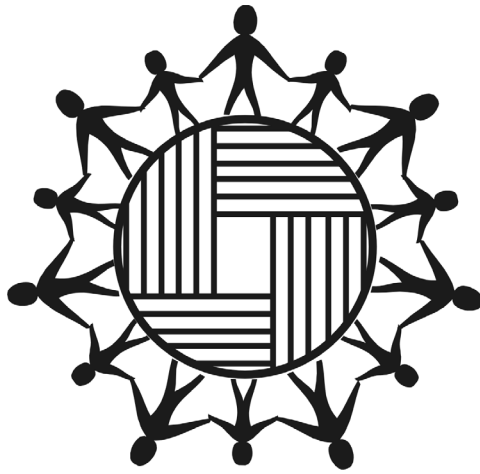
O fato é que todos os dados trazidos pelo cliente são continuamente reajustados e as perspectivas de suas histórias sempre revistas, readaptadas aos novos contextos de sua cliente. Voltando à história da zebra, no epílogo



deste trabalho, tudo depende do modo como o observador vê o mundo. Cabe, então, ao terapeuta enfatizar perspectivas em que não se valorizem certos rótulos que têm conotações negativas na sociedade. Às vezes, basta mudar uma palavra, quando a mesma situação ao invés de ser descrita como um problema pode ser vista como um desafio do cotidiano. Com um passe de mágica, se dissolve, então, tal problema, ou reintegram-se ao sujeito forças ou recursos que ele tinha e nem se dava conta e, assim não os utilizava no dia-a-dia. Por isso, tudo depende do modo como se vê uma circunstância. Há uma anedota popular que diferencia o pessimista do otimista, pois diante de uma mesma meia garrafa de vinho, o pessimista diz: “Mas já está quase vazia!”, ao que o otimista retruca: “Está quase cheia!”. Por isso seria pertinente voltar à pergunta da zebra, da epígrafe deste ensaio:

Dona Zebra:

Você é preta de listras brancas? Ou é branca de listras pretas?



Parte II



UM ESTUDO DE CASO

A APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA

O caso analisado refere-se a uma família¹ assistida no COFAM, Centro de Orientação Familiar, que funciona em Salvador, no bairro de Nazaré, desde janeiro de 1980. Essa instituição tem como objetivo prestar assistência, em psicoterapia, a pessoas e famílias de baixa renda.

A família analisada é constituída por Keila Regina Valente, que tem 38 anos, está separada do segundo companheiro, Antônio. Tem 3 filhos, sendo 2 do primeiro relacionamento: Saulo, com 18 anos, que mora com o pai, ainda estudante; e Virgínia (Vi), com 17 anos, estudante, que mora com a mãe. Nessa família há também uma menina, chamada Beatriz, 6 anos, responsável pela queixa principal da família, filha de Keila com Antônio. É uma família monoparental, com dupla paternidade, considerando que há filhos de ambos os relacionamentos: 2 adolescentes do primeiro e uma criança, da outra união. Convivem, então, no mesmo teto, mãe e filhas; logo, 3 pessoas de faixas etárias bem distintas. Seguem a religião Testemunhas de Jeová.

OS EFEITOS DO PROBLEMA NA VIDA DA FAMÍLIA E DA FAMÍLIA NA VIDA DO PROBLEMA

A queixa principal da família era que Beatriz, principalmente depois da separação dos pais, ficara agitada e nervosa. Como sintoma visível dessa

¹ Os nomes dos integrantes da família em questão são fictícios



agitação, a criança tinha o hábito de ficar balançando o corpo, ao mesmo tempo em que apertava e mordida, nervosamente, um pente que escondia, para que nem a mãe nem a irmã tomassem dela.

“Essa agitação de Beatriz acontece, principalmente, quando ela fica vendo televisão, pela manhã”, afirmava Keila. E Virgínia completava: “Beatriz faz esse movimento repetitivo, às vezes, até com a própria mão, ou então, com um urso”. Keila mostrava-se nervosa, sem saber o que fazer diante daquela situação; Virgínia admitia que se sentia incomodada, e o irmão Saulo dizia, ao ver Beatriz agitada: “Pronto, começou a loucura”. Assim, toda família estava preocupada com o sintoma de Beatriz. A sua professora tinha reclamado a Keila: “Não consigo dar aula. Essa menina é agitada demais e está muito briguenta com os coleguinhas”. Também uma vizinha mostrava preocupação com a agitação de Beatriz, aconselhando Keila: “Isso não é normal de uma criança dessa idade. Procure um médico”.

É importante destacar que um comportamento só se torna um problema quando rotulado como tal. Foi o que ocorreu no caso comentado, quando a vizinha desperta a mãe identificando como patológico aquele comportamento, já que achava necessária uma intervenção médica. O comportamento agitado de Beatriz afetava toda a família, além de sua professora e de uma vizinha.

Um outro problema trazido pela família foi a dependência do segundo marido, Antônio, em relação à mãe dele, fato que contribuía para a solidão de Keila, sobrecarregando-a mais ainda com a responsabilidade da família. Keila queixava-se: “Quando a gente era casado, ele passava muito tempo na casa da mãe, e eu não gostava disso. Se bem que a mãe dele sempre ficava dizendo para ele voltar pra casa. “Lá é que é sua casa”, dizia a sogra. Keila havia pedido a separação porque sempre se sentira muito só e queria ajuda para compartilhar suas tarefas domésticas. Dizia: “Como mulher, preciso de um companheiro. Fico muito sobrecarregada sendo pai e mãe dos meus filhos”.

De fato, quem liderava a família era Keila, administrando a casa, procurando exercer os papéis de mãe e pai, atuando como provedora daquele sistema monoparental. Afirmava ela: “Tudo quem resolve na família sou eu”. Assim, questões de gênero foram trazidas para a primeira sessão, percebendo-se o traço de resiliência de Keila, responsável pela família. Reconhecemos, então, que essa qualidade poderia vir a ser usada na construção de relatos alternativos mais esperançosos.



Também os freqüentes desentendimentos entre Beatriz e o irmão mais velho, Saulo, incomodavam Keila, pois ela não gostava que o filho rotulasse a irmã de maluca para que não ficasse estigmatizada. “Os dois brigam muito, como se tivessem a mesma idade”, afirmava Keila. Segundo ela, Saulo não dava a menor atenção a Beatriz, até nas perguntas mais simples que a garota fazia, do tipo: “Como é que se vê as horas?”

Finalmente, nesse primeiro contato com a família, Keila também teria se queixado de que não se conformava com o fato que, após ter criado os filhos sem a ajuda de ninguém, Saulo houvesse resolvido mudar-se para a casa do pai. “Talvez ele sempre quisesse morar com o pai, apesar de não se dar bem com a madrastra; mas, como ele também não aceitava meu segundo marido, acabou indo”.

OS PADRÕES RELACIONAIS E A HISTÓRIA DO PICA-PAU

A primeira sessão transcorreu em uma atmosfera tranqüila. Keila foi quem falou mais, enquanto Beatriz se manteve o tempo todo quieta e, sempre que interpelada, respondia com um “não sei”, dando de ombros e balançando a cabeça negativamente. Dentro do *setting* terapêutico, Beatriz continuava lacônica, quase o tempo todo, com exceção de alguns momentos em que teria participado de atividades lúdicas. Esta evidência só vem a corroborar a importância dos jogos, das brincadeiras e da utilização da arte na terapia, especialmente em se tratando de atendimento a criança, pois a linguagem lúdica é a linguagem infantil.

Pudemos perceber a forte ligação entre Beatriz e o pai. Segundo à mãe:

Era o pai quem botava Beatriz para dormir e era muito carinhoso com ela, mas, agora, depois da separação ficou mais afastado da família. Ficou um pai e um marido mais ausente. De vez em quando ele vê Beatriz, mas anda muito afastado da gente. Quando vem ver a gente, entra mudo e sai calado.

Mas Beatriz era, certamente, uma criança muito querida pela mãe e por Virginia, sendo acariciada por ambas, com freqüência, durante a sessão. Notava-se, no nível da comunicação analógica, que havia uma estreita proximidade entre Virgínia e Beatriz. A menina sempre estava mais perto de Virgínia do que da mãe, sentando-se, às vezes, na mesma cadeira da irmã. O modo como as duas irmãs interagiam carinhosamente sob o olhar



protetor e a atitude aprovadora da mãe eram traços relacionais recorrentes. Keila falava com mais frequência que as demais, demonstrando que detinha o papel de matriarca.

Quanto a Keila e Virgínia, parecia haver uma relação de cumplicidade entre elas, sempre se comunicando com o olhar, uma ajudando a outra a expressar os problemas vivenciados pela família, como aconteceu quando Keila falava de Beatriz e o pente; ou, então, quando, em um determinado momento, Keila dirigiu-se a Virgínia, dizendo: “Virgínia, esqueci de falar do peito, pois minha filha mamou até os quatro anos, e ainda hoje, costuma dormir, segurando o meu peito”. Esse hábito que ainda perdurava, embora Beatriz já tivesse 6 anos, parecia afligir a mãe, que associava o problema do pente ao brusco desmame da menina: “Acho que o problema de Beatriz pode ter a ver com o desmame. Botei um gosto amargo no peito para ela deixar de mamar. Acho que foi meio brusco”, disse Keila. Assim, já nessa primeira sessão, foram-se configurando os padrões relacionais daquela família.

Buscou-se formular perguntas de influência relativa para externalizar o problema, pontuando quais os efeitos deste sobre a família e vice-versa. Esses efeitos reais do problema sobre as pessoas que conviviam com Beatriz corresponderiam, nos estudos fenomenológicos da Semiótica peirceana, aos *interpretantes dinâmicos* ou efeitos que, de fato, são produzidos sobre a mente do receptor da mensagem. Logo, no diálogo a seguir, são os *interpretantes dinâmicos* que constituem a tônica do discurso:

T – Como esse comportamento de Beatriz tem afetado cada um de vocês?
(Procurou-se investigar os efeitos do sintoma sobre a família);

K – Ah, todo mundo fica preocupado com essa agitação de Beatriz. Eu, então, nem sei! Fico doidinha! Fico querendo esconder o pente, mas Beatriz sempre acha.

T – E você, Virgínia?

V – Eu fico tentando distrair ela, conversar com ela, mas quando ela entende de sacudir o pente, não tem jeito, não, e eu fico muito agoniada, não acerto mais fazer nada.

T – E o que é que Saulo diz mesmo, quando vê ela sacudindo e mordendo o pente?

K – Ele fica tão irritado que acaba ofendendo a irmã, chamando ela de maluca, daí ele fala: ‘Pronto, começou a loucura’. Eu não gosto quando ele diz isso, não quero que chame Beatriz de maluca.



T – E o pai, como é que ele reage?

K – Quando ela está com o pai Beatriz não fica agitada.(...)

T – O que seria diferente se o seu segundo marido não tivesse saído de casa?

(Conjeturou-se como a separação do casal influenciou a vida da família);

K – Acho que Beatriz não tinha ficado desse jeito. Ela é muito apegada com o pai. Tenho certeza que ela sofre muito com nossa separação porque adora o pai.

T – Em que momento você, Keila, acha que Beatriz sente mais a falta do pai?

→ indagando sobre possíveis efeitos da ausência do pai sobre o problema;

K – Acho que na hora de dormir. Era ele quem botava Beatriz para dormir.

Percebemos que os questionamentos feitos tiveram como objetivo explicitar a influência do problema na vida de cada membro da família. Já as perguntas sugeridas, a seguir, ressaltaram a resiliência de Keila Regina Valente, uma mulher guerreira que criou os seus filhos sem a ajuda de ninguém e sem ter uma qualificação ou uma instrução adequada. Essa qualidade dominante da mãe foi externalizada na conversa, pois como o próprio White sugere, não só os problemas devem ser externalizados, como também as qualidades. Keila Regina Valente, mediante tais questionamentos, seria convidada a descrever em detalhes essa força positiva que, muitas vezes, estava sendo marginalizada ou sem que lhe fosse dada a devida importância. Desejamos, assim, averiguar em que momentos essa força se manifestava em sua vida e de que forma Keila conseguia isso:

- Você criou seus filhos, sozinha, bem se vê que é uma mulher guerreira! E hoje, quando é que esse jeito guerreiro aparece?;
- Como é que essa força que você tem lhe ajuda a tocar a vida, mesmo sabendo que é difícil ficar sem um companheiro?;
- Houve momentos em que poderia ter quebrado a conexão com essa força, mas não perdeu e se manteve firme?;
- Você tem idéia do que significou em sua vida manter essa força viva durante todos esses anos?;



- O que teria sido diferente se você tivesse perdido contato com essa força que lhe transformou em uma mulher valente, que honra o nome Valente de sua família?

Um recurso usado nesse primeiro contato foi a utilização da linguagem e das características da família, especialmente atentando para os interesses da criança, o que serviu de senha de entrada para termos acesso àquele sistema. Ao conversarmos com Beatriz, indagamos o que fazia pela manhã, mas ela nada respondeu. Foi a mãe quem relatou que a filha gostava de assistir um programa de televisão chamado “O Pica-Pau.” Levantamos, então, a hipótese de uma possível ressonância de Beatriz com o pica-pau, pois, no nível icônico, havia certa semelhança entre a personagem do desenho animado e a garota: ambos mostravam agitação e um nervosismo, através de um comportamento de ir e vir repetitivo. Talvez, essa personagem dos desenhos pudesse ser uma metáfora útil nas próximas conversas terapêuticas. No nível literal ou denotativo ou mesmo indicial, tínhamos apenas um pica-pau; mas no nível figurado, conotativo ou icônico, esse signo aberto, ambíguo, poderia estar acenando para uma ampla possibilidade de ressignificações. Foi apostando nessa direção que perguntamos a Beatriz:

T – E se um pica-pau saísse da tela da TV e perguntasse a você ‘qual o momento em que você se sente mais feliz’, o que responderia?

B – Não sei.

A menina deu de ombros e balançou a cabeça.

Finalmente, na tentativa de descobrir acontecimentos extraordinários ou momentos especiais que pudessem afastar o discurso terapêutico da narrativa saturada e servir de subsídio para a construção de histórias alternativas, solicitou-se que listassem situações em que Beatriz poderia ter ficado nervosa e tensa, mas conseguiu permanecer tranqüila. Além disso, pedimos a Beatriz que fizesse um desenho para o próximo encontro, que representasse a família. Este poderia apontar para metáforas visuais que fossem úteis no desenrolar do processo terapêutico.

OS RETRATOS DA FAMÍLIA

No segundo encontro, configurou-se um padrão que haveria de marcar o percurso terapêutico dessa família. Sempre que se solicitava à mãe e às



filhas que fizessem algum tipo de ponderação a respeito dos efeitos do problema sobre a família, elas não respondiam. Sob o ângulo perceptivo convencional-simbólico, que aponta para as leis, convenções, normas, padrões de um determinado sistema, esse padrão mostrado pela família de Keila estaria indiciando algo, mas o quê? Poderia estar sinalizando uma depressão em Keila que, às vezes, chorava nas sessões, pois, apesar de ser guerreira, mostrava-se em alguns momentos desanimada? Estaria essa depressão se refletindo e/ou sendo reflexo do comportamento dos demais membros da família? São hipóteses que vão se configurando na revisão das sessões terapêuticas com a família de Keila, pois, quando olhamos retrospectivamente, há aspectos qualitativos daquela imagem familiar que nos despertam sensações ou sugestões que, de imediato, não conseguimos entender ou identificar exatamente. Essa percepção meio incerta e imprecisa está no nível icônico das hipóteses, das impressões vagas que tomam conta de nossa mente.

Mas, quando saímos do campo das impressões que a família nos desperta e lutamos para entender o que se passa naquele sistema, adentramos em um outro nível perceptivo, em que predomina a ação de tentarmos compreender o problema. Deixamos, então, o terreno das impressões para o das ações, para o problema contextualizado e situado aqui e agora, dentro de um tempo e espaço definidos, de uma força ou uma moldura cultural, social maior que o poder da própria família. É quando buscamos identificar traços ou índices daquelas relações de família, do comportamento daquelas pessoas...inclusive considerando a não cooperação.

No que concerne à dinâmica dessa segunda sessão, a família não tinha trazido o desenho, nem tão pouco anotara os momentos em que a agitação de Beatriz se manifestava ou não. Keila voltou a se queixar do comportamento agitado e repetido de Beatriz. Além disso, foram resgatados, durante a sessão, em instantes diferentes, momentos em que o nervosismo de Beatriz não aconteceu:

T – Mas tem algum momento em que esse comportamento repetido do pente não aparece?

K – Quando Beatriz vai para a reunião da Testemunha de Jeová, aí não acontece. Ela fica muito atenta e gosta de ir lá.

(...) – durante o dia, Beatriz ri, conversa; ela brinca o tempo todo, não pára. Ela relaxa mais quando está desenhando, brincando, sorrindo e assistindo o desenho animado do pica-pau, ou quando está na casa da avó paterna, junto com o pai. Mas, mesmo quando está rindo e brincando, ela, às vezes, fica mexendo com o pente.



T – Beatriz, como é que você consegue, nos dias que vai à reunião da Testemunha de Jeová, enganar D. Agitação a ponto de expulsá-la da sala de reunião?

Beatriz, mais uma vez, nada responde e dá de ombros, mas parece surpresa com a denominação da sua problemática ser referida como D. Agitação, chegando mesmo a perguntar à mãe; “Quem é D. Agitação?”

Keila, que havia entendido a pergunta, sorri e explica à menina que se trata de uma força maior que a domina em certos momentos, mas que, em outros, é Beatriz quem sai vencedora. “A doutora está querendo saber como você consegue afastar D. Agitação, quando vai à reunião da Testemunha de Jeová?”, explica Keila a Beatriz.

A menina ri e dá-se conta do que estão falando.

V – Nos momentos de nervosismo Beatriz parece uma pessoa viciada e é mesmo como se fosse uma força que tomasse conta dela. Parece estar dominada por essa perturbação.

T – Virginia, como é que você poderia ajudar Beatriz a enganar D. Agitação quando ela chega muito forte?

V – Nessas horas, eu ligo a tv, ela se distrai e se desliga um pouco desse comportamento.

T – Ah, Vi, quer dizer que quando ela se distrai, D. Agitação não aparece? Quer dizer que você, Vi, ajuda Beatriz a se livrar de D. Agitação quando convida o pica-pau para a sua casa quando liga a tv? E você, mãe, como é que ajuda para que Beatriz se livre de D. Agitação?

K – Eu costumo mandar para a casa de minha sogra, que mora perto. Lá, raramente isto acontece. Quando Beatriz vai à casa da minha sogra e está com o pai fica feliz, e não morde nem sacode o pente. Ela é muito ligada ao pai. Como Antônio dá muita atenção a ela, Beatriz fica envolvida com passeios e brincadeiras. Em casa, quando estou na cozinha ocupada fazendo minhas coisas, tomo o pente e escondo. Ela chora e faz com as próprias mãos o gesto repetido como se fosse com o pente.

T – Então, é nesses momentos que Beatriz é dominada por uma força externa, a D. Agitação.

K – Eu também vejo assim.

T – Sabe, Beatriz, você tem poder para vencer essa força. Vamos pensar nisso juntas? Juntas venceremos.

Assim, percebemos que o fato de Beatriz manter-se ocupada com alguma atividade que lhe interessasse e em situações em que ela estava distraída, sorridente e brincando, esse comportamento repetitivo, que tanto



incomodava a sua mãe e irmãos, não se manifestava ou pouco se manifestava. Durante a sessão, foi utilizada a técnica típica de White, a *externalização do problema*, em que se busca separar o sujeito do problema, antropomorfizando-o e destacando-o como uma entidade distinta. Logo, temos o sujeito e o problema, duas entidades à parte, ao invés de considerarmos ambos como se estivessem encarnados em uma só pessoa.

Peirce defende a idéia de que, na fenomenologia da percepção, há padrões, leis e paradigmas que regem qualquer processo cognitivo. A família pode ser vista como um sistema regido por leis, regras, padrões e, no estudo de caso de Beatriz, o que é recorrente nesse sistema é a *história saturada do problema*, que interfere na vida de todos. Tais leis e regras, que levam a sínteses perceptivas, correspondem à função simbólica do conhecimento na fenomenologia peirceana.

A história saturada do problema de White & Epston poderia corresponder, na linguagem de Peirce, ao *objeto imediato*, ou seja, a um recorte de todas as possíveis histórias que eventualmente poderiam ser tecidas em torno do problema de Beatriz. Como a vida se encontra constantemente em movimento, o sujeito é convidado a rever seus conceitos, solicitado a estar em processo de criação e recriação *ad infinitum* para se adaptar a essa ‘realidade’ mutante, já que somos sempre os mesmos mas nunca os mesmos, como já dizia Heráclito há mais de dois mil anos atrás. Peirce denomina a esta busca constante de auto-correção de *falibilismo*, se levarmos em conta que nunca estamos prontos em nossa vida, mas estamos eternamente em construção.

Na terapia de Beatriz, a busca incessante do terapeuta e da família de co-construírem novas hipóteses e narrativas para dar significado às circunstâncias que os afligiam poderia ser regida, na linguagem peirceana, por uma força denominada de falibilismo. E, ao reajustarmos a nossa interpretação da metáfora do pica-pau, por exemplo, tiramos da perspectiva de figura o comportamento repetitivo e irritante daquela personagem que passou a fundo; e a sua gargalhada bem humorada, que estava como fundo passou a figura de destaque na nova narrativa. Desse modo, asseguramos “a importância da linguagem e da fala como figura e fundo, tanto para dar sentido à existência como para construir as relações” (Grandesso 2006, p. 15).

Com essa estratégia de trabalhar com figura e fundo na reedição das histórias, o sintoma foi excluído, ao minimizarmos a sua importância, assim vindo a ter relevo a risada jocosa do animal. Buscou-se, portanto, criar condições para desestabilizar a história saturada do problema e lançar



sementes para a reconstrução de uma nova identidade para Beatriz. Em seguida, propôs-se uma atividade para ser executada na sessão:

T – Vamos fazer o desenho da família agora?

Todos – vamos.

Todos começaram a trabalhar e a conversar.

A resposta ao convite foi não verbal e a família imediatamente senta-se no chão. Beatriz colocou-se entre a mãe e Virgínia. Receberam folhas de papel, lápis e canetas para desenhar. A menina começou logo a rabiscar uma árvore frondosa com maçãs vermelhas. Observando o desenho (anexo 1), como se poderia interpretá-lo? Talvez, a árvore plantada em chão firme, capaz de dar sombra e aconchegar, pudesse sugerir a idéia da segurança que a criança buscasse encontrar na família. Quanto às frutas, de cor vermelha, poderiam expressar a alegria do mundo infantil e sendo em número de cinco, possivelmente simbolizariam os membros da família: Keila, Antônio, Virgínia, Saulo e a própria Beatriz, considerando que a consigna era “desenhe a sua família”. Mas, posteriormente, acabou incluindo no desenho os avós paternos, os dois irmãos, ela própria e o pai, Antônio, ao lado de sua mãe, Keila (anexo 2).

As terapeutas solicitaram a Beatriz que desenhasse o interior de sua casa bem como, as coisas e pessoas que ficavam dentro dela. Beatriz parecia relaxada e alegre, ao desenhar, enquanto Virgínia permanecia calada, reservada. Mostrava uma fisionomia triste quando a mãe começou a falar do seu último companheiro, o pai de Beatriz:

K – A relação de Antônio com a mãe é boa. Ele tem cinco irmãos, todos casados, todos normais. Só ele é que é a preocupação da mãe, que é casada, mora com o novo marido e Antônio, que voltou a viver lá. Ela fez de tudo para que a gente não se separasse. Negava até dar comida a ele, para ver se ele não ficava na casa dela, mas não adiantou. Não tem jeito, ele é assim, não desgruda dela. Sempre ficou mais na casa da mãe, mesmo quando casado. Eu agüentei ele dez anos nesta situação. Depois de quatro anos de relacionamento, engravidei. Foi uma gravidez muito esperada, a de Beatriz. (...) Meus três filhos foram muito desejados. Ele tem um outro filho, de uma outra relação, mas quem criou foi a avó. Hoje esse rapaz tem 18 anos e mora com a avó. Antônio é viúvo, e esse comportamento de ficar muito na casa da mãe, enquanto a gente estava junto, ele teve também com a primeira mulher.

E, enquanto desenhavam tranqüilamente, aproveitamos para indagar sobre a casa, as pessoas que ali viviam, procurando enriquecer os relatos



com descrições mais minuciosas sobre o que ocorria na família, sobre as relações interpessoais, enfim, contextualizando o que desenhavam:

T – Quais as pessoas que estão nesta casa? O que tem dentro dela?

B – A sala, o armário, a cama em que durmo com minha mãe e Vi. Fico perto de minha mãe. Vi dorme de cabeça para baixo, ela só dorme coberta. Este é o meu travesseiro (anexo 3).

Virgínia desenhou a família (anexo 4), na seguinte ordem, da esquerda para a direita: Virgínia, Keila, Beatriz, Saulo. Acabou também desenhando o padrasto, já no final. Desenhou-o com traços incertos, sem as mãos, entre Saulo e Beatriz, como se Virginia demonstrasse distanciamento em relação a Antônio. Enquanto isso, Beatriz continuava desenhando na sua casa, a televisão, em um lugar de destaque da sala. Ela disse que gostava de ver um programa que (anexo 5) tinha muitos desenhos animados, inclusive o do pica-pau, que tanto apreciava. Introduzimos, na sessão seguinte, uma marionete de pica-pau, visando envolver Beatriz nas atividades propostas. O pica-pau pode ser visto aqui como uma metáfora, que sugere o próprio comportamento sintomático de Beatriz, em que gestos e sons apareciam como repetitivos e irritantes. Analogamente ao pica-pau, Beatriz também repetia um gesto com o pente que lembrava o comportamento daquela personagem infantil e que irritava os demais.

Ao longo da sessão, trabalhamos com duas marionetes, uma seria o pica-pau e a outra estaria representando Beatriz:

T – Se eu disser a você que eu convidei o pica-pau para vir aqui hoje, você acredita?

B – Acredito.

Terapeuta mostra a marionete do pica-pau.

T1 – Veio também essa boneca bonita, qual é mesmo o nome dela? Você quer falar com a bonequinha, Beatriz?

B – Não sei.

A conjugação dos bonecos com a atividade do desenho logo interessou a menina, que ficou segurando a boneca nas mãos, enquanto desenhava e respondia às perguntas que lhe fazíamos sobre o lugar onde morava que se chamava “Vale dos Lagos”. Em seguida, demos a Keila uma marionete, uma bonequinha, e lhe sugerimos que conversasse com o pica-pau. Pegando a boneca, Keila disse que nas reuniões das Testemunhas de Jeová, Beatriz



não demonstrava aquele comportamento repetitivo e inadequado, quando então, aproveitamos para indagar o que mais ocorria em tal situação e em que outros contextos a menina não se deixava dominar pela força perturbadora. Buscávamos identificar *acontecimentos extraordinários* ou momentos em que Beatriz não era dominada por D. Agitação. Fizemos o que White chama de perguntas de *território de ação*, esperando que esses momentos fossem descritos em detalhe para sabermos quando e como Beatriz conseguia, de alguma maneira, enganar, iludir, trapacear D. Agitação. Esperávamos, então, detalhar os momentos extraordinários, de forma que identificássemos elementos que pudessem gerar histórias alternativas mais enriquecidas e, portanto, mais densas.

A seqüência de perguntas e assertivas mencionadas a seguir serviram para externalizar o problema. Interessante foi observar que a mãe e a irmã usaram o termo “uma força” para se referir ao problema ou à D. Agitação que perturbava Beatriz. Desse modo, a dificuldade foi encarada como externa à criança; foi antropomorfizada, ganhando vida própria independente da garota e que, por vezes, aprisionava a menina. Essa técnica visou dissociar a pessoa do problema e instigar a cumplicidade de todos para combater a dificuldade, com o mote: “juntas venceremos”. Na busca de registrar momentos em que Beatriz conseguia ver-se livre do problema, observa-se o seguinte diálogo:

T – Keila, você disse que Beatriz quando ia para a casa do pai também conseguia não ser dominada por D. Agitação. O que ocorria que D. Agitação tinha medo de entrar lá?

K – Ah, lá Beatriz se sentia muito amada por seu pai, com quem brincava e sorria muito. Assim, ficava mais tranqüila e a mania do pente parava.

T – Ah, quer dizer que o sorriso dela espantava D. Agitação?

K – É, realmente, quando ela está sorridente e brincando, não mostra o problema, parece que ela esquece. De fato, quando ela está sorridente, D. Agitação passa bem longe.

T – (ecoando a voz de Keila, bem alto). Repita isso, mais uma vez, não ouvi isso direito. Preciso ouvir melhor. Gente, vocês ouviram isso? Diga, então, como é mesmo que ela consegue afugentar D. Agitação. Quer dizer que quando ela está sorrindo D. Agitação não chega perto? Não encosta? Que poder mágico tem esse sorriso!!! Meu Deus, o que é isso que eu estou ouvindo. Será que estou ouvindo vozes, será que eu estou ficando maluca? Que risada marota é essa que dá conta de espantar D. Agitação



Beatriz acha graça, sorri da cara de espanto da terapeuta e da mãe. E parece compreender melhor o que querem dizer com a expressão 'D. Agitação'.

T – Vamos pensar juntas. Beatriz diz que gosta muito do pica-pau e quando a gente gosta de alguém, quer imitar essa pessoa. Ora, o pica-pau é uma personagem malandra e que torra a paciência de qualquer um, ao repetir o mesmo movimento, inúmeras vezes. Mas fascina as crianças com o seu jeito maroto, com o riso irreverente e engraçado, fazendo sucesso apesar do comportamento irritante. Vai ver que Beatriz também faz sucesso espantando D. Agitação com o mesmo sorriso maroto do pica-pau, que ela vê na tv e certamente quer imitar.

Utilizamos aqui, um tipo de pergunta que White chama de *território de identidade*. Nesse caso, as perguntas foram utilizadas como um recurso retórico para encorajar as pessoas envolvidas a se verem de maneira diferente, levando todos a refletirem sobre uma nova identidade para Beatriz. A perspectiva de ver a criança com características semelhantes às do pica-pau, não se identificando apenas com o comportamento irritante e repetitivo da personagem mas, sim, com a sua gargalhada hilariante e descontraída pôde emergir no diálogo.

A dificuldade apresentada por Beatriz era, muitas vezes, rotulada pelo irmão Saulo como um comportamento maluco, exatamente por ser repetitivo e sem explicação aos olhos dos demais. Quando a terapeuta disse ouvir vozes como se estivesse maluca, ela pretendeu desvalorizar ou desmistificar o rótulo de maluca com que o irmão pejorativamente se referia a Beatriz, quando agora, a própria terapeuta se dava o mesmo rótulo que Saulo teria emprestado à criança. Assim, externalizando o problema como D. Agitação e destacando uma outra faceta do pica-pau, a sua risada hilariante e hipnotizante com a qual Beatriz talvez se identificasse, seria possível pensar na menina também de um modo mais positivo. Sobressairia, então, o seu sorriso alegre e capaz de espantar qualquer D. Agitação que, porventura, chegasse no seu território. Logo, o pica-pau foi usado como instrumento para provocar e motivar a família, explorando-se o potencial lúdico e analógico da identificação da criança com a personagem para espessar ou enriquecer o enredo da história alternativa tecida em torno de Beatriz e do pica-pau. Com essa estratégia, buscou-se trilhar novos territórios de identidade para Beatriz em que o sintoma estaria excluído.

Da mesma forma que White & Epston valorizam as metáforas como elementos-chave no processo terapêutico, o semiótico Peirce vê também



esse recurso como uma peça angular do processo cognitivo na sua fenomenologia da percepção. Para Peirce, a metáfora leva o intérprete a sínteses novas e criativas advindas de outros *insights* em que elementos aparentemente distintos e desconexos (como Beatriz e o pica-pau) terminam por se aproximar, devido ao poder da analogia, assim ampliando a percepção do sujeito. No caso de Beatriz, ela e o pica-pau passam a compor uma nova síntese através da metáfora ‘pica-pau’, gerando, dessa forma, uma outra narrativa que exclui a antiga rotulação negativa da menina e do seu comportamento maluco. Aplicando a linguagem de Peirce à terapia, o interpretante dinâmico ou o efeito que o signo produz no intérprete foi, no caso da família de Beatriz, o efeito que a releitura produziu na mãe em suas filhas, provocando-lhes surpresa e alegria ao ver o comportamento irritante de Beatriz ser traduzido por uma autoridade da saúde mental não mais como um sinal de maluquice, mas como a imitação da risada de um pássaro que é repetitivo, e, ao mesmo tempo, hilariante e engraçado. Assim, o recurso da metáfora gerou um re-enquadramento da situação, que fugiu da *história saturada* da família ao se valorizar uma história alternativa. Para Peirce, esta redefinição ou um outro efeito possível sobre a mesma circunstância corresponderia ao interpretante imediato porque se trata de resgatar uma história em potencial com os mesmos dados que antes serviam para rotular o mesmo comportamento de maluco.

Nessa sessão, como foi visto acima, Beatriz, portanto, brincou com a marionete do pica-pau e interagiu com ela, colocou na boca do bichinho o lápis que estava usando para desenhar. A seguir, Virgínia e Keila trouxeram à baila a possível origem do problema de Beatriz e como Keila informa:

K – Acho que Beatriz bota para fora com o pente alguma insatisfação que ela não consegue expressar. Mas não sei como provar isso. Penso que ela começou a ter essa dificuldade quando eu resolvi tirar a mama de Beatriz porque ela mamou no peito até os quatro anos e eu achava que já estava mais do que na hora de tirar o peito.

T – E há quanto tempo Beatriz começou a ser dominada por D. Agitação?

K – Foi logo depois que eu tirei a mamada no peito, faz dois anos, e tem três anos que me separei de Antônio. Penso que isso também interferiu.

T – Interessante essa coincidência de datas que você observou.

Keila e Beatriz brincaram com o pica-pau, um pouco mais, voltaram a desenhar e continuaram a conversar. A mãe, após desenhar a família,



perguntou a Beatriz: "Falta quem nesta família, Beatriz?" Beatriz respondeu: "Ninguém". Mas, todas nós percebemos que no desenho de Keila faltava o ex-marido, pai de Beatriz, e Keila explicou que não o incluíra porque não mais o considerava da família, já que ele nem vivia mais com ela. "Mas vou trazer uns retratos para vocês verem, da próxima vez, inclusive do pai de Beatriz", prometeu Keila.

Em seguida, o tema do recasamento foi introduzido como se Keila quisesse preparar a família para uma futura união, pois se sentia muito só. Apontando para a casa que desenhara, Keila deu algumas informações:

K – Eu converso com Beatriz que, se por acaso, minha vida mudar futuramente, Virgínia tem uma cama para dormir, Beatriz também. Tem quarto e cama para as duas.

B – Se mamãe casar, eu vou morar com o papai.

K – E se o seu pai casar?

B – Ele não vai casar, não.

K – Eu é que nunca mais quero viver com Antônio.

Ao olhar os desenhos da casa e da família feitos por Beatriz, vemos que predominou a cor preta, apesar de terem sido disponibilizadas canetas de tons diferentes para a atividade, tendo a cor utilizada impresso um tom carregado aos desenhos. Considerando as imagens:

O anexo 3 tem um armário de três portas e uma cama, em que Beatriz se coloca ao lado da mãe;

O anexo 4 mostra Beatriz entre os pais, parecendo desejar ainda a família unida. Notamos que ela introduziu o irmão, que mora com o pai, e os avós paternos.

O anexo 5 mostra um único objeto, uma tv, talvez simbolizando a importância do mundo dos desenhos animados na vida de Beatriz;

Na sessão seguinte, terapeutas e família conversaram sobre o distanciamento de Antônio em relação à família. Keila trouxe à sessão o fato dela ter percebido que Beatriz insistia em colocar Antônio no desenho quando, para Keila, este não mais pertencia ao sistema, como se percebe no diálogo abaixo:

T – Vamos ver juntas os desenhos. Se você tivesse, Keila, que fazer uma comparação entre o seu desenho e o de Beatriz, o que mais lhe chamaria a atenção?



K – Beatriz sempre me coloca junto com o pai dela, nos desenhos.

T – O que é que você imagina que Beatriz quer expressar quando desenha Antônio perto de você?

K – Acho que ela quer nos ver sempre juntos. Talvez seja esse o seu desejo. Ela sempre desenha desse jeito. Nunca coloca a avó. Só colocou a avó neste desenho porque foi pedido para ela. Desenha Virgínia, eu, ela e o pai. Sempre assim família para Beatriz é isso aí.

Nesse momento, Keila vota a mencionar o seu desejo de um possível recasamento, pois não gostaria de ficar sozinha a vida toda.

K – Até comentei com Beatriz: se eu ou o pai dela arranjasse uma outra pessoa? E se ele resolvesse casar com outra? Ela sempre diz: “Não, não, não”.

Beatriz não aceita, de forma nenhuma, essa idéia. Não quer e não aceita.

T – E você, se incomoda com essa atitude de Beatriz?

K – Não me incomoda, não. Quando estou sentada no sofá, Beatriz põe a minha mão junto a do pai, quer que eu segure a mão dele. Dá uma vontade de chorar. Fico muito sensibilizada com isso, mas acho que ele nem se importa.

E, ao terminar a sua fala, Keila acariciou Beatriz, buscando consolar a menina. Beatriz expressou, portanto, o seu desejo de manter os pais unidos, o que foi verbalmente confirmado por Keila, como se pôde constatar. E a mãe acrescentou alguns detalhes sobre o apego da menina com o pai:

K – Conversei, inclusive, ontem, por telefone com a avó dela, que me disse que Beatriz não ficou um só instante sem segurar a mão do pai dela, quando passou o último fim de semana com ele. Nem um minuto sequer, sempre grudada no pai.

T – A que você atribui esse comportamento de Beatriz, na casa da avó?

K – Atribuo à falta que ela sente do pai. Não aceita ele longe de casa.

Ao sabermos desse comportamento de Beatriz, observamos que o sintoma não aparecia quando a menina estava na casa da avó com o pai. Lá, ela ficava segurando a mão do pai, sempre sorridente. O pai e não o pente, naquele momento, atraía a sua atenção. Constatada essa proximidade estreita, mais uma vez, entre Beatriz e Antônio, ficou evidente que, quando a criança estava com ele, na casa da avó, o sintoma não se manifestava.

Observando os desenhos de Virgínia, percebemos que, apesar de se desenhar (anexo 6) com a aparência sorridente, aparecia só e sem um braço,



justamente o esquerdo que a ligaria ao resto daquele sistema familiar, situado à sua esquerda no desenho (anexo 4). Todas as personagens do seu desenho aparecem soltos e com as mãos abertas, com exceção de Antônio, como se fossem dar-se as mãos, mas sem, na realidade, fazê-lo. Semelhante à representação de Beatriz, o sub-sistema fraternal desenhado inclui os três irmãos. Mas, ao contrário de Beatriz, Virgínia desenhou Keila, mas não incluiu Antônio, ficando Saulo o mais afastado de todos, do lado contrário ao de Virgínia. Da esquerda para a direita, podemos ver: Virgínia, Keila, Beatriz, Antônio (acrescentado posteriormente) e Saulo.

Finalmente, olhamos o desenho de Keila (anexo 7). Do ponto de vista da perspectiva em que as figuras aparecem, Keila se projeta mais à frente, como se estivesse saindo do grupo, que vai ficando para trás. No desenho, Keila colocou Saulo bem distante de si própria, parecendo demonstrar certo desligamento em relação ao filho. Ela, mais uma vez, lembrou que tinha criado os filhos sozinha, e ficara decepcionada com Saulo que, na adolescência, preferira morar com o pai de quem ela se separara quando as crianças ainda eram bem pequenas. Tal fato teria magoado muito Keila e ela sempre se referia a isso com decepção e até rancor.

A impressão que temos é que Keila estaria procurando se desligar de Antônio, como ela própria afirmou, para ter um novo companheiro, a ponto de nem incluí-lo no desenho. Um outro dado a ser destacado é que, originalmente, só escreveu o nome dela e o de Virgínia, no desenho, embora falasse que as duas outras personagens seriam Beatriz e Saulo. Uma visão mais individualista poderia estar norteadando essa narrativa pictórica, possivelmente traduzindo através de metáforas visuais, um momento de redefinição na vida de Keila. Queria se cuidar, cuidar da própria vida, sentir-se mais livre e autônoma para ser dona do seu futuro, talvez, buscando um novo relacionamento conjugal. Daí esse “EU”, escrito em cima da figura que ela disse tratar-se dela própria, que dominaria o palco perceptivo do observador.

As possíveis interpretações propostas sobre as inter-relações familiares a partir dos desenhos, não tiveram a pretensão de capturar nenhuma verdade definitiva. Cada um dos desenhos metonimicamente mostrou somente partes de uma verdade bem maior de um objeto dinâmico que não cabe dentro do signo e por isso nunca pode ser expresso na sua totalidade. Cada desenho não passou de um objeto imediato, ou seja, de um recorte das possíveis interpretações que foram dadas. Como a semiose ou o processo da ação do signo, é aberto, certamente que também as interpretações aqui expostas não podem incluir todas as interpretações possíveis de cada desenho.



Observadores diferentes ou até o mesmo observador poderia sempre produzir outras sínteses perceptivas, dentro de uma cadeia infinita de geração de signos.

A DESCONSTRUÇÃO E A REEDIÇÃO DE NOVAS HISTÓRIAS

A CAIXA DE PANDORA, O DESENHO QUE CHORA E O BAZAR DOS SONHOS

Na sessão seguinte, além de continuarmos explorando os desenhos da família, configuraram-se outros padrões de comportamento, como o tom queixoso de Keila, que observamos estar também dominada por uma D. Depressão. Nesse e no encontro seguinte foi mencionado um padrão de relacionamento que, contado pela própria Keila, estava passando de mãe para filha naquela família: a traição dos homens, pois, apesar do medo de aquelas mulheres tinham de ser traídas, isto acabava se concretizando, como se fora uma profecia auto-realizável. Portanto, também questões de gênero foram trazidas para a terapia, sobremaneira, a questão da traição.

K – Virgínia tinha um namorado, mas agora, já não tem mais. Ela descobriu que o namorado estava saindo com uma amiga dela. Estava namorando as duas ao mesmo tempo. Uma outra amiga dela foi quem falou. Muito triste isso, coisa chata! Virgínia confiava muito nessa pessoa; a moça é colega dela, pessoa de inteira confiança da gente. Foi mais uma decepção. (...)

Canalhice (...) E logo com a prima dele, de sangue! Os homens são uns canalhas! Por falar em traição, eu me separei do primeiro marido, também por causa de traição. E além de ter sido traída pelo pai dos meus filhos, e esse foi o motivo pelo qual me separei, Saulo também me traiu. Passei a minha vida inteira sozinha, criando meus 2 filhos, trabalhando, fazendo tudo sozinha. E aos 16 anos, Saulo resolveu ir morar com o pai, sem me dar nenhuma satisfação. Isso, até hoje, não consigo aceitar.

Meu ex-marido só tem esses dois filhos, Saulo e Virgínia, e nunca ligou para eles. Saulo tinha um ano e Virgínia tinha meses, quando meu ex-marido saiu de casa. Quando ele me deixou, eu era muito nova e dei conta sozinha. Ele simplesmente achou uma outra mulher e se esqueceu que tinha dois filhos. EU TENHO RAIVA DELE, MUITA RAIVA MESMO. E não consigo, até hoje, ver Saulo morando com ele e essa outra mulher. Depois de tudo que passei, meu filho ficar com o pai e com essa mulher com quem ele me traiu? Tudo o que tenho hoje, eu construí sozinha.



Mas tenho muito medo de sofrer pelas pessoas que amo e também ver as pessoas que amo sofrendo. Penso que estou cansada de tantas decepções e não suporto ver os outros abusando da boa fé das pessoas boas.

Segundo Keila, Saulo achava que a mãe, ao envolver-se com alguém, devia apurar mais a sua capacidade de perceber quem presta e quem não presta, já que esse tema de traição teria se repetido na vida de Keila e, agora, também na de Virgínia. Por que será que as traições se repetiam nessa família? E Keila afirmou:

K – Quando Saulo vê uma pessoa, logo percebe se a pessoa é boa ou não. Quando viu o pai de Beatriz pela primeira vez, percebeu logo que não era aquilo que demonstrava ser. Meu filho disse: “Minha mãe, você se deixou enganar por ele”.

(...) E eu respondi: “Eu sei disso, eu tenho que me fechar um pouco, pois costumo confiar demais nas pessoas”. Saulo diz que eu vejo todas as pessoas como boas, e a vida não é assim, e quando acontece uma decepção, fico muito mal.

Portanto, no relato, vieram à tona fatos importantes, que mostravam como o comportamento de Keila alimentava a vida do problema, na medida em que ela acreditava sem reservas nas pessoas, antes mesmo de ter elementos que lhe assegurassem que podia confiar. Através do auto-relato em que Keila se referiu a Saulo, ela própria se deu conta da sua participação na perpetuação do problema.

Finalmente, procuramos fazer um reenquadramento daquela situação, propondo à família trabalhar com uma Caixa de Pandora, onde seriam colocados os medos de cada um. A idéia era nomear os medos que os perturbavam, tirando-os de dentro de si, ao nomeá-los e colocando-os em uma caixa fechada. Isto foi feito na busca de concretizar, corporificar os problemas, afastando-os assim, das pessoas aos externalizá-los até mesmo fisicamente. Vimos, então, como cada um dos medos dominava aquelas pessoas:

T – Peço que tragam uma caixa de sapato da próxima vez que vierem e dentro dela, coloquem em um pedaço de papel os medos que atormentam cada uma de vocês. Só o medo, não precisa escrever no papel o nome de quem tem medo. É importante deixar a caixa sempre fechada para que não possam sair dali de dentro.

Embora a família não tivesse trazido nem os retratos prometidos nem a caixinha, nessa terceira sessão, buscou-se uma maneira de resgatar a



importância da caixa de medos. Uma verdadeira Caixa de Pandora que, na mitologia, guardava apenas coisas ruins e, por isso, não devia ser nunca aberta:

T – E a caixa? Trouxeram?

K – Não, nem a caixa, nem os retratos. Virgínia disse que não sente medo nenhum, Beatriz também não tem medo; eu é que tenho alguns. Ninguém quis fazer nada em caixa nenhuma.

T – Vamos botar esses “medos” em uma caixa agora?
Mas Keila divagou e respondeu uma outra coisa.

Mas, a atividade da Caixa de Pandora acabou sendo aludida, novamente, no final do encontro, no momento em que buscamos fazer um re-enquadramento da imagem daquela família. Foi possível destacar, mais uma vez, a sua resiliência, pois conseguiu sozinha criar os filhos, procurando afastar os seus medos ao longo do tempo. Mas essa qualidade de zelar pela família foi valorizada, buscando-se fazer uma releitura da traição que, segundo Keila, a atemorizava:

T – Vamos imaginar que, dentro da caixinha, estivessem esses seus medos guardados. Vamos deixá-los trancados lá. E procurem substituir por alguma coisa boa, agindo como um garimpeiro que, do fundo da lama do rio, procura o ouro e, uma vez encontrado o ouro, joga fora toda a lama. Você, Keila, é uma mulher batalhadora e tem muito de bom dentro de você.

K – É importante ver o outro lado das coisas, mesmo. Isso é o que eu digo sempre a Virgínia.

T – Sim, veja que você conseguiu, apesar de tudo, criar seus filhos e zelar pela família, que procura manter unida. Você valoriza a família.

T – Que tipo de pessoa você escolheria hoje para se relacionar?

K – Uma pessoa que seja um bom pai, um bom marido, uma pessoa boa e que valorize a família.

Procuramos chamar atenção para os valores de união e solidariedade que norteavam aquela família monoparental. Além de enfatizarmos a importância da família para Keila, pontuamos também a solidariedade que fora capaz de expressar em relação à dor da filha, querendo apoiá-la e protegê-la, especialmente ao comentar que: “Ela merece uma pessoa muito boa, porque ela é uma boa filha, uma boa irmã, boa tudo. Eu vejo minha filha muito frágil para tanta decepção”.



Mas, ouvindo tantas investidas de Keila sobre a traição dos homens, que nomeara como ‘canalhas’, e, percebendo toda aquela atmosfera de revolta, desarmonia e raiva, Beatriz, que ficara desenhando durante toda a sessão, apresentou às terapeutas o seu trabalho. Uma delas, quando olhou o desenho, não se conteve e comentou: “Lindo! Mas quantas lágrimas no seu desenho!” (anexo 8). Esta foi a reação ao desenho que a terapeuta teceu, traduzindo aquela metáfora visual em palavras. A impressão que o desenho passava era de desconsolo e separação. Que sensação de tristeza ao ver esse desenho e perceber que as nuvens divididas por um sol que parece chorar, se encontram apartadas uma da outra. Se compararmos com o primeiro desenho de Beatriz, veremos que os elementos são praticamente os mesmos, com exceção da chuva. Ou seriam lágrimas? E de uma mancha no centro da árvore, sem nenhuma fruta vermelha, como a anterior. A cor viva e alegre da primeira paisagem não estava mais presente. O centro do quadro ficou vazio, apenas preenchido por lágrimas que parecem mimetizar a dor de Beatriz, justo no momento em que a mãe expressava a sua dor ao falar de traição.

Ora, ao ouvir que os homens todos são canalhas, então o seu pai, que tanto amava também seria ele um canalha? O que lhe sobrava, então? Ao ouvir que os homens não prestam, em quem ela confiaria? São vestígios da conversa ouvida por Beatriz e que poderiam estar encontrando um contraponto nas impressões passadas pelo desenho, que pode sugerir uma profunda tristeza, numa paisagem onde as flores se fecharam. A árvore, símbolo de segurança, de aconchego, se deslocara para uma área de menor peso visual no quadro, o canto esquerdo inferior da página. E, considerando que para os ocidentais, a escrita se processa da esquerda para a direita, tudo o que fica à esquerda está relacionado ao passado, enquanto que à direita, refere-se ao futuro. Logo, como o desenho foi mais projetado à esquerda, estaria apontando para uma linha do tempo cujo ponteiro tendia para trás, para um passado idealizado e que teria ficado na lembrança. E o que seria essa grande mancha escura no centro do tronco da árvore? Uma mácula representando uma doença naquele sistema?

Todas essas são possíveis interpretações ou recortes de um signo aberto e impossível de ser definido na sua totalidade. Esse desenho de Beatriz tem o mesmo estilo dos demais feitos pela criança: a árvore, as flores, o sol e as nuvens, mostrando os mesmos traços, as mesmas cores. Logo, percebemos que há leis nesse sistema representativo que se repetem. Mas especialmente este desenho aponta para a tristeza profunda de uma criança, capaz de refletir solidariedade com a tristeza da mãe, que tinha expressado um discurso tão amargo, tão sem esperança.



Numa tentativa de conotar positivamente a família, levantar a autoestima de todas, especialmente de Keila, além de acolher a mãe e suas filhas que teriam faltado várias sessões por problemas justificados de saúde, entregamo-lhes um certificado de ‘Boas Vindas’, ao final da sessão. Inspirado nos modelos dos certificados de White, teria como objetivo sinalizar pontos positivos das pessoas que vieram ser consultadas. A entrega do certificado teve uma ressonância positiva sobre a família e Virgínia leu para todos o documento de “Boas Vindas” (anexo 9), agradecendo a mensagem positiva que recebera e ficando evidente que a resposta ao documento tinha sido favorável. Todas saíram se sentindo mais valorizadas e prestigiadas por suas qualidades, decididas a procurar redefinir a situação em que se encontravam.

Entregamos este certificado a Keila Regina Valente e família, expressando nossa alegria por recebê-las de volta, hoje, aqui conosco. Parabenizamos, especialmente, Keila, pelo interesse e desejo de querer continuar a terapia, com o objetivo de ajudar a família a encontrar soluções para as suas dificuldades e, assim, criar novos projetos de vida. Parabéns, também, pelo novo emprego que a tornará ainda mais forte e vitoriosa.

Este certificado servirá para fazer a família sempre recordar que Keila Regina Valente, Beatriz e Virgínia são pessoas fortes e determinadas, capazes de espantar de suas vidas tristezas e mágoas.

Salvador, 09 de julho de 2004.

Assinado as Terapeutas: Maria Angélica T. Hora /
Sílvia Maria Guerra Anastácio.

É importante esse tipo de lembrete para abordar pontos que poderiam fazer parte de uma história alternativa contemplando a construção de novas identidades e para que, em casa, todas pudessem ler e reler, ao longo da semana, aspectos positivos dos diversos membros da família. Tais lembretes serviriam de andaimes, portanto, segundo as metáforas de White, para fazer emergir histórias alternativas. Os andaimes ou lembretes seriam removidos, posteriormente, quando não se fizessem mais necessários. Os andaimes foram detalhadamente explorados por White, na sua Conferência em Salvador, 2006, quando o autor se referiu à importância dessas estratégias mnemônicas e temporárias utilizadas na construção de histórias alternativas e de uma nova identidade mais autoconfiante do cliente e da família. Tais



recursos equivalem, na Semiótica de Peirce, ao conceito de *causação eficiente* e seriam todas as estratégias que visam resgatar a compreensão de qualquer processo cognitivo. No caso de Beatriz, corresponderia à garimpagem de elementos que poderiam subsidiar a construção de uma história alternativa, na medida em que o certificado lembrava que Keila, a líder da família, era possuidora de uma força resiliente que ela às vezes desconsiderava quando se mostrava triste e queixosa, o que ameaçava toda a estabilidade do sistema. Esse andaime, em Peirce, estaria conjugado a uma outra força, que ele denomina de *causação final*, ou seja, qualquer recurso utilizado no processo cognitivo sempre visando uma meta, alcançar um objetivo específico que, no caso da família em questão, seria a busca de sair do impasse em que se encontrava. Ao edificarmos essa construção, que é um eterno autocorrigir-se para chegar a uma determinada meta, estaremos novamente utilizando princípios de Peirce, que ele denomina de *falibilismo*, já que o ser humano é falível e necessita estar constantemente se autocorrigindo, na busca de um melhor aperfeiçoamento de si mesmo. Evidente que esta não é uma empreitada fácil e requer que o sujeito retome o seu élan vital, movido por uma força de amor maior, que corresponderia, em Peirce, ao que denomina de *agapismo*. Na família, essa força equivaleria a um desejo maior e uma busca de sair do impasse, da *história saturada* e, assim, retomar o fluxo natural da vida.

Os Ecos e as Trocas de um Bazar de Sonhos

Na quinta sessão, novas estratégias foram utilizadas como outros andaimes que procurassem redefinir a meta principal a ser trabalhada com a família. Questionadas, novamente, sobre o objetivo maior da terapia, naquele momento, Virgínia e Keila pareciam divergir. Keila voltada para os seus problemas de saúde, especialmente para a depressão que a consumia, enquanto que Virgínia continuava a se preocupar com a agitação de Beatriz, com a obsessão da menina em morder e sacudir o pente:

T – Da última vez, perguntamos sobre o que vocês queriam trabalhar na terapia. Keila colocou a questão pessoal dela por sentir-se insegura e trouxe também a questão da traição. Agora, qual a prioridade desta família, hoje?

V – Minha preocupação é Beatriz, continua a mesma coisa.

T – As outras coisas estariam em posição menor? É isso?

V – É.



K – Se eu tivesse vindo, hoje, pela primeira vez, falaria da minha depressão, dos meus problemas de saúde, estou cheia de problemas. Esquecendo as coisas. Estou mais nervosa e com vários problemas (...). Está acontecendo tudo de uma vez só. Pressão alta direto, tonta (...). Não tenho vontade de nada. Não trabalho. Não consigo nem comer direito.

Mas, apesar de frágil, no que concerne à hierarquia daquele sistema, Keila continuava exercendo a liderança. Keila tinha consciência da sua força naquela casa, apesar de estar passando por um momento de desalento e depressão, sendo a sua liderança um dos padrões relacionais daquele sistema:

K – Eu sempre digo que a cumeieira da casa, sou eu. Então, eu estando bem, as meninas também ficarão bem. Virgínia fica muito triste, a me ver, assim. Quando eu estou melhor, ela se alegra também.

Contudo, pelo fato de Keila estar mais voltada para o seu próprio mundo interior, cabia a Virgínia ocupar um papel parental em relação a Beatriz, sendo este o padrão relacional preponderante da família, no momento: Keila doente, depressiva, queixosa, e Virgínia assumindo os cuidados essenciais para com Beatriz, além de dar atenção à mãe. Dentre os padrões relacionais da família, detectamos, portanto, o papel parental de Virgínia, uma vez que a liderança de Keila, no momento, estava substituída pela filha mais velha. Virgínia revia os deveres escolares da irmã todos os dias, e era com ela que Beatriz sentia que podia contar para lidar com as questões diárias como evidenciou a linguagem não-verbal da criança:

T – Quando D. Agitação lhe domina, com quem você acha que pode contar mais, na sua casa?

Beatriz olha insistentemente para Virgínia e nada responde.

T – É Virgínia quem lhe ajuda, não é?

Beatriz assenta com a cabeça afirmativamente.

T – Quais são mesmo os momento em que Beatriz não se deixa se dominar por D. Agitação?

V – Quando dou banca e passo dever para ela.

T – E que mais? Você já disse aqui, no outro dia, que também quando ela vai à igreja e fica com a mente ocupada, D. Agitação não consegue dominá-la, não é?

K – É.



V – Mas se a gente esconde o pente, ela faz o mesmo gesto com as mãos, ou pega qualquer coisa.

K – Aquela atitude de agitação de Beatriz me agita também, fico inquieta, fico impaciente.

O que podemos constatar é que a história saturada ou problemática sempre voltava à tona. Seria o momento, então, de conduzir outras histórias subordinadas ou alternativas, que tornassem os momentos extraordinários mais visíveis. Já que a nossa vida é composta por múltiplas narrativas, por que ficarmos presos sempre ao mesmo enredo limitante? Pareceu, então, relevante explorar outros *territórios de identidade* daquelas pessoas, de modo a evidenciar suas habilidades ou os motivos, os sonhos, as expectativas, os valores que estariam por trás desta ou daquela atitude. Utilizando o condicional “como se”, poderíamos convocar outras vozes mais esperançosas e otimistas que ecoassem dentro de cada uma, não apenas deixando falar a *história saturada* ou aquelas vozes, aqueles ecos que só viriam a atrapalhar a vida.

A propósito, seria interessante incluir, neste momento, parte da fala de um índio chamado Kaká Vera que, com sabedoria, referiu-se a essas vozes inoportunas que entram na vida das pessoas e as desviam de seus caminhos, de suas metas maiores. Falando sobre a importância de contar histórias na sua tribo, Kaká Vera disse:

O índio começou se identificando como da tribo tupi, tu=som, vibração;

pi= em pé, assentado em algum lugar. Logo, TUPI= sou um assentado. A proposta era falar da importância das histórias na sua tribo. Contar histórias é uma arte, que tem função curadora, pois gera equilíbrio interno no ser humano. O homem é uma palavra habitada, enfim, o ser e a palavra são uma coisa só e cada um de nós é uma palavra viva. No Tupi, alma e fala também são a mesma coisa. Todo o caminho da educação tupi é uma busca de aprimorar essa palavra habitada, que é cada um de nós; portanto, há toda uma busca de se aperfeiçoar o próprio ser através da palavra. A estrutura da comunidade tupi está assentada sobre essa proposta.

As histórias têm o objetivo de ajudar homens e mulheres a aprimorar a sua forma interior, o seu *ing*. Mas o problema é que há outras vozes dentro de cada um de nós, o *nhê*, que querem atrapalhar todo o processo de aperfeiçoamento de cada um de nós.



No século XVI, houve uma palavra tupi que se incorporou à língua portuguesa, o nhê e, assim, nasceu a expressão; “deixa de nhê, nhê, nhê”, que significa, deixa de conversa fiada. O nhê, nhê, nhê são essas vozinhas circulando ao redor de cada um, que dificultam que cada um escute a sua voz, a sua fala interior. São o que os índios chamam de “paracais”, ou papagaios, que ficam falando, falando, falando sem parar, o tempo todo. Portanto, entre a fala que é igual à alma e o ser existem os papagaios, essas vozes que dispersam o ser humano de encontrar o seu caminho. O objetivo da educação na comunidade tupi é descobrir e separar o que é papagaio e o que é essencial. Os papagaios fazem somente perguntas e barulho. Já o ing dará respostas a essas perguntas, irá propor reflexões, além de formular também perguntas, mas vai fazer com que o ser humano se concentre nele próprio para aperfeiçoar o seu próprio sistema. E aperfeiçoar o sistema é buscar o caminho da sustentação, permanência e manutenção do que é essencial, o caminho das palavras habitadas e sagradas. Só assim o indivíduo pode encontrar a sua voz interior e os sábios dizem que essa voz interna mora no coração; cada um precisa aprender a ouvi-la. Essa voz, essa palavra é muito importante porque ajuda cada um de nós a se revelar; essa voz vai encarnar, habitar o nosso corpo físico para que nos manifestemos através de nossa expressão.

Gosto muito de escrever, pois, quando vejo um parágrafo que redigi, vejo cravado no papel a minha própria alma que pulsa. A palavra pulsa e faz vibrar em cada um a sua voz interior, fazendo com que a alma se eleve. Segundo à tradição tupi, o importante é fazer com que esse espírito que pulsa faça a alma se elevar.

Então, na tradição tupi, qual o valor de se contar histórias? É para o ing se fazer ouvir no mundo interior de cada um. Os mais sábios da tribo criam essas histórias ou sonham com essas histórias, e passá-las para os outros é o papel da educação. Essas histórias são, muitas vezes, experiências vividas. Quando elas são ditadas ou escritas passam a ser conhecidas como fantasia, como ficção. Ou fábulas, que elevam a nossa alma, o nosso espírito. E nosso físico, nosso corpo, nossa voz, o nosso olhar exterior, os nossos sentidos, nossos desejos constituem uma parte da vida que caminha junto de qualquer um de nós, que é o ing, que é o pêndulo da alma. Mas o ser humano tem também a tendência de gerar papagaios, que são vozes que geram confusão, falta de paz, intriga. Há, então, um conflito entre esses 2 tipos de vozes, pois os papagaios querem estar sempre perto de nós, nos atrapalhando; são as percepções artificiais que temos da vida, as coisas que não são importantes, mas



estão por aí atrapalhando o caminho para que não vejamos as coisas de um modo claro.

Nas histórias tupis há sempre 2 personagens: um casal, 2 adultos do mesmo sexo, 2 crianças..., que vivenciam as histórias contadas e mostram como essas partes conflitantes de cada ser humano estão sempre presentes. E todos esses enredos têm como objetivo fazer o ser humano ouvir as histórias e perceber o que é importante na vida de cada um. Esses 2 personagens se envolvem em mil e uma peripécias ou trapalhadas e contam a história da criação. Somos todos descendentes desses 2 seres. Seres que estão em conflito, mas que se completam e nos acompanham desde todo o sempre. Quando as vozes que geram confusão ganham a luta, ao menos temporariamente, vem a doença. Quando a voz interior vence, vem a paz. É aí está a vantagem das histórias, que servem para fazer o homem ouvir a própria voz interior, e assim, se harmonizar consigo mesmo e com o mundo (Vera, 2003 *apud* Anastácio, s.p.).

Esse depoimento, ouvido na Mesa Redonda de um congresso de Literatura Comparada, em Belo Horizonte, 2003, ilustra, com propriedade, a importância das histórias para as culturas. Metaforicamente, nos damos conta de que aquilo que o índio descreve e chama de ‘paracais’ ou papagaios constituem aquilo que White denomina de narrativas saturadas, que tendem a voltar à nossa mente, nos atrapalhando sempre, dificultando a nossa capacidade de enxergar com nitidez o dia-a-dia. Precisamos nos ver livres dessas vozes inoportunas e usar de estratégias para driblá-las, pois são espertas e muitas. De repente, estiveram em nossa cabeça por muito tempo e não é tão rápido assim, nem tão fácil dispersá-las.

Resumindo, teríamos de deixar para trás as vozes inoportunas ou os papagaios ou as narrativas saturadas, no nosso estudo de caso, sempre trazendo o pente de Beatriz de volta para o centro das conversas, para o centro da vida familiar. Teríamos de reenquadrar essa energia que dominava Beatriz dentro de um jogo de forças muito mais amplo, como a sua conjuntura familiar, o poder social, econômico, político, no qual o problema se achava inserido. Nesse caso, o uso do condicional mostrou-se útil para questionar Keila e suas filhas, incluindo sempre que possível, perguntas que pudessem trazer novos elementos na construção das histórias alternativas:

T – Keila, que significa exatamente para você ser a ‘cumeeira da casa’? Como você imagina uma casa sem cumeeira? O que acha que aconteceria com ela e com as pessoas que moram na casa?



K – Acho que a cumeeira é a parte mais importante da casa, por isso, se a cumeeira cair, corre o risco da casa toda também cair.

T – O que, para você, reforçaria a cumeeira da sua casa?

K – No meu caso, o que me dá forças é a minha fé. Quando vou à reunião da Testemunha de Jeová, me sinto reforçada, apoiada. Se não fosse isso, nem sei como estaria sobrevivendo.

Convocando influências importantes na vida do sujeito, pudemos trazer outros olhares e outras opções de ver o mesmo problema, além de estar sempre validando as qualidades positivas de cada um. Usando metáforas para falar do problema e buscando motivos, valores que fundamentassem este ou aquele estado interno intencional de identidade, as histórias subordinadas poderiam emergir. Mas, quando falamos de uma cumeeira que precisava ser reforçada e como outras pessoas poderiam ser chamadas para ajudar, ficou mais fácil tratar várias questões, inclusive da liderança que, de certa forma, se encontrava temporariamente abalada, na casa de Keila:

T – Virgínia, como é que você imagina que seria a situação da sua casa se sua mãe não estivesse mais controlada por D. Depressão?

V – Acho que tudo ficaria bem melhor, lá em casa. Até Beatriz ia melhorar, acho mesmo que D. Agitação ia ser afugentada e, talvez, até Beatriz ficasse livre dela.

T – E você, Keila, acha que a sua melhora repercutiria de que forma em suas filhas?

K – Ah, eu acho que a cumeeira da casa estando reforçada, a casa não cai. Ela sempre será um bom teto acolhedor para todos.

Estas últimas perguntas soaram de modo provocativo e foram formuladas com a intenção de fazer a família pensar sobre a relação sistêmica que regulava aquela rede de interseções. Uma teia de comportamentos em que um alimenta o outro, numa verdadeira reação em cadeia, de modo que esse tipo de argumentação sistêmica estimularia Virgínia a rever sua colocação de que o sintoma de Beatriz nada teria a ver com os momentos de nervosismo e tristeza de Keila. Assim, essas perguntas hipotéticas levantaram questionamentos e provocaram reflexões na família. Talvez, pudessem até influenciar o comportamento de Keila, considerando que qualquer mãe faria tudo o que estivesse ao seu alcance para ver sua filha mais feliz e tranqüila, inclusive fazendo um esforço sobre humano para



melhorar quando imaginasse que o seu estar bem influenciaria o bem estar da filha. Que mãe não faria o possível para reagir e ver sua filha menos inquieta? Especialmente, tendo sido pontuado o valor ‘solidariedade’ como uma força expansiva dentro dessa família, o que as terapeutas procuraram estimular. Foram destacados os seguintes tópicos:

T – Gostaríamos de parabenizar você, Keila, por ter sido sempre a cumeeira da casa, zelando, assim, pelo bem-estar e pelo sustento de toda a família. Apesar das dificuldades que enfrenta hoje, continua no emprego, sabe que é forte e que as suas filhas podem contar com você.

T – Keila, eu queria que observasse os momentos em que você imagina que é importante para essa família. Virgínia, durante o dia, quando você sentir que sua mãe está mais forte, diga isso a ela. Qualquer coisa que ela faça que mostre a sua força e determinação de vencer, diga a ela e lhe dê os parabéns. Beatriz, quando você vir sua mãe mais alegre, dê um beijo nela, está certo?

Com essas pequenas sugestões, o objetivo foi levantar o valor da autoestima de Keila e privilegiá-la dentro daquele sistema familiar. As histórias subordinadas poderiam ser trazidas para o repertório narrativo da família e, no nosso caso em particular, buscando conscientizar Keila e Virgínia de que tudo funciona de modo sistêmico. Logo, D. Agitação, que dominava, por vezes, Beatriz, é um espelhamento das dificuldades que estão sendo enfrentadas pela família naquele momento.

Na sexta sessão, buscando rastrear novos elementos que servissem na construção da história alternativa propusemos uma brincadeira intitulada ‘O Bazar dos Sonhos’, um jogo em que as participantes tinham que trocar algumas coisas por outras, o que as levaria a constatar que valores estariam implícitos nas suas atitudes e escolhas. O jogo permitiu que as terapeutas observassem os membros da família interagindo umas com as outras, além de constatarem o que pareciam privilegiar naquele momento. Foi também uma estratégia útil para desfocar Keila da dominação de D. Agitação e valorizar as escolhas de cada uma, deixando para trás a *história saturada do problema*:

K – Beatriz escondeu o pente e não pegou mais. Ela não sabe onde colocou. Não se lembra onde está. (Risos)

T – Ela não usou mais o pente?

V – Mas ela faz os movimentos com qualquer outra coisa. Com a escova...



A atividade lúdica proposta pretendia desviar a atenção dessa narrativa saturada e, considerando que a linguagem da criança é o jogo, a brincadeira utilizada por nós não só levou Keila e Virgínia a falarem de seus sonhos, valores, planos, mas também conseguiu envolver Beatriz. A metáfora do “Bazar dos Sonhos” foi apresentada à família, que entendeu rapidamente o que esperávamos que fizessem na atividade. Utilizamos um dos jogos sugeridos pela psicóloga Regina Monteiro (1979, p. 49) em seus *Jogos dramáticos* e a atividade é a seguinte:

“Bazar de Trocas”

O grupo monta um “bazar” onde há, desde objetos, pessoas, profissões, até sentimentos e emoções, usando para isso os objetos da sala [ou fichas representando tudo isso]. Porém, esses artigos não se acham à venda, mas podem ser obtidos através da troca de outras coisas. Os participantes do grupo, um após outro, vão até o “bazar” e adquirem nele todas as coisas que mais desejam possuir (pode ser um número limitado ou não), deixando em troca coisas suas que não queiram mais e das quais desejam se livrar.

Em seguida, realizamos a seguinte atividade:

T – Vocês sabem o que é um bazar? Quem sabe o que significa bazar? Explique Keila, a Beatriz, o que é um bazar.

K – Bazar é...

B – Um bar! (fala alto) (Todas riem).

K – Bazar é um lugar onde se compra coisas usadas... e...

T – Onde também as pessoas trocam coisas, não é?

K – É.

Beatriz sorri e encosta a cabeça no ombro de Virgínia.

Todas sorriem.

T – Vamos arrumar o bazar?

Todas se movimentam, levantam-se e começam a indicar os lugares, arrumar as prateleiras do bazar.

T – O que faz e o que não faz parte do bazar? Aqui estão algumas coisas que vocês podem escolher para compor o bazar. Assim como se compra



coisas num bazar, pode-se, também, trocar. Vamos colocar tudo que a gente deseja em cima das mesas para que todas possam ver. Além disso, aqui tem também algumas fichinhas e nelas vocês podem escrever outros nomes de coisas, pessoas, sentimentos, sabem lá o quê, que quiserem adquirir e que não estejam entre os objetos trazidos. Aqui tem um lápis. As mercadorias estão aí!

T – Terminando de arrumar, colocamos as coisas que mais gostamos aqui. E, neste outro lugar, coisas que gostamos menos. Está bem, assim? Pegam o que quiserem, pois este bazar é diferente dos outros. Ele é mágico, é o bazar dos sonhos e, nos sonhos, podemos realizar qualquer coisa que a gente deseja.

B – Quero meu pai e vou escrever na fichinha ‘MEU PAI’.

T – E você, Vi? (Pausa)

B – Vou deixar meu pai aqui nesta mesa.

K – Eu vou retirar deste bazar dinheiro, tristeza e raiva. Eles não são importantes.

T – Mas fazem parte da vida, não é? Mas, você pode tirar o dinheiro, se você quiser.

K – É.

T – O que mais não faz parte, Beatriz, do seu bazar?

B – A porta faz parte. Isso não, isso sim. Colher faz parte. Talher faz parte. Isso não, isso sim. Gosto de sorvete! Talheres, sim. Colher, sim. Bolo, sim. Menina, sim.

T – Vamos dar um nome para esta menina, Beatriz? Quem é ela?

B – É Vi. (Sorrir)

T – Ah! Vi. Agora, cada uma vai deixar uma coisa que tem e não quer mais, e trocar por outra que deseja.

B – Eu quero Saulo... Não, não quero Saulo, quero dinheiro.

K – Você troca Saulo por dinheiro?

B – Sim.

K – Você troca Saulo por dinheiro? Você prefere Saulo ou dinheiro?

B – Dinheiro.

V – Você prefere o dinheiro que Saulo?

(Beatriz ri).

K – É Saulo!... Você troca Saulo por dinheiro, Beatriz?

(Keila está atenta ao jogo)



B – Meu pai, meu pai, meu pai...

K – Você prefere seu pai e não o dinheiro, certo? Troca é troca! As terapeutas falaram que a gente pode também escolher dessa prateleira daqui.

B – Eu escolho meu pai (voz dengosa). Já sei que você vai escolher Saulo, Virgínia .

V – Seu pai de novo? Vou tirar daqui o pente, vou jogar fora.

K – Você vai querer mais alguma coisa?

B – Bolo de chocolate.

T – Não esqueça que vocês vão trocar o que têm e não querem mais, pelo que gostam, pelo que desejam. Você quer o quê, Beatriz?

B – Quero...

K – Eu não quero a sombrinha, mas quero o sorriso.

B – E, eu... e, eu... e, eu...

T – Virgínia trocou o pente pela felicidade, ouviu, Beatriz?

B – Fui eu que falei pra ela fazer isso.

T – Trocar o pente pela felicidade!!!

(Virgínia continua separando os cartões, vendo o que ela quer e o que ela não quer)

T – O que mais você quer trocar, Vi?

V – Só o pente pela felicidade!!!

B – Eu troquei meu pai por dinheiro. Ah! Eu quero meu pai...

T – Você disse que trocou seu pai por dinheiro?

K – Ela devolveu o dinheiro, e agora quer o pai.

T – Ah! Você devolve o dinheiro e quer seu pai. Hum!!

B – Eu troquei o bolo de chocolate pela sandália.

B – Quero sorvete e troco pelo barco.

T – Beatriz não é nada boba, não é? (Ri)

K – Eu troco a vassoura pela paz.
(Riem).

K – Troco os óculos pela alegria, troco a bolsa pelos beijos.
Beatriz observa as quantidades de fichas que sobraram, ainda, na mesa.

B – Eu peguei 4 e Vi pegou 2 fichas.

T – Vocês gostaram do jogo?

K – Sim, gostamos!



Como pudemos constatar, Virgínia expressara apenas um único desejo: trocar o pente pela felicidade, o que comprovou o seu foco principal em Beatriz, em ver resolvido o problema da irmã, não pensando nela própria. Já Keila parecia mais centrada em si mesma, querendo trocar a vassoura pela felicidade, o que podia estar indicando a sua insatisfação pelas tarefas domésticas das quais gostaria de se livrar. Queria levar para casa bens como Saulo, sorriso, felicidade, paz. O jogo “O Bazar dos Sonhos” foi, portanto, uma atividade terapêutica eficaz para delinear o perfil da família e motivá-la a se revelar de um modo espontâneo e divertido. Ficaram todas tão envolvidas, que acabaram pedindo para levar algumas fichas para casa, como se estivessem carregando consigo aqueles bens que tinham conseguido:

B – (Pegando em uma ficha). Quero levar carinho para casa.

V – Beatriz me deu o carinho! (Virgínia mostra a ficha em que estava escrita a palavra ‘carinho’ e demonstra alegria).

B – Eu levo carinho e felicidade, agora.

T – Você não é boba nem nada, hein, Beatriz? Podem levar as fichas pra casa. Levem 6 fichas em branco; 2 para cada uma e escrevam o que quiserem, durante a semana.

Essa seqüência de falas foi gerada pelo jogo “Bazar dos Sonhos”, que nos deu a oportunidade de saber dos valores da família, levando a possíveis (re) leituras que ficaram nas entrelinhas das compras e das barganhas feitas durante a atividade lúdica. Jogamos com sonho, fantasia e realidade como peças fundamentais da atividade proposta, procurando motivar as participantes do jogo a investirem naquilo em que mais acreditavam e que mais desejavam. As alianças, os desejos, as necessidades, os mitos da família foram se revelando a partir das trocas discursivas e da linguagem não verbal do jogo. Essa atividade lúdica remete às metáforas utilizadas por White & Epston, que utilizam tal recurso analógico para falar indiretamente sobre assuntos tabus e delicados para a família que, muitas vezes, não consegue abordar tais temas de modo direto. Em consonância com esse discurso, a fenomenologia de Peirce utiliza as metáforas para estimular a criatividade e ampliar a percepção do sujeito, como ocorreu neste “Bazar dos Sonhos”.

Beatriz, além de fazer aliança com o pai, insistindo sempre em ficar com ele, também se aproximou de Vi, revelando-se especialmente através do não verbal, pois as duas estavam sempre lado a lado, trocando cochichos e resolvendo juntas quais fichas seriam escolhidas. Soubemos ainda, indiretamente, através de Beatriz, que Virgínia era próxima do irmão,



quando a menina disse para ela: “Eu escolho meu pai. Já sei que você vai escolher Saulo”. Através desse jogo, não apenas os problemas foram metaforizados, como as relações entre os diversos membros da família ficaram mais explicitadas, a exemplo da proximidade de Saulo e Virgínia, até então ignorada pelas terapeutas. Ademais, os valores que norteavam a vida daquela família vieram à baila, na medida em que cada uma optava por certos objetos, valores, sentimentos, pessoas, qualidades, e rejeitava outras coisas. Esses elementos passaram a ter mais visibilidade no Bazar de Trocas, em que tudo podia ser manuseado e manipulado ao gosto do ‘freguês’, já que ali os sonhos e desejos não teriam limites.

Como um *follow up* do “Bazar dos Sonhos”, na sessão seguinte, a sétima, propusemos uma outra atividade denominada de “Trocas e Ecos”. A família ainda desejava falar daquele bazar, que tanto impressionara Keila, Virgínia e Beatriz. Nesse momento, foram explicitados os motivos que estariam norteando as escolhas feitas, gerando elementos que poderiam ser utilizadas nas histórias alternativas, tornando-as mais ricas:

T – Agora, pensando, na brincadeira da sessão anterior, em relação às escolhas que fizeram... (pausa). Qual foi o momento, Keila, em que você percebeu que fez uma boa troca, no “Bazar dos Sonhos”?

K – Não me lembro...

T – E você, Beatriz, sentiu que fez boas trocas? Lembro que você trocou Saulo por dinheiro. O que, você, Beatriz, faria com esse dinheiro?

B – (Voz firme) Eu ia dar a minha mãe.

T – Ah!!! A sua mãe? Qual o motivo? Você acha que sua mãe precisa de dinheiro?

B – Precisa.

T – E você, mãe, precisa de dinheiro?

K – Preciso, sim! (voz firme). Mas trocar Saulinho por dinheiro, isso não!

T – Imagine que Beatriz lhe daria esse dinheiro. O que você faria com ele, Keila?

K – Se ela me desse esse dinheiro, eu ia quitar meu apartamento, que está em débito. A Caixa está chamando os usuários. Estão me pressionando...

Cortadas as amarras da realidade e deixando que o imaginário assumisse as rédeas da situação, foi que pudemos constatar toda a importância de Antônio para Beatriz; ou da busca de Virgínia de querer ajudar a irmã; ou mesmo da



ligação de Virgínia com Saulo; ou da necessidade que tinha Keila de voltar-se para si própria; ou do desejo da criança de ajudar a mãe a livrar-se de suas dívidas, a qualquer preço; ou da preocupação de Keila com a questão financeira da família. Tudo isso vem demonstrar que as situações familiares precisam ser contextualizadas, considerando que a situação político-social interfere na dinâmica familiar. Apesar da proposta do jogo ter sido trocar a realidade pelo sonho, em que tudo era possível, percebemos Keila procurando impor os seus valores, as suas leis para regular aquela sistema, mesmo no nível do imaginário. Não se conformava que Beatriz quisesse trocar o irmão por dinheiro, por mais que estivesse precisando, o que a criança, na sua praticidade, não parecia entender. Percebemos, ainda, que Keila enfatizava que o dinheiro não era tão importante assim, no entanto, ficou claro que precisava muito dele. Assim, essa atividade lúdica, da qual toda a família participou, permitiu que fossem surgindo relatos alternativos capazes de revelar estados internos de identidade, que tiraram o foco da história dominante e fizeram emergir os motivos das escolhas feitas durante a brincadeira.

Finalmente, para conscientizar aquela família de que todos os problemas de um sistema estariam inter-relacionados e que nossas escolhas sempre geram determinados efeitos, demos à família uma história para ler, que se intitulava “O Eco”. A narrativa mostrou como esses ecos que perpassam os comportamentos humanos têm uma consequência sobre a vida de todos os envolvidos em um determinado sistema. A história foi lida por Virgínia, Keila e Beatriz que, pelo entusiasmo, demonstraram ter gostado do relato, que segue:

“OS ECOS DA VIDA...”

Era uma vez, uma mãe e suas duas filhas que caminhavam pelas montanhas, quando uma das meninas, de repente, caiu, se machucou e gritou:

– Aai! grita a criança.

Para sua surpresa, escuta a voz se repetir, em algum lugar da montanha:

– Aai!

Curiosa, a mãe pergunta:

– Quem é você?

Recebe como resposta:

– Quem é você?

Contrariada, a criança grita:

– Covarde!



Escuta como resposta:

– Covarde!

A criança olha para a sua mãe e pergunta, aflita:

– O que é isso?

A mãe sorri e diz à filha que preste atenção. Então, a mãe grita, em direção à montanha:

– Eu admiro você.

A voz responde:

– Eu admiro você.

De novo, a mãe grita:

– Você é forte.

A voz responde:

– Você é forte.

A criança fica espantada e não entende. Enquanto isso, a mãe explica:

– As pessoas chamam isso de ‘eco’ mas na verdade, assim é a ‘vida’.

Se esse conto tocar vocês, esperamos que cada um faça ressoar, em suas vidas, novas histórias cheias de esperança, tendo a consciência do poder e da força que cada um tem. (Autor desconhecido).

Questionadas sobre a História do Eco e o que teria a ver com a vida de Keila, Beatriz e Virgínia, a mãe respondeu: “O que eu penso volta como um eco para mim, o eco reflete em mim mesma”. Então, propusemos que desenhassem o Mundo dos Desejos de cada uma, ou seja, aquele que elas desejariam para si, partindo das próprias escolhas e pensando na história do eco:

T – Agora, então, vamos desenhar. Você escolheu, Keila, a vida, a felicidade e a alegria. Você quer tornar realidade os seus sonhos? Pois, desenhe, cada uma, o mundo dos seus desejos. Lembrem que as escolhas são de vocês.

Você, Beatriz, desenhe seu mundo e toda a sua fantasia. Como você imagina seu mundo, em forma de imagem, desenhe como quiser.

T – Se concentre, Keila! Como é o seu mundo?

K – Ai, ai, ai, Meu mundo, doutora.

T – Desenhe e lembre-se do eco! Olhe o eco!!! Cuidado com o que pensa! O que você pensa reflete em sua vida.

K – Eu não sei desenhar, posso escrever?



T – Claro. Como você imagina o seu mundo dos desejos? Como seria?

K – Com amor e carinho...

T – O que vocêalaria para você mesma?

K – O que eualaria para mim? (Pausa).

Eu me acho tímida. Mas eu que preciso colocar as coisas pra fora.

T – Escreva, então!

K – Eu vou mudar, ser mais alegre, mais feliz.

(A terapeuta, com a ajuda de uma marionete, reproduz a fala de Keila como um eco):

T – Eu, Keila, vou mudar, vou ser mais alegre, vou ser mais feliz.

K – (Lê o que escreveu): Amor, bondade, alegria, ser menos medrosa, ser menos ansiosa, me anular menos.

T – E o que gostaria de mudar mais?

K – Gostaria de trocar medo por alegria. Ansiedade por alegria.

T – Se você quer amor, precisa primeiro dar amor e, naturalmente, você recebe em troca amor. Assim é a vida! Se você pensar em dar alegria, dar amor às pessoas, com certeza, essa alegria e esse amor voltam para você. É como se fosse um eco, é a lei do universo! Dar e receber.

Com essas atividades lúdicas, que incluíram comunicação através das formas e cores do desenho, ou das palavras de um texto e o uso das marionetes, abriu-se a porta para o mundo do faz-de-contas, da fantasia e da imaginação. Nele, sonho e realidade pareciam se aproximar, tornando possível que o imaginário se concretizasse no nível do real. Esse mundo do faz-de-contas nos remete, novamente, a White & Epston, e até mesmo a Peirce, quando o mundo da criatividade é evocado. White & Epston estimulam a criatividade na construção de histórias alternativas, em que as metáforas têm um papel de destaque na construção de novas realidades em que o sintoma fosse minimizado em sua importância, excluído ou, por fim, dissolvido. Peirce, na sua fenomenologia, enfatiza as metáforas para instaurar *insights* a partir da abdução ou força criativa que leva o indivíduo a levantar sempre novas hipóteses. Essas hipóteses, uma vez testadas, podem remeter a outras tantas deduções inusitadas e, finalmente, a novas sínteses que possam ajudar a resolver os impasses. Assim caminha o processo criativo: levantando hipóteses, testando hipóteses e ratificando ou não essas hipóteses.



Novas alternativas ou conotações positivas foram sugeridas, então, à família de Keila, numa dialética em que otimismo e esperança substituem aspectos mais negativos da vida. Dessa forma, buscou-se uma síntese entre a “História do Eco” e o “Bazar dos Sonhos”. Essas metáforas envolveram tanto a família, que todas começaram a compreender como é importante agenciar a própria vida através das escolhas, afinal, as decisões dependem, em grande parte, de cada um de nós, e tudo o que pensamos e fazemos recai sobre nós mesmos.

Quanto ao desenho de Beatriz, a criança, mais uma vez, pintou uma árvore carregada de maçãs vermelhas, com duas nuvens acima, separadas por um sol radioso. Nesse momento, Beatriz pareceu ser capaz de dar um novo arranjo à sua família e um novo significado às experiências vivenciadas. Apesar do sol aparecer sorridente (anexo 10), a imagem não sugeriu uma sensação de leveza ou tanta alegria, tampouco uma grande tristeza como anteriormente expresso no anexo 8, em que o sol parecia chorar. Se observarmos o anexo 1 em que as nuvens aparecem juntas (quem sabe, representando os pais?), em seguida, o anexo 8, em que elas estão apartadas, em que o sol “chora” (os pais separados?), e, finalmente, nesse último desenho, o anexo 10, em que cada nuvem se coloca de um lado do sol, em planos diferentes (os pais distanciados?), verificamos que parece haver um progresso em relação à busca de aceitação por parte de Beatriz daquela situação familiar. No mesmo anexo 10, há o registro de um retrato da família hoje, dividida em dois subgrupos. Do lado direito, alinham-se, da direita para esquerda: Saulo (Vinho), alto e ligeiramente afastado do grupo; uma outra figura longa, provavelmente simbolizando o pai de Beatriz, mas não identificada por ela como tal, e que aparece riscada; a “mãe”; Virgínia (Véio); e “eu” (a própria Beatriz). À esquerda, um grupo composto por “meu pai” (escrito por Beatriz no desenho), este último visivelmente mais alto que todos os demais, e “minha avó” (paterna). Por essa disposição pictórica, percebemos que Beatriz já vê a família como dividida em duas partes, colocando pai e mãe distantes um do outro, entendendo que o lugar do pai agora é na casa da avó. Conversamos com mãe e filhas a respeito dos seus desenhos, dando uma ênfase especial ao de Beatriz, comparando-o com os das sessões anteriores:

T – Agora, observando os desenhos, parece que antes Beatriz desenhava a família agarradinha. E agora, ela vê outras possibilidades. Ela agora coloca o pai junto da avó paterna. E você, Keila, separada do pai dela.



K – Eu converso tudo isso com ela, sobre a família do pai dela. E que a gente a ama muito. Eu converso com ela que o pai dela está com a avó, é outra família, tem outra casa. Entendeu? E que ele pode arranjar uma outra pessoa, um dia. A mamãe, também precisa e pode arranjar outra pessoa.

Afinal, a sessão foi proveitosa por ter lidado com os valores, os sonhos, as preocupações de Keila, Virgínia e Beatriz, gerando reflexões e criando novas possibilidades de enfrentamento para os desafios da vida. A seguir, a partir desses novos arranjos, pensamos em construir, juntamente com a família, uma narrativa que falasse da reestruturação do seu sistema, usando, para tanto, a metáfora da construção e da desconstrução de uma casa. Considerando a utilidade do alicerce, que é tão necessário à estabilidade de uma casa e refletindo sobre a cumeeira, parte tão importante para a sua sustentação, pensamos que seria oportuno considerar, junto com a família, as implicações relacionais do funcionamento daquele sistema.

O ENCONTRO DA CUMEEIRA COM O PICA-PAU E A BATALHA DA VIDA

Na oitava sessão, a família chegou mais animada, especialmente elogiando o novo namorado de Virgínia de quem todos pareciam gostar. Sugeriu-se, então, uma atividade que tematizava a construção e a desconstrução de uma casa, metaforizando a vida de Keila, Virgínia e Beatriz. O conto tecido em torno da metáfora arquitetônica proposta por White, foi co-construído com a família, pois os temas da narrativa tinham sido introduzidos por seus membros nas sessões anteriores. Keila leu a parte da cumeeira, a Beatriz coube a fala do pica-pau e Virgínia foi a narradora. A história era a seguinte:

Encontramos um livro de contos, que despertou a nossa curiosidade e um deles nos fez lembrar vocês. Acreditamos que vão gostar porque é uma história que fala à imaginação de cada um. Este é um conto, em que a fantasia faz a festa, em que coisas e animais são capazes de falar: a casa, a cumeeira, enfim, tudo o mais. Estão curiosas? Então, vamos ler, sem perda de tempo, essa história. Se esse conto tocar vocês como ele nos tocou, se levar para vocês um pouco da emoção que nos provocou a sua leitura, certamente que terá valido a pena. Esperamos que gostem e depois nos contem o que sentiram ao ler a história:



“A CUMEEIRA E O PICA-PAU”

EM UMA FLORESTA DISTANTE, próxima ao Vale dos Lagos, morava um pica-pau. Ele era engraçado e gostava de pregar peças nos outros. E porque gostava de pregar peças, acabava sempre atrapalhando a vida de todos na floresta. Um dia, viu uma casa toda de madeira.

Pica-pau – Olha, que casinha bonita. Hum! Deve ser feita de madeira gostosa!

Como todos os pica-paus, também esse retirava da madeira, com sua língua comprida, larvas de insetos, seu alimento preferido. E começou a trabalhar naquela casa. Passou um dia, passou outro, até que... A casinha começou a enfraquecer nas bases, de tanto que o pica-pau mexeu. Então, o Sr. Alicerce falou:

Sr. Alicerce – Sinto dor aqui, dor ali, parece que minhas pernas estão ficando fracas. Eu, que sempre fui forte!...

Lá de baixo da casa, vinham essas reclamações. E a voz reclamava tão alto, que a cumeeira chegou a ouvir.

D. Cumeeira – Eu não sei, não. Só sei que me sinto meio bamba! Até eu, que sou a parte mais alta do telhado, tenho medo de desabar! Mas NÃO POSSO!!! Porque se isso acontecer, toda a casa fica desprotegida. Agora mesmo, qualquer ventinho e qualquer chuvinha à toa parecem uma tempestade.

Sr. Alicerce – Ora, ora! Não vamos “fazer tempestade em copo d’água”. Tudo tem jeito. Precisamos nos unir.

E as pranchas de madeira da casa entraram na conversa. Uma delas, D. Medrosa, disse:

D. Medrosa – O problema é um pica-pau, que está dando na minha madeira. Acho que estamos deixando entrar aqui, quem não é de confiança! Será que não sabemos escolher quem vem aqui? Olhe que é “melhor só do que mal acompanhado”.

Outra madeira, chamada D. Deprimida, respondeu: vamos procurar um jeito de nos fortalecer porque também estou com tantos buracos, que a casa fica meio “balança mas não cai”.



Assim conversavam, quando chegou um velhinho, que morava do outro lado da floresta. Era amigo da família e, como entendia de construção, talvez pudesse ajudar.

Velhinho – precisamos de uma armadilha contra pica-paus. Vamos pegá-lo com uma isca.

– E que isca é essa? Perguntou a D. Cumeeira.

– Alguma coisa que o pica-pau goste, como madeiras saudáveis. Como elas são fortes, o pica-pau vai acabar com o bico preso.

– E onde estão essas madeiras? Falou D. Cumeeira.

– Bem aqui, é só saber procurar. Vamos, também, desconstruir partes dessa casa que está querendo cair porque só desconstruindo é que podemos fortalecer algumas madeiras e tratar outras. Tiramos algumas que parecem gastas, como: aquela ali, a D. Medrosa; ou aquela outra, a D. Zangada; aquela lá, a D. Tímida; aquela, a D. Deprimida. E procuramos outras, em bom estado, como esta, que trouxe comigo, chamada D. Confiante; ou esta outra, a D. Otimista; ou aquela, que se chama D. Bem-humorada; ou uma outra, D. Esperança. Aí, a D. Cumeeira também fica mais forte porque ela é de madeira boa, só precisa de um trato! E não adianta querer consertar os pequenos furos da casa se não arrumarmos o alicerce e a cumeeira, que são a sustentação e a cobertura. Só quando se desconstrói uma casa é que se pode conhecê-la pelo avesso. E, só conhecendo seus pontos fracos, é possível ajudar a reconstruí-la. As pessoas pensam que desconstruir é coisa ruim, mas não é, não. Só reconstrói uma casa, quem aprende com a sua desconstrução, com os segredos escondidos nos seus cantinhos.

D. Cumeeira – Vamos lá, então! Mãos à obra e podem contar comigo. Não vou cair porque sei que se eu cair, toda a casa cai. Quero ficar de pé porque tudo depende de mim e estou disposta a fazer minha parte. Vou buscar a força que tenho dentro dessa madeira saudável e cheia de vida que é minha matéria-prima. Uma madeira boa e firme contra qualquer pica-pau mal intencionado, que apareça por aí.

Logo de saída, Beatriz identificou a mãe como a cumeeira da casa, aliás, uma imagem que Keila havia usado para se auto-definir dentro



daquela família. Em seguida, família e terapeutas tiveram a oportunidade de conversar sobre a história, expressando Keila, Virgínia e Beatriz qual a parte que mais lhes havia chamado a atenção, no relato:

T – E aí, gostaram da história?

(Keila leu o último parágrafo).

K – Acho que está falando de mim. E lê: “Desconstruir pode parecer coisa ruim, mas não é. É desconstruindo que se constrói”.

K – Possa levar uma cópia?

T – Claro, é sua. Qual a parte da história que mais chamou a atenção de vocês?

(Virgínia lê a parte da história que fala sobre os pontos fracos).

T – Essa casa é grande, tem varanda. Como se chama essa casa?

K – Casa Feliz. Essa semana fomos chamadas de “Família Feliz”. Foi o novo namorado de Virgínia quem falou.

T – Repita isso, por favor, o que foi mesmo que você disse? Que bom que vocês estão passando essa felicidade e ele percebeu.

Notamos que Keila, sempre liderando aquele sistema familiar, conseguiu verbalizar a idéia central da história, ao reler, alto, o último parágrafo: “Desconstruir pode parecer coisa ruim, mas não é. É desconstruindo, que se constrói”. Houve, também interação entre os membros da família e a história, visto que se projetaram no conto e, de alguma maneira, puderam refletir sobre a sua vida através dele: “Estou me vendo nessa história”, disse Keila, expressando o seu empenho em ser mais otimista: “Quero reconstruir a minha casa em cima de otimismo e não de depressão”. O fato de Keila ter reconhecido que a desconstrução é um processo que pode levar à construção já pareceu um bom indício de melhora. Também Beatriz, normalmente calada, envolveu-se com a fábula e, querendo ler a parte que lhe fora designada, a fala do pica-pau, seu velho herói da TV, pareceu satisfeita. Segundo Marly Amarilha em seu livro *Estão mortas as fadas*:

A história desempenha uma função catalisadora de interesse e prazer. As crianças se mobilizam porque as histórias são significativas para elas, pois o poder de controle do fio narrativo proporciona ao receptor um envolvimento



emocional através do processo de identificação com personagens. As crianças, então, vivem esses jogos ficcionais e se projetam na trama narrativa. Segue-se a experiência do momento catártico, em que se atinge um tal grau de envolvimento emocional, quando é concluída a narrativa de forma libertadora (Amarilha 1997, p.18).

Como *follow-up* dessa atividade, a família, envolvida por esse processo lúdico e ficcional, foi convidada a imaginar uma nova casa para elas, dando-lhe um nome. Percebemos, então, uma aliança e até uma cumplicidade entre Virgínia e Beatriz que, juntas, concordaram chamar essa casa de “Casa Feliz”. A mãe, embora tenha verbalizado que gostaria de ter uma casa ampla e cheia de varandas, imaginou a sua própria casa em que estaria sozinha, talvez expressando o desejo de uma maior autonomia e independência. Quanto à repercussão interpessoal da história, observamos seus efeitos positivos, especialmente no que se refere à melhora da auto-estima de Keila, que se refletiu nos demais membros. Ela estava procurando reagir e se cuidar mais, sentindo-se novamente mais animada, como se retomasse o seu papel de liderança, que por algum tempo, havia delegado a Virgínia:

T – O que você acha que está passando na cabeça de sua mãe, hein, Beatriz? O que está fazendo ela mudar?

K – Acho que estou melhorando.

T – E você Vi, o que acha disso?

V – Ela melhorou bastante. Está saindo mais, melhorou a auto-estima dela.

T – Como isso ocorreu?

K – Eu tentei me animar, fazer algo para melhorar. Estou saindo mais, me divertindo um pouco. Estou mais feliz e estou saindo com alguém.

T – Que bom! Quem você acha que está sendo mais beneficiada com essa mudança?

K – Todas. Acho que todas foram beneficiadas, mas, por enquanto, não posso contar muito, porque é só o início. Reencontrei, há pouco, essa pessoa, e a gente está saindo. E Vi também está namorando de novo. Conte, Vi.

V – É um rapaz da mesma congregação que eu freqüento.

K – O namorado de Virgínia anima, quando ele chega, faz mudar a rotina da casa. Ele é carinhoso com todos. E tudo aconteceu de uma hora para outra.



T – Está de parabéns, Keila, por não se deixar dominar por D. Depressão, por deixar ela de lado, bem longe de você.

V – Está tentando se esforçar e saindo da solidão.

K – Estou pensando mais em mim, elevando minha auto-estima, não penso mais só nos filhos ou na casa. Não estou só fazendo as coisas de dentro de casa, como antes fazia.

Ao ouvirmos isso, lembramo-nos do “Bazar dos Sonhos”, quando Keila trocara a vassoura pela paz. Havíamos buscado externalizar o problema, ao tentar separar a pessoa de Keila de D. Depressão e, a partir daí, buscamos evidenciar como Keila teria conseguido sair da dominação de D. Depressão, beneficiando a si mesma e às filhas com essa atitude. Afinal, aquela “D. Cumeeira era de madeira saudável, forte e resistiria às investidas de qualquer pica-pau mal intencionado”, pois tudo tem conserto, basta querermos. Esta foi a mensagem passada subliminarmente à família, que foi conotada positivamente na história lida no início da sessão, visando fazer Virgínia, Beatriz e Keila se empenharem na “Batalha da Vida” contra as adversidades que lhes perturbavam o dia-a-dia.

A Batalha da Vida

Na nona e na décima sessões, trabalhamos com a metáfora da “Batalha da Vida” *versus* os inimigos que estavam perturbando aquele sistema familiar. A nona aconteceu um mês depois, sendo que somente Keila e Beatriz compareceram, o que foi um acontecimento atípico porque mãe e filhas sempre costumavam comparecer. Keila não estava alegre e animada como da última vez, mas, ao contrário, mostrava-se cansada, desanimada e queixando-se, insistentemente, do comportamento rebelde de Beatriz:

K – Faltei à última sessão porque Beatriz teve broncopneumonia e eu tenho andado meio desinteressada dentro de casa. Tenho vontade de tirar férias, me sinto cansada e estou sem dormir direito.

T – O que você tem feito para não se deixar dominar pelo Sr. Estresse e pela D. Depressão?

K – Tento não ficar encucada, não pensar demais. A gente pensa, pensa e não resolve mesmo. Esta semana, Beatriz arrancou a capa do sofá e também bateu em Virgínia, que não quer tomar mais conta dela. Virgínia chegou a bater nela de volta.

T – E Beatriz, sai para brincar na rua ou fica mais em casa, durante o dia?



K – À tarde, ela vai para a escola e de manhã faz os deveres. Só nos finais de semana eu deixo ela brincar na rua.

Nesse penúltimo atendimento, com o intuito de estimular a família a uma nova leitura das questões trazidas, foi introduzido um jogo, a “Batalha da Vida”. A intenção era destacar *acontecimentos extraordinários*, bem como acompanhar os passos dados pelos membros da família para dominar o estresse, que estava rondando aquele contexto. Seriam, também, enfatizados os efeitos do problema sobre a família e o modo como as atitudes de cada uma estariam influenciando a vida deste problema:

T – Estivemos pensando nessa questão da D. Agitação, que às vezes lhe domina, Beatriz. Parece que ela está sempre rondando você para lhe tirar do sério. Vamos ver se a gente engana ela e transforma essa energia toda que a gente sabe que você tem em conhecimentos novos, em aprendizagem, usando as brincadeiras dessa malinha de atividades que emprestaremos a você. Você pode levar pra casa, e a mala tem uma porção de coisas para brincar. Tem cruzadinha bem fácil pra sua idade, adivinhação, desenhos pra colorir, tantas outras coisas interessantes. Essas atividades podem ajudar você, Beatriz. Lembre que, quando aquela D. Depressão queria dominar sua mãe, aí ela fazia alguma coisa e espantava a D. Depressão. Você também pode-se distrair com esses joguinhos, fazendo uma cruzadinha, ou pintando, ou caçando palavras, ou desenhando, sei lá o quê, para afastar D. Agitação. Essa é uma luta de toda a família e, unidas, venceremos. Vamos fazer uma cartela para vocês marcarem os pontos do placar dessa luta contra o inimigo e vejam como vai ficar fácil jogar:

A Batalha da Vida			
Inimigo	Keila	Beatriz	Virgínia

T – Quando o Sr. Estresse quiser dominar cada uma, procurem enfraquecer a força do adversário. Para Beatriz, uma das formas poderia ser usar a malinha, ou ligar a tv, ir para a casa da avó ver o pai, sair para brincar com outras crianças... Para Keila, o que ela disse que faz é se arrumar, sair, encontrar outras pessoas. E Virgínia, de que forma ela poderia afastar o Sr. Estresse e como poderia ajudar vocês, já que é um time em que um ajuda o outro, e todos, juntos, é que vencem? Se ganharem, marcamos um ponto para o lado de vocês, colocando um X do lado de quem fez um ponto e anotamos o que a pessoa fez para dominar o adversário, que armas usou. Vamos ver quem ganha e quem perde. Este é o dever de casa de vocês.



T – Que nome daremos a este jogo?

K – Batalha da Vida.

Embora White & Epston não encorajem metáforas de combate que, segundo eles, aumentam o estresse na família e enfatizam a violência, nomeamos a atividade proposta de “Batalha da Vida” por ter sido um nome indicado pela própria família. Contudo, não enfatizamos, no nosso discurso, palavras relacionadas à violência mas, sim, às atividades lúdicas, à competição entre a família e o problema em que todas tivessem que marcar o placar de um jogo, como de futebol ou qualquer outro. Com essa atividade, esperamos que a família utilize todas as suas forças para vencer a “Batalha da Vida” e fazer frente às suas dificuldades. Para que isso acontecesse, deviam lançar mão da sua auto-estima, da autoconfiança, da capacidade de cada uma administrar os seus próprios medos, bem como a possibilidade de uma ajudar a outra. Sugerimos, ainda durante esta mesma sessão, que fizessem uma avaliação em que a família refletisse sobre os seus ganhos durante o caminho terapêutico percorrido.

T – Agora, vamos fazer uma avaliação da nossa terapia até aqui. Nesse jogo, quem está ganhando? Lembrem como vocês chegaram aqui e pensem como se sentem agora.

K – Se eu fosse dizer como eu cheguei aqui, eu estava me sentindo muito mal, eu e as meninas também muito mal. Mas, de lá pra cá, muita coisa mudou.

T – O que mudou?

K – A minha auto-estima mudou. E melhorou a tristeza, hoje sou mais feliz.

T – Em que mais mudaram?

K – A terapia me ajudou a pensar mais.

T – E o que mais?

K – As historinhas que vocês nos deram, especialmente a que falava da cumeeira da casa me ajudou muito. Me identifiquei com a cumeeira. Tudo isso me fez sentir melhor, mais forte, mais confiante. Melhorei em quase tudo, mas essa melhora leva um tempo. Eu estou começando a administrar melhor minha vida. Vou melhorar mais ainda. Faço qualquer coisa pra sair disso. Eu sei que, quando eu melhorei, Beatriz e Virginia também se sentiram melhor.

T – E quando não está bem, o que é que você faz?

K – Tomo alguma atitude.



T – Que atitude?

K – Quando começo a chorar do nada, digo a mim mesma que não quero ficar assim.

T – E aí, o que é que você faz?

(Enquanto isso, Beatriz olha os livros da malinha, entretida com eles).

K – Quando a depressão quer tomar conta de mim, eu vou para a rua, saio, procuro me distrair, me ocupo e faço alguma coisa. Com isso, melhoro.

T – Como a sua melhora está influenciando a vida de vocês agora? Qual o efeito de você estar conseguindo administrar melhor a sua vida?

K – Deixo Beatriz sair mais nos fins de semana com o pai dela, que antes eu não deixava. Eu já estou sabendo administrar meus medos. Estou relaxando mais deixando ela sair mais, troco esses medos por...

T – Você troca por quê?

K – Troco medo por confiança. Se não posso mudar as pessoas, a vida, eu procuro conviver com elas da melhor forma. Até com o meu ex-marido estou conseguindo expressar as minhas opiniões, que antes eu não falava. Digo a ele que não posso ficar sozinha educando Beatriz, que está pesado demais para mim ficar com tudo nas minhas costas, sendo pai e mãe. Agora já consigo protestar pela não participação dele na educação de Beatriz.

Nessa avaliação, Keila conseguiu perceber mudanças de atitude frente aos problemas que vinham atormentando o seu dia-a-dia, enfatizando a importância das atividades realizadas na melhora da sua auto-estima, o que lhe permitiu uma nova percepção das circunstâncias vivenciadas por toda a família. As estratégias terapêuticas, como a externalização do problema, as narrativas co-construídas, o certificado, a carta, o “Bazar dos Sonhos”, a fábula do “Eco da Vida,” as dramatizações com as marionetes, dentre outros recursos, permitiram ressaltar a importância que cada membro da família exercia sobre o Sr. Estresse, sobre a D. Agitação e sobre a D. Depressão. Ficou também clara a relevância do uso das metáforas na ressignificação terapêutica, enfatizando-se a importância dada por Keila aos contos de fadas e às narrativas co-construídas, especificamente aquela da cumeeira. Na linguagem de Peirce, tais recursos utilizados para se alcançar um objetivo específico que, no caso, seriam as metas terapêuticas,



equivaleriam ao conceito de *causação eficiente*, sempre ativado quando o sujeito se mobiliza para realizar algo. Se ele estiver sendo impulsionado pela força do amor e conseqüentemente motivado na sua empreitada, Peirce denomina este amor maior de *agapismo*. No caso da família de Keila, o fato de todas procurarem sair do impasse da história saturada, que incluía o sintoma rotulado de forma patológica, as leva a retomarem o fluxo da vida e, assim, o élan vital em que haja a dissolução do referido sintoma.

Dentre as estratégias usadas, destacamos a importância dos contos de fadas também enfatizada pelo terapeuta Celso Gutfreind em entrevista à jornalista Rose Campos de *Viver psicologia*. O argumento de Gutfreind para falar da relação das crianças com os contos de fadas, aplica-se ainda aos adultos, como se pôde depreender da fala de Keila, ao fazer menção à importância das histórias. Afinal, quem não tem dentro de si um pouco de criança? A esse respeito o autor dá o seguinte depoimento:

Os contos puderam abrir um espaço potencial e lúdico, ampliar a vida imaginária daquelas crianças. Antes, elas tinham uma capacidade pequena de se comunicar e de contar histórias e todas com finais negativos, sem reparação. Depois, elas apresentavam maior capacidade de verbalização, imaginação mais rica, mais fantasia, dando finais mais felizes para as histórias, elas se mostravam mais otimistas e esperançosas (Gutfreind *apud* Campos 2004, p.9).

A partir de uma carta que, então, foi enviada à família para motivá-la a se engajar na atividade da “Batalha da Vida”, as terapeutas montaram um plano de ação. Desejavam, com isso, combater as dificuldades enfrentadas por Keila e suas filhas, utilizando, nesse momento, o placar da “Batalha da Vida” e convocando todas as armas de que cada uma dispusesse para atacar os inimigos. Além disso, buscou-se canalizar a energia de Beatriz para a aprendizagem, através das atividades lúdicas encontradas na malinha que continha diversas brincadeiras educativas, uma vez que foi enfatizado, ao longo das diversas sessões, que uma forma de espantar a D. Agitação era entreter a menina com brincadeiras.

Em seguida, questionamos Keila sobre a referida carta que fora enviada à família, incitando mãe e filhas a fazerem o jogo do placar. Esta obedecia a um plano de ação terapêutica para fazê-las enfrentar os problemas da família. A título de provocação, jogamos uma “isca” que, pelo que pudemos perceber, foi imediatamente “mordida”. Citando a carta:



Caras Keila, Virgínia e Beatriz

Fiquem firmes nesse jogo e não deixem que o adversário leve a melhor sobre vocês. Se nos unirmos, nos tornaremos especialistas em vitórias contra o Sr. Estresse, contra a D. Agitação e contra a D. Depressão. Vocês não conhecem o filme do caça-fantasmas? Pois seremos caça-problemas! Saberemos TUDO sobre eles e até conseguiremos prever quando irão aparecer. Assim, poderemos nos libertar desse mal e, JUNTAS, GANHAREMOS A BATALHA. Queremos ver, no próximo atendimento, se vocês são mesmo boas jogadoras, de verdade! Às vezes, a equipe lá atrás do espelho, pensa que vocês serão dominadas, definitivamente, pelo Sr. Estresse, por D. Agitação e D. Depressão, mas nós que estamos face a face com vocês, acreditamos, SIM, que vocês vencerão essa Batalha da Vida! Caso, passados três meses, vocês não conseguirem nenhuma vitória importante sobre os adversários, aí, então, nós concordaremos com a equipe, atrás do espelho. Mas, agora NÃO! Agora, nós ACREDITAMOS, SIM, porque estamos vendo que vocês já conseguiram ter algumas vitórias, enfraquecendo a vida desses adversários perigosos e mal encarados.

Boa sorte. Estamos com vocês. Angélica e Sílvia. Salvador, 7 de novembro de 2004

Trata-se, como se pode perceber, de uma atitude provocativa que tinha sido planejada com o objetivo de antropomorfizar e externalizar o problema, além de sensibilizar a família. De mobilizá-la e levá-la à ação, através de um jogo de acreditar e não acreditar, apostar ou não em uma direção em que a família ganharia ou perderia a partida contra o adversário. Logo, só lhes restaria lutar e dar o seu melhor. Tal intervenção, pelo que se pôde constatar através do diálogo abaixo, parece ter atingido o efeito desejado:

T – E vocês receberam a cartinha que a gente mandou?

K – Recebemos, sim.

T – Tiveram a oportunidade de ler?

K – Lemos. Virgínia até gostou muito, achou maravilhosa, só não gostou de uma coisa.

T – Que coisa?

K – Que tem uma parte da carta, que fala que a equipe atrás do espelho não está acreditando muito na nossa melhora, alguma coisa assim que fala, né?



T – Mas a gente está acreditando em vocês.

K – Eu fiquei triste porque eu estou me esforçando muito.

T – Sabe por quê? Porque eles não conhecem vocês como a gente conhece, mais de perto. Porque uma coisa é a gente olhar atrás do espelho. Você olhar um artista ao vivo e a cores, na sua frente, não é completamente diferente da televisão?

K – É, o pior é que é.

T – Então, é a mesma coisa, aqui. “Será que vão conseguir?”, a equipe disse. Mas, a gente sabe que vão conseguir, sim, só depende de vocês.

K – É.

T – Porque a gente tem acompanhado vocês de perto e vemos progressos.

K – Vi até disse: “A gente tá se esforçando”. Aí eu respondi: “É”. Aí ela disse: “É, mãeinha, eu não sei porque então, falaram isso. Mas tudo bem”.

T – É que a gente sabe que essas coisas demoram, tudo na vida tem um tempo, né?

K – Com certeza, não pode ser tudo assim rápido.

T – Porque tudo tem o seu tempo, mas a gente acredita em vocês, entenderam? E a gente sabe que vocês são capazes de muito mais.

K – É, nós estamos felizes por isso. Até hoje de manhã estávamos falando disso, do quanto nós já melhoramos.

Então, buscamos encorajar e levantar a auto-estima de cada uma, mas sempre propondo desafios a serem vencidos. Mas, apesar da família dizer que estava fazendo o possível para vencer, o registro do jogo não correu a contento, pois só Keila havia marcado o placar da “Batalha da Vida”.

T – E na vez passada, lembra que fizemos aquele placar?

K – Foi, inclusive eu nem trouxe porque Vi não marcou nada.

T – Não marcou nada?

K – Não, porque ela não tá tendo tempo. De manhã, ela dá banca, aí quando termina, vai correndo tomar banho, almoçar, se vestir para ir ao curso. Aí chega à noite, já cansada, oito, oito e tanto. Toma banho, janta e dorme. Às vezes, ainda fica estudando.

T – O que é que vocês tinham de fazer mesmo?



K – Nós tínhamos que marcar num placar. Quando o estresse vencesse a gente, aí a gente marcaria um ponto a favor dele. E um ponto a nosso favor, quando a gente vencesse. E ainda anotar o que a gente tinha feito para conseguir essa vitória.

T – E você... marcou?

K – Eu marquei.

T – Você registrou o quê?

K – Momentos em que apareceu o Sr. Estresse querendo dominar Beatriz ou D. Agitação querendo me dominar. Eu estou tentando vencer eles, ficando mais calma. Estou procurando ter mais paciência e mais calma com Beatriz.

T – Quantos pontos você conseguiu computar a seu favor?

K – Por enquanto 4 a meu favor e 2 a favor do estresse.

T – É importante você marcar para ter uma idéia exata de quem está vencendo e com que vantagem, viu? De que mais você se lembra? No placar, quem tava ganhando?

K – Minha paciência e eu estamos vencendo. Estou procurando manter a calma e a calma tá vencendo. Eu até conversei com Virgínia sobre a necessidade de ter mais calma com Beatriz e procurar distrair ela. Aí ela disse: “Ah, mãinha, mas tem horas que, realmente, não dá pra ter paciência, não dá pra manter a calma porque só quem sabe mesmo é quem tá ali, vivendo”. Mas a gente tá tentando, enfatizou Keila.

T – Tentar é pouco, a gente tem que fazer acontecer.

K – Tem que fazer mesmo.

T – E o que você exatamente marcou no placar? O que é que você lembra de ter marcado?

K – Eu marquei mais em relação à paciência e à calma, né?

T – Você marcou algum ponto para o “Sr. Estresse”?

K – É, tem, 2 e eu já tinha marcado 4 a meu favor. Esta semana mesmo, teve um dia que eu gritei com Beatriz e quase dei uma palmada nela. O outro dia, eu fiquei tão nervosa que não dormi, só pensando na vida. Aí eu marquei os 2 pontos a favor do estresse.

T – Mas você marcou mais a seu favor?

K – Mais a meu favor porque na maioria das vezes eu tenho conseguido me controlar e não ficar mais tão nervosa.



T – E nesses momentos sem efeito que você marcou a seu favor, você lembra exatamente o que foi que aconteceu? O que foi que você fez para não entrar nessa questão, não deixar esse o Sr. Estresse vencer você?

K – Eu me lembro que Saulo falou uma palavra que eu também não gostei muito., chamou Beatriz de maluca. Peguei e chamei atenção dele. Disse que não admitia que ele chamasse a irmã assim. Mas não gritei, não me estressei, simplesmente falei com a maior calma. Peguei ele, levei para o quarto e disse que não admitia que ele chamasse a irmã assim. Aí ele se acalmou e parou. Mas ela é pirracentazinha e fica insistindo. Eu continuei calma, conversei também com ela, beijei, abracei e ela foi se acalmando. Outra vez, quando Beatriz estava com o pente, eu me afastei da sala, deixei ela sozinha e fui cuidar da cozinha. Eu que estava nervosa, querendo brigar com ela, me acalmei e, quando eu voltei, ela já estava fazendo outra coisa. Ainda mais uma outra vez, eu telefonei para o pai dela, pedindo a ele que conversasse com Beatriz, que estava fazendo mal criação, e ela, que gosta tanto do pai, se acalmou para conversar com ele. Assim, ao invés de perder a paciência com ela, eu resolvi a situação.

T – Então, nesse meio tempo, você botou para funcionar a sua paciência, conversou com Beatriz e com Saulo, procurou distrair Beatriz e assim, afastou D. Agitação e Sr. Estresse, não foi?

K – Foi.

T – Muito bem, parabéns.

Desse modo, conseguimos externalizar os problemas como forças alheias à família, atentando para os efeitos que tais dificuldades vinham exercendo sobre a vida de cada um ou como cada um enfraquecia a vida dos problemas. Destacamos, ainda, os momentos extraordinários, que coincidiram com as vitórias contra o estresse traiçoeiro. Como força expansiva, sobressaiu a crescente paciência de Keila e o cuidado de Virgínia, apesar do comportamento rebelde da criança. Ainda falando sobre a metáfora da Batalha da Vida, seguiu-se o diálogo:

T – Que mais outras coisas você marcou em relação a Beatriz?

K – O que eu marco sempre é esse lado dela ficar implicando, e eu fico tentando ter paciência. Já conversei com Virgínia sobre isso também, para ela ter um pouco mais de paciência com Beatriz. Quando ela implicar, é para ela sair de onde estiver para ver se ela esquece, porque Beatriz é muito inquieta, pirraça mesmo, tem horas que Virgínia perde a paciência. E olhe que Virgínia é muito paciente, é calma. Só perde as estribeiras de vez em quando.



T – E Beatriz marcou alguma coisa no placar?

K – Ela não marcou nada, eu até falei com ela.

Como se pode observar, há um elo forte entre Virgínia e Keila, expresso pelo modo como a mãe fala das qualidades da filha mais velha, inclusive da sua grande calma para tratar Beatriz. Quanto às atividades desempenhadas por Beatriz, especialmente as da malinha, elas fariam parte de um plano de ação terapêutica para ajudar a criança a driblar o “estresse” ou a “agitação traiçoeira” e, assim, computar mais momentos extraordinários a seu favor.

K – Beatriz está fazendo as tarefas da malinha que vocês emprestaram a ela.

T – Ela tá gostando?

K – Tá, sim.

T – E quando ela está entretida com isso, como se comporta?

K – Ah, fica calminha. Ela deita no chão como ela ficou aquele dia aqui e fica desenhando. Ela tem usado a malinha direto. Quando Beatriz fica daquele jeito, aí eu digo: “vá pegar a malinha para você fazer as tarefas” e, com isso, ela acaba se acalmando. Foi uma boa idéia essas tarefas, porque Beatriz é muito ativa e, com isso se distrai.

T – Então, se a gente trocar a atividade dela por brincadeira, por aprendizado, vai ser bom para afastar o Sr. Estresse dessa família. Assim, vocês vão poder marcar pontos para a família no placar da Batalha da Vida contra o Sr. Estresse.

Fizemos uma releitura, que transformou a energia desperdiçada de Beatriz em aprendizagem ou em brincadeiras. Desse modo, mais e mais dados sobre como travar uma batalha contra o “Sr. Estresse” foram acumulados. Além disso, aproveitando que Keila tinha ido desacompanhada para a terapia, conversamos com ela sobre a necessidade de impor limites a Beatriz. Foi importante conversar com Keila sobre a necessidade de impor limites na família e debater sobre possíveis formas de fazê-lo, o que incluía firmeza com Beatriz, mas, ao mesmo tempo, amorosidade. Era importante que Keila compreendesse que, em se tratando de limites, também ela precisaria entender que também o papel de mãe tem seus limites. Ela teria de confiar mais em Antônio como pai responsável, permitindo-lhe sair com Beatriz. Não só Keila se sentiria menos sobrecarregada, mas, ao sair com o pai, a menina ficaria mais calma e feliz. Nessa questão dos limites, também Saulo deveria ser incluído, procurando



Keila conversar seriamente com ele para não admitir que o irmão rotulasse negativamente a criança, pois tal comportamento estaria afastando ambos.

Uma outra questão trabalhada na terapia e relacionada a “Batalhas da Vida” tem a ver com o fato de Keila e Virgínia estarem sempre se envolvendo com figuras masculinas inadequadas. Por que será que isso ocorria com certa frequência? Haveria algum meio de evitar isso? Logo, esse padrão parecia se repetir, atuando como uma força restritiva na família. As traições eram recorrentes e, no momento se evidenciavam pelo fato do novo namorado de Keila ter sumido, segundo ela própria afirmou. Mais uma vez, a questão da traição veio à baila:

T – E aí, você ainda está namorando, Keila?

K – Eu não to bem porque aquela pessoa sumiu.

T – Foi? Isso já aconteceu antes, não foi?

K – Com certeza, e comigo, isso sempre se repete.

T – Você atribui a quê?

K – Não sei, tava indo tudo tão bem!

T – Existe alguma coisa que aconteceu neste relacionamento e que já teria acontecido em outros? Qual a contribuição que você dá para que isso se repita.? Qual seria sua participação nisso tudo?

K – Acho que confio demais nas pessoas antes de conhecer direito. Devia ficar mais com o pé atrás, e não confiar logo. Eu acho que é essa a minha contribuição para que eles não me levem a sério.

T – E o que é que você acha que devia fazer para evitar que as pessoas apareçam e desapareçam da sua vida? Como fazer para você ganhar essa Batalha da Vida e marcar pontos a seu favor, ao invés de ficar se estressando?

K – Acho que o melhor seria arranjar uma pessoa de minha religião, com os mesmos valores em que eu acredito.

T – E você acha mais seguro?

K – Acho. Onde eu frequento, a maioria dos homens são casados e fiéis às suas esposas. Não são aqueles homens machistas que só querem saber de mandar nas mulheres e fazerem farra na rua.

T – Então, quer dizer que se você arranjar uma pessoa com valores próximos aos seus e não confiar demais antes de conhecer alguém, isso afastaria de você o Sr. Estresse?



K – Talvez. Então, talvez seja melhor mesmo buscar uma pessoa com os princípios parecidos com os meus e também não achar que todo mundo é bem intencionado.

A conversa em torno da participação pessoal de Keila e as suas dificuldades relacionais permitiu que ela se desse conta de que detinha um grande poder, até então ignorado. Com efeito, podia sair da posição de vítima em que os homens eram os grandes vilões em sua vida para exercer um papel mais ativo em que ela própria poderia, através de suas escolhas, decidir os parceiros que mais lhe conviessem para conviver. Com a nova postura e esse poder recém descoberto, ela poderia assinalar vários pontos no placar da “Batalha da Vida” para afastar os problemas que estavam lhe dominando e tirando o sossego.

Através desse diálogo, Keila focalizou a sua atenção nas forças expansivas da família, nos valores que cada uma privilegiava, tais como ser amoroso, fiel, recatado, religioso. Segundo Keila, estes seriam os pré-requisitos necessários para que pudesse ser feliz com um novo companheiro e, pelo seu discurso, percebemos que ela ainda tinha esperança de encontrar alguém especial em sua vida.

Pedimos, finalmente, que a família continuasse atenta a marcar o placar de “A Batalha da Vida”, procurando preenchê-lo devidamente, para que todas pudessem juntar mais informações sobre o “Sr. Estresse” e, assim, vencê-lo, com as estratégias adequadas. Além disso, Keila foi encorajada a imaginar outros meios de impor limites a Beatriz ou ajudar a canalizar a energia da criança. Finalmente, a sessão terminou com um cumprimento, tendo Keila sido conotada positivamente: “Parabéns, Keila, pela sua coragem, pois, mesmo sozinha, sem as meninas, você veio. Parabéns, nós acreditamos em você. Você faz jus ao seu nome: Keila Regina Valente”. Você sabe que ‘Regina’ significa rainha, logo você é uma rainha valente no “Jogo da Vida”.

Este foi o último atendimento, depois da avaliação realizada, que teve como efeito deixar a família mais consciente do papel ativo que tem para lidar com as suas dificuldades. Mais fortalecidas, mãe e filhas estariam equipadas com estratégias para enfrentar os desafios da vida, mais alertas para a dinâmica familiar e para a questão da inter-relação entre todos os fatores daquele sistema. Acreditamos que Keila, Virgínia, e por que não dizer, também Beatriz, teriam saído da terapia com um outro entendimento do seu próprio mundo, do mundo interior de cada uma. Afinal de contas, tudo é um sistema, já que vivemos em uma rede de inter-relações. Tudo tem



a ver com tudo, se considerarmos o conceito de inter-ser, que regula a nossa vida, e que gostaríamos de reiterar, a seguir:

Se você for um poeta, verá claramente que existe uma nuvem flutuando nesta folha de papel. Sem a nuvem, não haverá chuva, sem chuva as árvores não poderiam crescer e sem árvores não poderíamos fazer o papel. A nuvem é essencial para o papel existir. Se a nuvem não estivesse aqui, a folha de papel também não poderia estar.

E acrescentaríamos:

Se nós terapeutas não estivéssemos lá para acreditar que a família PODE transformar suas histórias de vida, construindo auto-relatos mais otimistas, não poderíamos estar lá. Sem esperança, não há mudança. A esperança é essencial para a vida existir.



REFLEXÕES FINAIS

Este trabalho sobre narrativas, que foi tecido a partir do contato com uma família monoparental, demonstrou que os novos modelos de família, hoje, estão cada dia mais frequentes. Contudo, o que constatamos é que mesmo a mulher chefiando a própria casa ainda se sente como que assujeitada, tímida e com dificuldade de expressar as suas opiniões, principalmente em se tratando de uma classe mais pobre e sem instrução. Mas a auto-estima valorizada de Keila foi um dos ganhos mais evidentes neste trabalho, chegando ela mesma a verbalizar, na avaliação, que agora estava conseguindo negociar mais com o seu antigo parceiro, externando opiniões e defendendo seus próprios interesses, o que antes não se sentia capaz de fazer.

Além disso, passou a ficar mais atenta ao padrão que se repetia na sua relação com os homens, que, com frequência, terminava em traição. Que traços de personalidade teriam esses homens, que ela não estaria sabendo detectar para afastar-se deles?

Como pudemos constatar, a prática terapêutica narrativa que adotamos pautou-se em uma abordagem pós-estruturalista e em um contexto sistêmico-cibernético, em que as observadoras do fenômeno, as terapeutas, não se encontram apartadas do observado, mas interagem com ele e são também afetadas por ele. Assim ocorreu na terapia narrativa desenvolvida com a família de Keila, em que houve uma interação e uma co-construção de histórias a muitas mãos, considerando que era a família que fornecia os elementos que entrariam naquele enredo, enfim, todo o discurso, em que os fios dos relatos seriam tecidos. A história do pica-pau pôde ilustrar essa abordagem sempre voltada para os interesses e para a linguagem da família.



Também, a questão da inter-relação entre os elementos do sistema, bem como dos múltiplos olhares e verdades alternativas que o perpassam foi privilegiada, o que ficou evidente através da importância dos relatos subordinados que iam emergindo, ao longo do processo terapêutico.

A esse olhar sistêmico, preocupado em acompanhar como a rede de influências acontece na família, acrescentamos técnicas terapêuticas desenvolvidas por White & Epston e que achamos seriam relevantes para o nosso atendimento terapêutico. Dentre o recorte que decidimos fazer dos princípios norteadores da abordagem de White, escolhemos prestar especial atenção ao uso das metáforas na ressignificação das narrativas terapêuticas. Essa figura de linguagem que pode perpassar signos verbais e pictóricos, mostrou-se de uma eficiência ímpar no trabalho desenvolvido com a família em apreço, na medida em que trouxe para o campo do visível, quase palpável, conceitos abstratos ou sentimentos, esperanças, sonhos, o que aconteceu, por exemplo, na atividade o “Bazar dos Sonhos”. Tudo podia ser tocado, pegado, trocado, negociado, co-construído. Os elementos das metáforas que serviram para o resgate de novas identidades foram trazidos pela família. Dentre as metáforas que utilizamos destacamos a da “Batalha da Vida”, a dos “Ecos da Vida”, a da “Cumeeira e o do Pica-Pau”.

Para analisar as metáforas trabalhadas, recorremos às categorias da fenomenologia peirceana e seus princípios axiais, acreditando que tais classificações seriam úteis para observarmos e nos atermos ao nosso objeto de estudo. Esses conceitos peirceanos provaram ser relevantes para a análise proposta, facilitando a apreensão de vários aspectos diferentes do mesmo objeto. A base teórica utilizadapretendeu ajudar as terapeutas e os membros da família a organizarem melhor a sua percepção, além de lhes servir de metalinguagem para discutir seus achados, contribuindo para que se pudessem levantar hipóteses com vistas à resolução dos impasses familiares. Através de uma linguagem que buscou privilegiar o princípio da analogia para estimular sínteses inusitadas, a imaginação e a criatividade foram estimuladas para fazerem emergir novas histórias subordinadas contadas e recontadas pela família, o que terminou dissolvendo os problemas trazidos, semeando esperança para todos aqueles envolvidos.

No percurso trilhado com a família, desde os primeiros passos em direção à desconstrução de velhas histórias e à construção de novos relatos alternativos, tivemos a oportunidade de crescer todas juntas e de revisitar crenças básicas ou mitos que precisavam ser desafiados. Medos e inseguranças foram constantemente trabalhados para estimular novas construções de



identidade; para se fazerem ouvir novas vozes dentro de nós mesmos, capazes de nos tornar mais plurais, mais abertos, mais disponíveis, mais despojados, mais solidários com a dor do outro, que também é a dor de cada um de nós.

Nesse mundo do faz-de-conta em que reina a terapia narrativa, tudo pode ser. Coloca-se em suspenso a nossa relação com o cotidiano e passamos a viver outras vidas, outras histórias e tantos outros rostos. Uma multiplicidade pautada na interação de dois mundos que parecem distintos, o do cotidiano e o da ficção, acabaria por revelar que essa divisão é tênue, tendo esses dois mundos funções distintas na vida do ser humano: um com seus obstáculos, o outro com a sua criatividade. O ideal é que o sujeito se empenhe em colher dados relacionados com os limites e obstáculos que enfrenta no seu dia-a-dia, levando esses desafios para o imaginário a fim de, através de sua criatividade, montar estratégias para suplantar esses obstáculos e, assim, transformar seu *status quo* de forma que essas circunstâncias existenciais se aproximem do sonho perseguido. De fato, o interessante é que o homem não fique só no imaginário, dissociado da realidade, nem tampouco preso à realidade, desligado do seu imaginário. Em ambas as situações, ele ficará limitado. Convém, sim, que ele passeie entre esses dois mundos, colhendo dados do cotidiano para serem processados pela criatividade. Ao fazer isso, o sujeito estará diluindo essas fronteiras tênues entre dois espaços em que transita, pois a grande fábula ou o signo maior, que constitui a fábula da vida de cada um, pode ser concretizada no dia-a-dia se acreditarmos nela e buscarmos ter um papel ativo na construção de novas histórias. O homem sem amarras, sem suas crenças limitantes poderá ser o autor e não ator de sua história, na medida em que esteja em contato com a própria criatividade, impulsionado pelo seu élan vital que o empurra para diante, para ir cumprindo as metas almeçadas e sempre renovadas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARILHA, M. *Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica*, Petrópolis: Vozes, 1997.
- ANASTÁCIO, S. “Ouvindo Kaká Vera”. Notas colhidas In: VERA, Kaká, *Congresso brasileiro de literature comparada*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- ANDERSEN, T. “The reflecting team: dialogue and meta-dialogue in clinical work”. In: *Family Process*, 26, s.l.: 1987, p. 415-428.
- ANDERSEN, T. *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Noos, 1991.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2^a edição, 1981.
- BANDINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 53 – 81.
- BARTHES, R. *A morte do autor*. Trad. Antonio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BARTHES, R. *Teoria do Texto*. In: *Oeuvres complètes*. Tome II. Paris: Seuil, 1994.
- BATESON, G. *Steps to the ecology of mind*. New York: Ballantine Books, 1972.
- BERTALANFFY, L. *The meaning of general system theory*. New York: Braziller, 1968.



- BOOTH, W. C. “A metáfora como retórica: o problema da avaliação”. In: SACKS, S. *Da metáfora*. S. Paulo: EDUC, 1992, p. 53-75.
- CAMPOS, R. “Era uma vez na clínica”. In: *Viver psicologia*. Fevereiro, 2004. www.revista.viverpsicologia.com.br
- CAPRA, F. *A teia da vida*. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. SP: Cultrix, 1999.
- CAREY, M. R. “Externalising: commonly asked questions”. In: *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, n. 2, s.l., 2002.
- CAREY, M. R. “Re-membling: responding to commonly asked questions”. In: *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, n. 3, s.l., 2002.
- CAREY, M. R. “Outsider-witness practices-Some answers to commonly asked questions”. In: *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, n. 1, s.l., 2003.
- CECCHIN, G. “Construcionismo social e irreverência terapêutica”. In: SCHNITMAN, F. D. (org.) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes médicas, 1996, p. 216-227.
- CHAUÍ, M. “Janela da Alma. Espelho do Mundo”. In: *O Olhar*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 31-63.
- CHAVES, A. M. *et al.* “Representação social de família entre jovens estudantes de escolas públicas e particulares”. In: *Estudos de psicologia*. Campinas, V. 10, nº 2, mai/ago 1993.
- CHAVES, A. M. *et al.* *Representação social de mães acerca da família*. S. l.:2002.
- DALACORTE, M. C. F. “Metáfora e contexto”. In: PAIVA, V. L. (org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 63-70.
- DAVIDSON, D. “O que as metáforas significam”. In: SACKS, S. *Da metáfora*. S. Paulo: EDUC, 1992, p. 35-51.
- DELL’ISOLA, R. “A metáfora e seu contexto cultural”. In: PAIVA, V. L. (org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 39-51.
- DERRIDA, J. *Writing and difference*. Chicago: University of Chicago Press, 1978.



DERRIDA, J. “Carta a um amigo japonês”. In: *Tradução*. OTTONI, P. (org.) *A prática da diferença*. S. Paulo: Fapesp, 1998, p. 19-25.

DE SHAZER, S. *Keys to solution in brief therapy*. N. York: Norton, 1985.

DUNNE, P. *The narrative therapist and the arts*. Los Angeles: Drama Therapy Institute of Los Angeles, 1992.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do estado: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

EPSTON, D. “Expanding the conversation”. In: *Family Therapy Networker*, Nov/Dec. 1992, republished In: EPSTON, D. *Catching up with David Epston: a collection of narrative practice-based papers*. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 1998.

EPSTON, D. *et al.* ‘*Catching up*’ with David Epston. A collection of narrative practice-based papers published between 1991-1996. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 1998.

ESTEVES, M. J. *Pensamento sistêmico*. O novo paradigma da ciência. S.Paulo: Papirus, 2002.

FOERSTER, H. V. “Sobre Sistemas Auto-Organizadores y sus Ambientes”. In: PACKMAN, M. (Eds), *Las Semillas de La Cibernetica: obras escogidas de Heinz Von Foerster*, Barcelona: Gedisa, 1960, p. 39-55.

FOUCAULT, M. *The birth of the clinic: an archaeology of medical perception*. London: Tavistock, 1973.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. *Discipline and punish: the birth of the prison*. Middlesex: Peregrine Books, 1979.

FOUCAULT, M. “The ethic of the care of the self as a practice of freedom”. In: BERNAUER, J.; RASMUSSEN, D, (ed.). *The final Foucault*. Cambridge: MIT Press, 1988.

FREER, M. “Taking a defiant stand against sexual abuse and the mother-blaming discourse”. In: *Gecko: a journal of deconstruction and narrative ideas in therapeutic practice*, n. 1, s.l., 1997.

GONÇALVES, O. F. *Psicoterapia cognitiva narrativa*. Manual de terapia breve. S.Paulo: Editorial Psy, 1998.



GRANDESSO, M. *Sobre a construção do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GRANDESSO, M. “Famílias e Narrativas: Histórias, histórias e mais histórias”. In: CERVENY, C.M.O. (org.) *Família e...* S.Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GRAZIANO, L.; APPOLINÁRIO, F. “A exploração das dimensões narrativas no trabalho de adolescentes: uma experiência”. In: FERREIRA, R.; ABREU, C. *Psicoterapia e construtivismo*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 241-249.

GROTBERG, E. “Resilience and culture/ethnicity. Examples from Sudan, Namibia, and Armenia”. In: *Annual Convention of the International Council of Psychologists*, Italy, 1997.

HARRIES, K. “A metáfora e a transcendência”. In: SACKS, S. *Da metáfora*. S. Paulo: EDUC, 1992, p.77-93).

‘Interser’. In: *Fascículos de Educação Ambiental*. Ano V, n.1, jun/2005 p.2 http://www.ufmt.br/gpea/fasciculos/fasc01_GPEA.pdf. < Acessado em 10 de Janeiro de 2007 >.

JACQUET, C.; COSTA, L. F. “Apresentação”. In: *Família em mudança*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004, p. 13-14.

JHOFFMAN, L. “Beyond power and control: towards a second-order family systems therapy”. In: *Family Systems Medicine*, 3, s.l.: 1985, p. 381-396.

_____. “A constructivist position for family therapy”. In: *The Irish Journal of Psychology*, 9, s.l.: 1988, p. 110-129.

_____. “A reflexive stance for family therapy”. In: *Therapy as Social Construction*, London: Sage Publications, 1992, p. 7-24.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *The metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAZARUS, R. S., FOLKMAN, S. *Stress, appraisal and coping*. Nova York: Springer, 1984.

LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MAN, P. de. “A epistemologia da metáfora”. In: SACKS, S. *Da metáfora*. S. Paulo: EDUC, 1992, p. 19-34.



MANN, S.; RUSSELL, S. “Narrative ways of working with women survivors of childhood sexual abuse”. In: *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, n. 3, s.l., 2002.

MARTI, C.; LAMPREA, M. *A publicidade moderna*. Lisboa: Presença, 1995.

MARUYAMA, M. “The Second Cybernetics: deviation-amplifying mutual causal processes”. In: BUCKLEY, W. (Comp.), *Modern Systems Research for the Behavioral Scientist*, Chicago: Aldine, 1968, p. 304.

MATURANA, H. R. “Tudo é dito por um observador”. In: MATURANA, H. R.; MAGRO, C.; GRACIANO, M.; VAZ, N. (Org.), *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p, 53-76.

MOLINA-LOZA, C. A. *Eu não sabia...mas Clio me contou*. Narrativas terapêuticas II. Belo Horizonte: ArteSã, 2000.

MONTEIRO, R. F. *Jogos dramáticos*. S.Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. S. Paulo: Cultrix, 1961.

MYERHOFF, B. “Life history among the elderly: performance, visibility and remembering”. In: RUBY, J. (ed.) *A crack in the mirror*. Reflective perspectives in anthropology. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1982.

MEYERHOFF, B. “Life not death in Venice: its second life”. In: TURNER, V.; BRUNER, E. (eds.): *The Anthropology of experience*. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

NEIMEYER, R. “Psicoterapias construtivistas: características, fundamentos e futuras direções”. In: NEIMEYER, R.; MAHONEY, M. (org.). *Construtivismo em psicoterapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NEYLE. “Um mundo sem mulheres: O feminismo existencialista de Simone de Beauvoir”. In: *História do feminismo*. S.l., S.d

O’HANLON, W.; WEINER-DAVIS, M. *In search of solutions: a new direction in psychotherapy*. N. York: Norton, 1989.

OLIVEIRA, M. L.; BASTOS, A. C. “Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos”. In: *Psicologia, reflexão e crítica*, vol. 13, nº 001. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 2002.

OLIVEIRA, V. S. *Poesia e pintura*. Um diálogo em três dimensões. S.Paulo: Editora da UNESP, 1999.



- OMER, H.; ALON, N. *Constructing therapeutic narratives*. New Jersey: Book-mart Press, 1997.
- PAIVA, V. L. (org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- PEIRCE, C. S. *Philosophical Writings of Peirce*. N. York: Dover Publications, 1955.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. S. Paulo: Perspectiva, 1990.
- PIGNATARI, D. *Semiótica e Literatura*. S. Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- PINTO, A. G. *Publicidade: discurso de sedução*. Porto: Porto Editora, 1997.
- PRIGOGINE, I; STENGERS, I. *A nova aliança*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.
- PESSOA, F. Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- REDDY, M. “The conduit metaphor”. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor*. London: Cambridge University Press, 1979.
- REIS, J. R. T. “Família, emoção e ideologia”. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (org.). *Psicologia social – o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 99-124.
- REPPOLD *et al.* “Prevenção de problemas de comportamento e o desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais”. In: HUTZ. *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. S.l.: 2002.
- REY, F. G. “Prólogo”. In: MOLINA-LOZA C. A. *Eu não sabia... mas Clio me contou*. Narrativas terapêuticas II. Belo Horizonte: ArteSã, 2000, p. XV-XVIII.
- RICOEUR, P. “O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento”. In: SACKS, S. *Da metáfora*. S. Paulo: EDUC, 1992, p.145-160.
- ROMANELLI, G. “Autoridade e poder na família”. In: CARVALHO, M. (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez Ed., 1995. p. 73-87.
- RUSSELL, R. L. “Narrative in views of humanity, science, and action: lessons for cognitive therapy”. In: *Journal of Cognitive Psychotherapy: An International Quarterly*, 5, s. l.: 1991, p. 241-256.



RUSSELL, R. L.; VAN DEN, Broek. “Changing narrative schemas in psychotherapy”. In: *Psychotherapy*, 29, s.l.: 1992, p. 344-354.

RUSSELL, S.; CAREY, M. “Remembering: responding to commonly asked questions”. In: *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, n. 3, s.l., 2002.

RUSSELL, S.; CAREY, M. *Narrative therapy*. Responding to your questions. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2004.

SACKS, S. *Da metáfora*. S. Paulo: EDUC, 1992.

SALLES, C. *Uma Criação em Processo: Ignácio de Loyola Brandão e ‘Não Verás País Nenhum’*. Dissertação de Doutorado. S. Paulo: Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, 1990.

SALLES, C. *Crítica Genética*. S. Paulo: Educ, 1992.

SÂMARA, E. M. *A família brasileira*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SANTAELLA, L.; OLIVEIRA, A. C. *Semiótica da literatura*. S. Paulo: EDUC, 1987, v. 28.

SANTAELLA, L. “Por uma classificação da linguagem visual”. In: MACHADO, A. *et al. Face*. v. 2. n. 1. junho 1989, p. 43-68.

SANTAELLA, L. *A assinatura das coisas*. Peirce e a literatura. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

SANTAELLA, L. *Semiótica aplicada*. S. Paulo: Thomson, 2002.

SAVAN, D. “Peirce semiotic theory of emotion”. In: *Proceedings of the C. S. Peirce Bicentennial International Congress*, KETNER K. L. *et al.* (eds.). Texas: Lubbock, 1981, p. 319-334.

SCAVONE, L. “Motherhood: transformation in the family and in gender relations”. In: *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, V. 5, n. 8, p. 47-60, 2001.

SEBEOK, T. *Encyclopaedia of Semiotics*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

SHOTTER, J. “Dialogical psychology”. In: SMITH, J.; HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L. V. (eds.), *Rethinking Psychology*. Londres: Sage, 1995.

STRUPP, H. H.; BINDER, J. *Psychotherapy in a New Key*. N. York: Basic Books, 1984.



- THOMAS, L. "Poststructuralism and therapy – what's it all about?". *In: International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, n. 2, s.l., 2002.
- TRACY, D. "Metáfora e religião: o caso dos textos cristãos". *In: SACKS, S. Da metáfora*. S. Paulo: EDUC, 1992, p. 95-109.
- VALENTE, N.; BROSSO, R. *Elementos de semiótica*. S. Paulo: Panorama, 1999.
- VANISTENDAEL, S. *Resiliência. Como crescer superando os percalços*. Capitalizar as forças do indivíduo. Bice (*Bureau International Catholique de l'Enfance*); São Paulo: INDICA (Instituto para o Desenvolvimento Integral da Criança e do Adolescente), 1999.
- WALTERS, M.; CARTER, B.; PAPP, P.; SILVERSTEIN, O. *The invisible web: gender patterns in family relationships*. N. York: Guilford Press, 1988.
- WATZLAWICK, P.; BEZVIN, J. H.; JACKSON, don D. *Pragmática da comunicação humana*. SP: 1967, 263p.
- WHITE, M.; EPSTON, David. *Narrative means to therapeutic ends*. N. York: W.W. Norton, 1990.
- WHITE, M.; EPSTON, D. *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Barcelona: Paidós, 1993.
- WHITE, M. *Deconstruction and Therapy*. Dulwich: Centre Newsletter, v.3, 1991, p. 21-40.
- WHITE, M. "The narrative perspective in therapy". An interview by BUBENZER, D. West, J.; BOUGHNER, S. *In: Re-authoring lives: interviews and essays*, Adelaide: Dulwich Centre Publications, 1995a, p. 11-40.
- WHITE, M. "Reflecting teamwork as definitional ceremony". *In: Re-authoring lives: interviews and essays*, Adelaide: Dulwich Centre Publications, 1995b. p. 172-198.
- WHITE, M. "A conversation about accountability". *In: WHITE, M: Re-authoring lives: interviews and essays*. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 1995c.
- WHITE, M.; EPSTON, D. "A alta como um rito de passagem: pensando estratégias para uma terapia de inclusão". *In: NIEMEYER, R.; MAHONEY, M. (org.). Construtivismo em psicoterapia*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 281-293.



WHITE, M. *Narratives of therapist lives*. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 1997.

WHITE, M. *Re-authoring lives: interviews and essays*. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 1998.

WHITE, M. "Reflecting-team work as definitional ceremony revisited". In: *Gecko*, 2:55-82. Re-published In WHITE, M, *Reflections on narrative practice: essays and interviews*, Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2000..

WHITE, M. *Reflections on narrative practice*. Essays and interviews. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2000.

WHITE, M. "The narrative metaphor in family therapy. An interview in Denborough, D. (ed.). In: *Family therapy: exploring the field's past, present and possible futures*. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2001.

WHITE, M. "Definitional ceremony and outside-witness responses". In: *Workshop notes*: www.dulwichcentre.com.au August 23rd 2002.

WHITE, M. *Narrative practice and exotic lives: resurrecting diversity in everyday life*. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2004.

WHITE, M. Notas de Conferência proferida em Salvador, 2006.

WIGLEY, M. "A desconstrução do espaço". In: SCHNITMAN, F. D. (org.) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes médicas, 1996, p. 152-166.

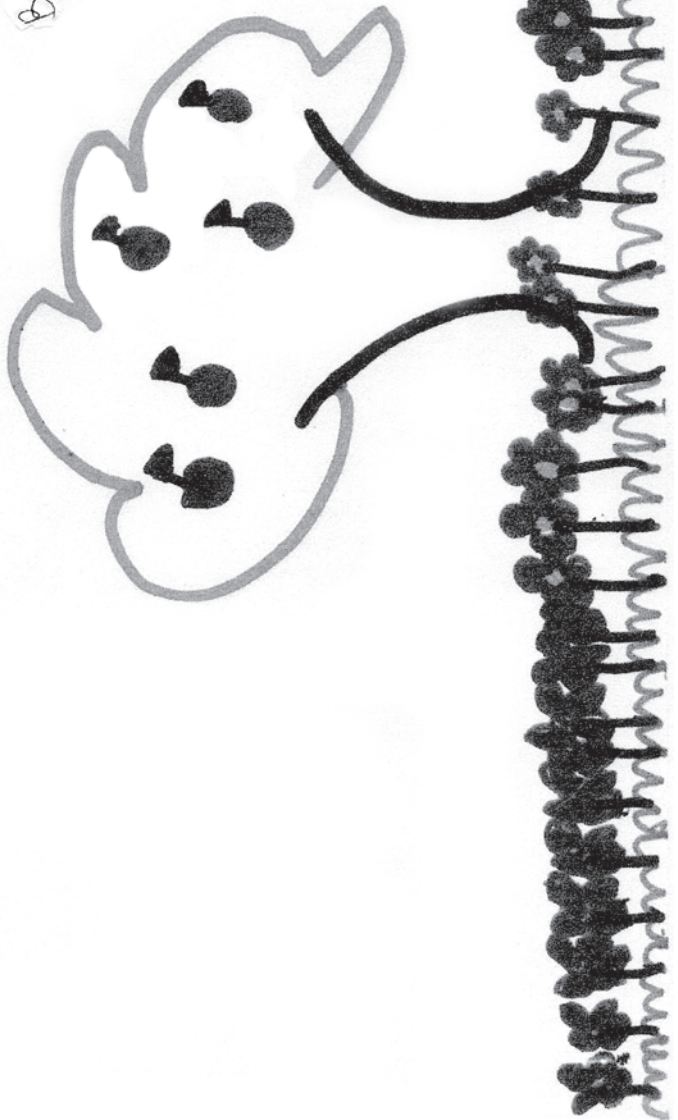
WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Trad. Marcos G. Montagnoli, Petrópolis: Vozes, 1996.

YUNES, M. A M. "Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas". In: *Resiliência e educação*, TAVARES, J. (org.). São Paulo: Cortez, 2001.

ZANOTTO, M. S. T. "Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora". In: PAIVA, V. L. (org.) *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

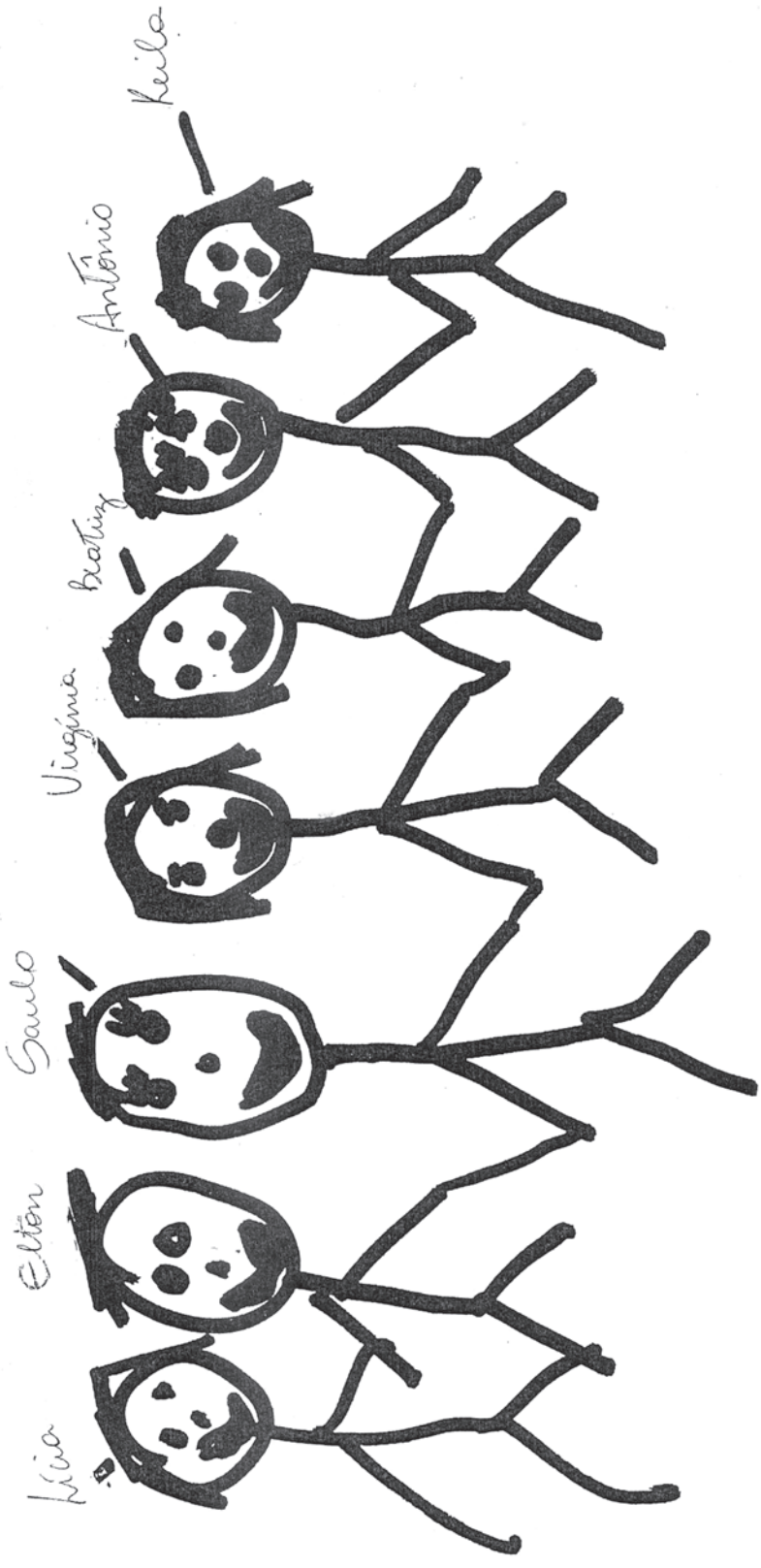
Anexos

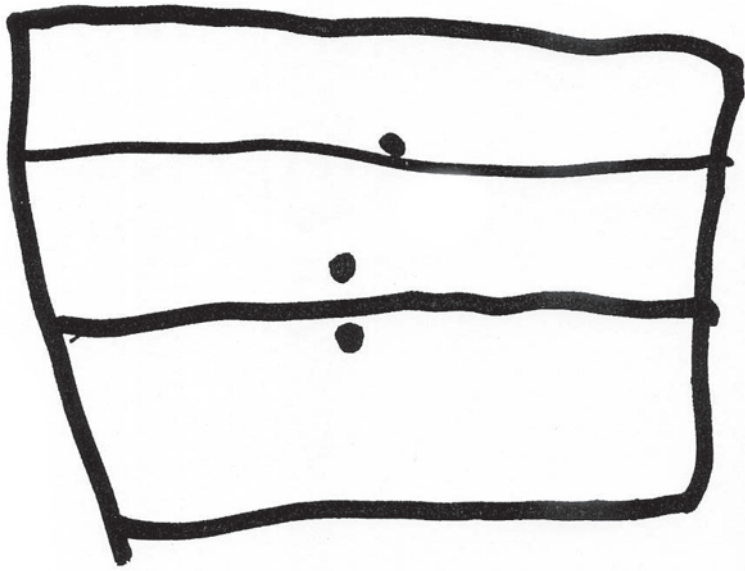
Brachycephalus
10/10/11



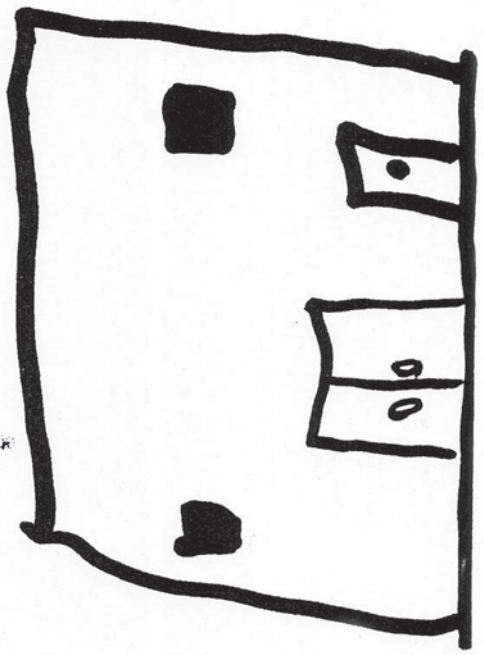
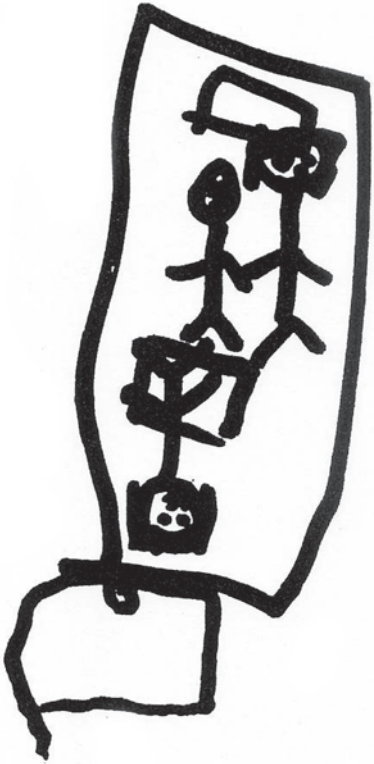
FAMILIA

Boatman
1/10/09
6:00pm





Handwritten text: "Grading 4/10/12"



Familia



23/04/2024

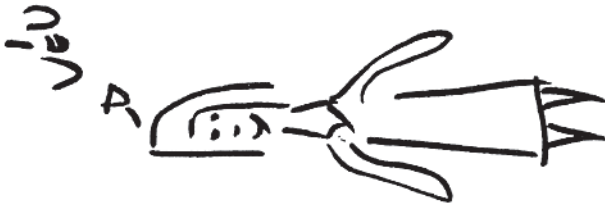
Virginia

Familia



Handwritten signature or text, possibly including the name "Lina" and the date "2/10/04".

FAMÍLIA



23/04/04
Keller

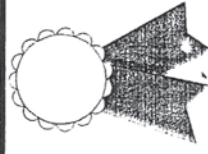


Beatriz.

07.07.04



CERTIFICADO DE BOAS VINDAS



ENTREGAMOS ESTE CERTIFICADO A KEILA REGINA E FAMÍLIA, EXPRESSANDO A NOSSA ALEGRIA POR RECEBÊ-LAS DE VOLTA, HOJE, AQUI CONOSCO.

PARABENIZAMOS, ESPECIALMENTE, KEILA REGINA PELO INTERESSE E DESEJO DE QUERER CONTINUAR A TERAPIA, COM O OBJETIVO DE AJUDAR A FAMÍLIA A ENCONTRAR SOLUÇÕES PARA AS SUAS DIFICULDADES, E ASSIM, CRIAR NOVOS PROJETOS DE VIDA. PARABÉNS, TAMBÉM, PELO NOVO EMPREGO, QUE A TORNARÁ AINDA MAIS FORTE E VITORIOSA.

ESTE CERTIFICADO SERVIRÁ PARA FAZER A FAMÍLIA SEMPRE RECORDAR QUE KEILA REGINA, BEATRIZ E VIRGINIA SÃO PESSOAS FORTES E DETERMINADAS, CAPAZES DE ESPANTAR DE SUAS VIDAS TRISTEZAS E MÁGOAS.

SALVADOR, 09 DE JULHO DE 2004.

ASS: AS TERAPEUTAS

Amim



Amim

mea pai



minha só



Vendo



mea



mea



mea



	COLOFÃO
Formato	17 x 24 cm
Tipologia	ClassGarmnd BT 10,5/14 (texto) Família Futura (títulos)
Papel	Alcalino 75 g/m ² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m ² (capa)
Impressão	Sector de reprografia da EDUFBA
Capa e Acabamento	ESB - Serviços Gráficos
Tiragem	400



Este ensaio utilizou as metáforas como um instrumento relevante para lidar com tabus, segredos, sintomas e sofrimentos trazidos à terapia. A metáfora, conhecida como o trabalho de sonho da linguagem, amplia o olhar do observador, focalizando possíveis semelhanças, até então não enfatizadas entre o signo e o objeto representado. Essas novas sínteses, instauradas por associações, formam jogos combinatórios que compõem o imaginário de cada indivíduo, gerando um mundo experimental de faz de conta em que vários recortes do mesmo fenômeno podem ser privilegiados. Esgarçando os sentidos textuais, as narrativas passam a ser ressignificadas, ao se convidar o elemento surpresa a comparecer ao palco narrativo do discurso. O impacto causado por essas leituras inusitadas propõe tantas outras visões da mesma questão quanto o codificador da mensagem puder perceber no jogo semântico instaurado pela ambigüidade narrativa. Logo, o lúdico é a tônica que passa a reger o discurso e aparece como pedra angular deste trabalho, que procurou inovar ao propor um estudo interdisciplinar entre Terapia de Família e Semiótica para dissolver os sintomas trazidos para o espaço terapêutico.

978-85-232-0506-5

